

CIRCUITO

AMARRAÇÃO ♣ RENATO REZENDE

COPYRIGHT © 2012, RENATO REZENDE  
Todos os direitos reservados

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Fernanda de Mello Gentil

PROJETO GRÁFICO  
Rafael Bucker

IMAGEM DA CAPA  
Amarração, 2012  
Fernando de La Rocque  
Desenho (técnica mista)

REVISÃO  
Debora Fleck

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Rezende, Renato  
Amarração / Renato Rezende  
Rio de Janeiro  
Editora Circuito, 2012

1. Ficção brasileira 1. Título

12-04946

CDD-869.93

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura Brasileira

869.93

---

*A Vaqueiro, Padeiro, Maradona e Soneca*  
– os melhores amigos.



QUEM TEM VOZ FALA, digo em voz alta a mim mesmo, ao atravessar a rua, um pouco antes de entrar pelo portão da emissora. Quem tem voz fala, quem tem corpo precisa usá-lo de alguma forma. Um homem se mede pelo seu corpo: braços para abraços, pernas para se enroscarem em outras pernas, olhos para trocar olhares – o olhar do outro que brilha como o nosso próprio –, dardos açucarados. Dedos carinhosos, longos, os cinco; a boca; e, por fim (resumindo), a fala, canção invisível que sai da boca, entre lábios e dentes, milagre: posse e sedução, espada e flor, matéria híbrida, coisa & não-coisa... Bem-vindo ao mundo, digo, agora em voz baixa, levemente tocando o meu próprio braço. O calor excessivo é uma bênção, uma confirmação. Até minha roupa, grudando e raspando na pele, parecia dizer o mesmo: aqui, no reino das coisas, tudo, todos os seres se roçam uns nos outros; esse atrito provoca prazer e dor; dor e prazer. Isso é tudo; e não é preciso mais nada. Que enorme espaço, penso – já

perdendo o fio da meada do meu próprio pensamento –, que enorme liberdade! O portão da emissora, de ferro pintado de negro, estava entreaberto. Um guarda cochilava numa guarita interna. Sobressaltou-se quando me viu entrando. Sou visto. Levantou-se, pediu um documento, anotou o número num caderno encardido que me pareceu inútil (*o inútil de cada um*, pensei) e com tédio explicou para onde eu deveria ir. Tá vendo aquela porta pintada de preto? Entra nela, a primeira à direita, depois o primeiro corredor à esquerda, é lá no fundo. Mas lá no fundo não havia nada que se parecesse com um *set* de estúdio, nem pessoa alguma à vista. Apenas um pequeno pátio interno e um banheiro masculino. Impaciente, retornei pelo mesmo caminho e abri uma das portas do corredor. Pequena explosão: peitos e bundas, plumas e paetês. Um grupo de oito ou dez mulatas se vestia com as fantasias de uma escola de samba. O quarto, abafado, fervilhava com o movimento apressado dos corpos, e elas pareciam não perceber a minha presença. A vontade era de ficar lá para sempre, em pé, até que alguém me notasse ou algo me expulsasse novamente para o mundo e seu fluxo de minutos. De fato, depois de algum tempo surgiu lá de dentro um homem alto, que me conduziu para o meu destino: o *set* do programa da Helô. Sentei-me numa cadeira de bar, encostado contra a parede, com meu livro entre os braços. Alguém me ofereceu algo para beber. Uma moça com papel e caneta na mão perguntou meu nome, quem eu era (*quem sou?* – demorei a responder), quantos anos havia morado na Alemanha e o título do meu livro; e me disse que eu iria entrar depois de três comerciais. De repente, tocou-se um samba e as mulatas entraram; e logo começaram

a dançar. Bem melhor do que na avenida, mexiam-se a menos de três passos dos meus olhos nervosos. Sei e não sei quem são (outra pequena explosão, com o som do samba): empregadas domésticas, funcionárias de escolas públicas, garis; na verdade, não muito bonitas, mas altas, vistosas; corpos de mulheres dançando. Entre elas havia uma realmente muito bela, que me chamou a atenção. Devia ser profissional. Quando foram entrevistadas, deu para ouvir que seu nome era Glória e que dançava em um grupo chamado *Movimento*. Glória parecia dançar para mim. O olhar de um preso no olhar do outro; o dela lago profundo, oceano, por uma eternidade que deve ter durado apenas alguns instantes. Engoli a seco e discretamente desci os olhos, vasculhando toda a extensão do seu corpo, praticamente nu. Ela sorriu. Eu desejava. Percebendo que meu desejo media detalhadamente seus seios, coxas e quadril, ela, em gracioso passo de malícia, virou-se de costas e prosseguiu sua dança de sedução. De frente, olho no olho, éramos dois seres humanos se querendo. Mas de costas, apenas corpo e cabelo em movimento, aquela mulher tornava-se uma fêmea, algo obscuro e misterioso, quase sem nome. Um objeto. Sofri o impacto: o agudo, vigoroso, incompreensível desejo antecessor a todos os outros desejos e sentimentos. Devo ter engolido a seco, novamente, encurralado. Sabia que estava suando e que, se alguém me observasse naquele momento, adivinharia facilmente o que estava se passando. Disfarçadamente – ou não – ajeitei o pau, que, eu sentia sem ousar olhar, crescia de forma perceptível debaixo da minha calça. Ela voltou-se para mim e sorriu; de novo o farol dos olhos iluminando. Respirei fundo, aliviado.

Assim começou a história de como eu me tornei quem sou, ou vim a ser quem sou agora. Como caí no meu próprio ralo, finalmente. Como a água que roda e roda na banheira, no tanque da cozinha, e finalmente ganha velocidade e se vai. Como eu vim a ser. O eu em questão sou eu mesmo. Eu: Murilo M. Ter publicado um livro já era um passo em direção a mim mesmo, uma aproximação ao ralo. Eu ganhara, ainda que superficialmente, uma identidade apresentável. Mas isso seria adiantar, ou talvez atrasar, o andar da carruagem. O fato é que, ao cruzar os portões da emissora, naquela tarde eu me sentia mais próximo do mundo, mais presente, mais *alguém*. Pois, percebia com certo espanto, como se não fosse ululante: *eu sou uma pessoa*. Mas o que é uma pessoa? Para começar – fui ainda pensando, caminhando na rua até o ponto de ônibus –, uma pessoa tem um corpo. Não dá para ser uma pessoa humana sem um corpo humano. Há dois tipos de corpos humanos: masculinos e femininos. Eles são bastante parecidos, exceto pela genitália – sim, pois um corpo humano é um corpo mamífero e pertence, portanto, a uma espécie que se reproduz sexualmente – e alguns outros detalhes, como, por exemplo, os homens tendem a ser um pouco maiores do que as mulheres, mas isso varia muito. Então em ambos os corpos haverá um par de olhos – e uma pessoa sem olhos é algo muito esquisito, muito nos incomoda – e tudo aquilo que configura um rosto: nariz, boca, orelhas. Por essas aberturas, principalmente, o corpo apreende o mundo, faz lá suas sutis conexões com a mente, que nele se abriga de forma misteriosa. Um rosto não é completo sem o cabelo, embora haja alguns (principalmente homens) que sejam carecas. O cabelo é algo lindo, assim como a cauda de certos macacos ou raposas, e não serve para nada, ou



para muito pouco, em termos práticos: é apenas lindo e motivo de muita preocupação e zelo, principalmente entre as mulheres. De todas as espécies de mamíferos, entre todos os bichos da terra, somos justamente nós que temos o pelo mais longo. Um fio de cabelo humano pode chegar a quase dois metros e não há nada comparável na natureza. Muito incrível mesmo que o cabelo – loiro, ruivo, negro, castanho, cacheado, liso – nos coroe dessa forma. Sem rosto, sem uma cabeça, um corpo humano estará irremediavelmente morto. Há também o tronco e os membros, simétricos como o rosto: dois braços, ou seja, duas mãos, dois antebraços, dois cotovelos, dois ombros. Tudo da maior, da mais absoluta doçura. E as pernas: dois pés, dois calcanhares, dois joelhos, duas coxas. Por dentro, lógico, há os ossos. E outras complexidades maiores: os sistemas digestivo, circulatório, respiratório. O corpo humano é de uma complexidade incompreensível, mas isso nos espanta pouco. Existimos. E isso nos espanta muito. Claro, estou deixando de mencionar muitos elementos que compõem o corpo. Entre eles, não posso me esquecer dos dentes. Não são o que há de mais lindo, quando se abrem em sorriso? No entanto, não passam de ossos expostos. E servem: para morder, triturar a comida. Pois um dos maiores mistérios do mundo é que um corpo come. Todos os dias o corpo come, precisa comer, e se não come acontece algo chamado fome. A fome é uma daquelas coisas que nos prendem ao corpo – a fome é um nó. Um nó muito bem atado, um nó que faz do corpo todo um nó. Mas há outros. Por exemplo, o nó da boca. Embora, pensando bem, uma boca não seja exatamente um nó e sim: um botão. Não é linda e misteriosa uma boca? Uma abertura no corpo; que pode abrir e fechar. Boca. Nela estão os

dentes. A língua. Saliva, enzimas. A boca não tem fundo; é quase como o tubo daquelas plantas carnívoras, que vivem nas florestas da Sumatra, os insetos vão para seu abismo e lá são digeridos. A boca leva ao estômago e daí para todo o sistema digestivo. Parece-me impressionante que um corpo digere, para se manter vivo. Digere e defeca, todos os dias. Esses corpos todos, de todo mundo, à nossa volta, esses corpos todos fazem isso todos os dias. Às vezes é cansativo ter um corpo. Mas é também uma alegria. Comer e defecar todos os dias. E também respirar, todos os segundos. E essas coisas todas que aprendemos na aula de biologia, quando ainda somos jovens. Porque o corpo envelhece. Nasce, cresce, envelhece. E isso pega todo mundo de surpresa, não adianta. Dentes e cabelos caem, os músculos ficam menos ágeis, a capacidade sexual diminui. Por capacidade sexual eu digo o tempo e a frequência da ereção, no homem, a abundância líquida, na mulher. Mas se o tesão diminui no corpo, nem sempre diminui na mente. Por isso o sexo é um outro nó forte. A fome e o tesão, duas fomes. Então, um amigo, desses mais íntimos, que encontramos sempre para uma rodada de chope, pois as pessoas (essa complexidade que não acabamos de explorar e que jamais chegaremos a compreender) têm amigos, mandou um e-mail e não apenas para um de nós, mas para todo o grupo – e aí está uma outra coisa que faz da pessoa uma pessoa: a linguagem – ao mesmo tempo, dizendo “ah, quando dois corpos se unem e não se separam imediatamente depois, quando dois corpos se unem e permanecem ligados por um tempo, como é difícil separá-los...”, ao que outro amigo, que também é poeta, respondeu, pouco depois (não se esquecendo que o tempo é um constituinte tanto do corpo como da linguagem):

quando dois corpos se unem e não se separam  
imediatamente depois, quando dois corpos  
se unem e permanecem ligados por um tempo,  
quando, depois da união e da permanência  
da ligação, é tão difícil separá-los, talvez seja  
[...]

Um poema lindo. Coisa de gente: esses amigos que me escrevem estão presentes e ausentes ao mesmo tempo. Eu sei que eles existem, eu conheço seus corpos, mas quando eles me escrevem, quando escrevemos uns aos outros, nos fazemos presentes apenas na linguagem. E se não há ser humano sem corpo, também não o há sem linguagem. Há muitas pessoas que conhecemos, que amamos, que desejamos, que odiamos, que apenas existem em linguagem. Certas pessoas só existem em imagens, para nós. É possível apaixonar-se por meio da internet, a pessoa toda investida em sua condição de ser em linguagem. Isso já aconteceu comigo também: homem comum entre os outros, com braços, pernas e nariz, para respirar meus dias, para gastar minha comida, para amar e sofrer como qualquer um. E nunca o outro esteve tão visível: as outras pessoas, com seus corpos e braços e desejos e histórias. Sim, a vida começava; surpreendente.

Mas Amanda continua lá, na noite, perdendo tempo, lá, onde as horas não passam. Como recriminá-la se eu mesmo, eu, passei tantos anos da minha vida nesse limbo, de aventura em aventura, de história obscura a história obscura, de cidade em cidade, no mundo pré-mundo, à mercê das correntes subterrâneas de mim mesmo? Como recriminá-la, se eu mesmo tenho saudades de mim nessa época? Amanda

está na fase certa da vida para isso, a qualquer momento, um ano desses, irá reemergir, para o palco, pagando o preço da angústia – como todos nós pagamos, como eu estou pagando agora –, mas ainda jovem o suficiente para inventar uma vida. Tenho inveja dela? Os portões do Paraíso se fecharam para sempre para mim. Achava que juntos entraríamos, que reconstruiríamos o Éden. Achava isso mesmo? Queria sua companhia para alçar voo, para a Felicidade. Queria sua companhia, Amanda, para desistir do mundo? Ou então, nisso, nesse convívio, pouco a pouco, trazê-la para o palco, para o brilho, vindo junto, eu também? Juntos nós construiríamos alguma coisa, inventaríamos uma vida, gastando a vida na esperança dessa passagem resultar em uma vida? Na esperança dessa vida perdida enfim se mostrar *a vida*? Mas estivemos e estaríamos sempre cada um de um lado de um espelho, essa é a verdade. Não havia ultrapassagem possível; não há. O impossível. Ou uma coisa ou outra; estamos no mundo das escolhas. Eu sou velho demais para voltar ao oceano, preciso fazer a travessia: o rio, o mundo. A vida me chama, essa vida elaborada em horas, em minutos, sem saída. Voltaria, é verdade, se ela me levasse, mas ela jamais poderia. Mal conseguimos fazer contato. Apesar da intimidade, apesar da violência do nosso amor, da sofreguidão do nosso sexo, não houve real contato. Tão perto e tão longe, o si mesmo não se toca. Não constituímos o outro, para nós – um para o outro. Mas houve reação suficiente (a *vida*, por fim, é generosa, fásca) para produzir algum tipo de fogo, e corte. Corte real, na carne. Quebra e fissura. Nascimento; que dói e lateja. No fundo, milagroso. Por essa fístula eu escorro, enfim casulo aberto, crisálida, abscesso, furúnculo de onde jorra pus, podridão

fétida que goteja. Essa ferida aberta também é cura, também é luz, promessa de vida nova. Eu agora pertencço ao palco, onde os minutos são contados. Esse é meu canto do cisne – eu sou agora o que fala: aquele que já não é. Compreender o dia e a noite; sempre, cada vez mais fundo, cada vez mais longe – vou batendo, nas ruas – um todo sem fim; amor e angústia: a angústia apenas um grau mais elevado de amor, humano.

O dia de verão se acaba e estou na praia do Leme. Chego às seis da tarde, como certas borboletas raras, que só aparecem ao entardecer. Mas não sou uma borboleta rara. Sou um homem comum, mais para franzino do que para atlético, vestindo uma sunga cinza. O pau, lá dentro, escondido, murcho. Entrar no mar e pegar jacaré. Uma, duas, três, dezenas de vezes me lançar na força da onda e chegar até a areia. A água está fria e suja de um dia inteiro de calor: sacos plásticos, latas de cerveja, papel. Na areia, os garis varrem, na esperança de encontrar algum objeto valioso em meio ao lixo. Sento na minha cadeira de praia, meio enferrujada, olhando o forte de Copacabana. O sol se põe. Observo um casal de turistas, perto de mim, parecem argentinos. Vão tirar uma foto, querem tirar uma foto, estão procurando alguém para tirar a foto deles, é a minha chance. Pedem que eu tire a foto deles, com o mar ao fundo, e eu tiro. Aproveito e puxo conversa. Conversando, esqueço-me de mim mesmo, sou alguém plausível. Existo, estou neste momento conversando com alguns turistas, que acreditam que eu exista, de fato, que eu seja um morador de algum apartamento desta cidade, que tenha algum emprego. Eles acreditam em mim, porque minha aparência é razoável.

Será que se eu me der sempre, vou conseguir ser sempre? Depois que eles se foram, caminhando pela areia, voltei para minha vida, que havia esquecido por alguns minutos. Voltei para minha vida e suspirei. Minha vida é um fracasso. Sempre almejei o fracasso, sempre flertei com o total esvaziamento. Larguei toda ambição, para escolher Amanda, e me dou conta que o que eu queria era alguém para fracassar comigo, uma companhia para me jogar no abismo.

Virgínia comia com a delicadeza de sempre. Como um gato. As mãos sem excessos de movimentos, a boca mexendo-se com discrição. Daí entre um silêncio e outro ela disse: *Esse almeirão está muito duro. Estou mastigando há horas e não consigo engolir.* Isso me deu nojo. Nojo daquela coisa que mastiga e engole; dona de saliva e moelas. Mas o nojo que sentia era só da boca e daquele processo de mastigar e engolir. Pelo estômago e pelos intestinos eu continuava sentindo a doçura de sempre, ou melhor, a costumeira neutralidade, a incompreensão. É que Virgínia vive na boca, pensei, na superfície de si mesma. Então, ela levantou o garfo e procurou conversar comigo. Deve ter baixado a lua da compaixão nela, deduzi. Ou nada disso. No meio da conversa, perguntou se eu havia me machucado. No princípio não entendi. Mas ela se referia a um machucado no meu rosto, ao lado do olho esquerdo. *Não*, eu disse. *Que eu saiba, não.* Mais tarde, fui ao banheiro e olhei-me no espelho: uma pequena ferida que tenho há anos. Uma marquinha de sarampo, ou uma doença dessas de infância. Eu, que conheço cada detalhe do seu rosto, me surpreendi. Ela nunca me viu. Sim: seria benéfico e talvez nem muito difícil nunca mais saber de Virgínia, mas como era capaz de sobreviver sem o emprego?

Um dia, por fim, tomaria a decisão de pedir demissão do Santa Clara, cortando todos os laços com ela; não a veria mais: faria parte do passado. Eu tinha condições de viver com menos, cortar despesas, escrever para jornais e revistas. Possuía bons contatos. Iria sobreviver, como tantos outros. Como todos. A vida floresce por todos os lados, batendo. A vida, em sintonia com o mundo. Em sintonia com sonhos e desejos. Sim, poderia ser o definitivo suicídio social, a minha vida seria um fracasso, mas seria *minha*: não poderia mais fugir. Era a própria vida exigindo. Mas, antes, é inevitável que me volte para mim mesmo e vasculhe: o que há de mal em mim? O que tenho de purgar? Que veneno carrego e espalho pelo mundo, sem perceber? De que sou culpado? A resposta: o rancor. Como uma chicotada, minha consciência se ilumina: rosa rancorosa. Nunca perdoei minha mãe. Nunca perdoei, depois dela, mulher alguma. Nunca perdoarei Virgínia. Sento-me numa praça, depois do almoço, no meio da cidade, como se fosse uma igreja, e rezo fervorosamente de olhos fechados, umedecidos. Senhor: concedei-me a graça do perdão. Que eu possa perdoar minha mãe, que controla minha vida até hoje, mesmo quando eu vivia em Berlim, mesmo no Rio de Janeiro; que eu possa perdoar Virgínia, que eu possa perdoar todos, os maiores e mais mínimos rancores e desafetos; que meu coração se torne limpo e leve. Porque ninguém tem culpa de nada. E então, esboço o salto e uma nova textura para os dias, para as horas. Em estado de limbo. Em suspenso. O tempo de agora como uma ponte pênsil.

Uma pessoa é algo bastante diferente; uma pessoa é sempre maior, muito maior, transbordando por todos os lados.

Toda cultura inventa sua pessoa, toda civilização formata suas pessoas, mas uma pessoa pode ser o imponderável, o inominável, massa de inacreditável maleabilidade – uma pessoa pode ser qualquer coisa neste mundo sem fim, *abyssus infinitudinis*. Por isso, pela pessoa, a pessoa que fala e anda, em qualquer país, a qualquer momento, pode irromper, através dela e apesar dela, o real, ou o horror, o puro, pleno e bruto horror de Kurtz, de Van Gogh e de tantos de nós, anônimos; ou o êxtase dos místicos, de Santa Teresa a Ramakrishna. O inominável. A pessoa se abre, como uma concha, uma fruta, como um coco ou uma jaca, a cabeça explodida. Mas sobrevive, muitas vezes: essa pessoa estourada nunca mais será a mesma. Pois é possível morrer antes da morte, em muitos sentidos. Em pleno dia: o carro todo espatifado, o aço contorcido, os corpos virados ao avesso. Nunca vamos dar totalmente conta da vida. A vida é sempre maior do que nós, ela sempre nos fere. A questão é estar à altura da vida... Estar à altura dela; quando conseguimos e quando não conseguimos. E talvez ainda mais quando não conseguimos. No fim das contas a vida sempre ganha; talvez nossos alicerces, mesmo nossos melhores alicerces, estejam sempre necessariamente erguidos em terreno instável. Não sei, nunca vou dar conta de entender. Quando está tudo doce, a vida vem e nos fere; ou nos dá uma doçura ainda maior, dolorosa de tão intensa. Quando está tudo escuro, o fundo do poço, a vida vem e nos oferece um milagre, como se a saúde só pudesse nascer da doença; ou então ela vem e nos dá um golpe ainda maior. A gente perde os sentidos, e volta. Desisto de entender. O mundo é grande e pequeno, mas a vida é sempre grande. Muito maior do que eu. E não há doçura possível se não existir a possibilidade



de beijar o asfalto. Quando tal abertura acontece a uma pessoa, se tal investida se der e ela for inundada pela angústia, se não suportar o transtorno de suas próprias estruturas, ela, a pessoa, como um náufrago no oceano profundo, nada desesperadamente na direção da praia.

Os homens lutam pelas mulheres e eu estava na luta. Estava me preparando para no final do espetáculo ter a coragem de procurá-la no camarim, enfrentando, acima de tudo, o meu próprio senso de ridículo. O que me dava ânimo era a lembrança da bunda de Glória. Não só da bunda, do sorriso também, mas o que precisava agora era lembrar-me da bunda, para ganhar coragem. A primeira campainha tirou-me desses pensamentos, e quase que assustado encontrei-me no meio da plateia, sentado entre um bando de jovens irrequietos e falantes. Com uns quinze minutos de atraso, o espetáculo começou, e foi muito melhor do que imaginara. Não havia nada de folclórico ou estereotipado no trabalho do grupo *Movimento*, que realmente parecia amar o que fazia. E fazia com garra. Era basicamente um show de funk, coreografado de maneira sensual e inteligente. Eu, que esperava algo parecido com o que havia experimentado na primeira e única vez que vira Glória dançar, encontrei algo bem mais sofisticado. Glória não era uma das dançarinas principais, mas com certeza era uma das mais belas. Vestia um biquíni prateado, com meia-calça cheia de lantejoulas e botas de cano alto, também prateadas. Fazia-se notar no palco. Quando acabou senti um frio na barriga e fiquei alguns minutos sentado, esperando o público sair; teria coragem de procurá-la? Ainda sem decidir-me, aproximei-me da entrada

que dava acesso aos camarins. Fiquei por ali, sobressaltando-me cada vez que a porta abria e saía alguém. Depois de um tempo, aproveitando que alguns jovens entraram em alvoroço, entrei também. Agora estava determinado. Mas ouvi uns gritos, algo caiu e se quebrou. Silêncio. De repente, uma porta se abrindo e... Glória correndo pelo corredor, os olhos cheios d'água, o rosto transtornado. Pensei que ela fosse passar por mim e desaparecer pela porta do teatro, e eu deixaria isso acontecer, já abrira caminho, não queria importuná-la. Mas não. Quando me viu, ela parou. De forma quase surpreendente, de tão gentil, retirou toda a sombra que cobria seu rosto, fez com que as lágrimas se comportassem no canto dos olhos e sorriu. Como se nada estivesse acontecendo. Não seria eu quem ficaria preso na imagem de alguns minutos antes. Sorri também.

*O show foi ótimo, gostei demais.*

*Mesmo? Que bom.*

Toquei-a no braço ainda suado e ficamos nos olhando, mergulhados um nos olhos do outro. Uma porta se abriu atrás de nós e ambos nos sobressaltamos, mas procuramos não demonstrá-lo, sustentando o nosso olhar. Senti que ela pedia ajuda com os olhos.

*Quer sair?*

*Vamos.*

Em menos de cinco minutos estávamos na rua, caminhando até o carro em silêncio e de forma apressada. Foi apenas depois de algum tempo no trânsito, quando ela enfim se sentiu segura, que respirou aliviada e deixou caírem as lágrimas que tinham ficado presas.

*Obrigada.*

*Por nada. O que aconteceu?  
O Fabão... Deixa pra lá...  
Tá. Aonde quer ir?  
Qualquer lugar.  
Está com fome?  
Não, mas beberia alguma coisa.*

Levei-a para um dos bares da moda em Ipanema. A garota era meio esquisita e talvez não fosse muito normal – mas quem é? Repetiu várias vezes as mesmas coisas, mas talvez fosse apenas por causa das duas caipirinhas e do nervosismo pela briga com o namorado, de quem devia apanhar, pensei. Mas por que pensei isso? Apanhar de chicote, e gostar. E enquanto ela falava me vinha à mente a imagem, que eu procurava afastar, mas acolhia, de Glória negra em lingerie negra, de quatro sobre um banquinho de circo, amordaçada e amarrada. Mas a noite deu em nada: apenas uma tácita aproximação e trocas de olhares. Conversamos por algumas horas; rimos. Conhecemo-nos melhor. Não quis que eu a deixasse em casa; preferiu pegar um táxi.

Para uma pessoa, uma outra é sempre algo meio imaginário. Um ser simbólico, uma espécie de representação. Ser uma pessoa é estar envolto em nuvens que embaçam as fronteiras entre o real e o inventado, entre a mentira e a verdade. É tudo verdade, e é tudo mentira. Uma pessoa não é apenas seu corpo, embora a juventude e a beleza física contem muito. É um valor forte de sedução. Uma pessoa também é sua casta, seus contatos, sua posição na sociedade; e quanto dinheiro ela tem no banco, não adianta negar. Ou sua inteligência e fama. Uma pessoa é sempre um emaranhado de signos. Mas eu suspeito que o que mais nos atrai numa

pessoa são suas neuroses. Há milhões de pessoas no mundo e somos cegos e insensíveis para a maioria delas, não nos dizem nada. Mas numa festa, num estádio, num show lotado, no turbilhão do dia, somos atraídos justamente por aqueles que de certa forma ressoam conosco. Como se o universo também funcionasse por castas e cada um circulasse apenas nos limites de seu campo energético. Tanto o paraíso como o inferno podem ser encontrados na Terra, e cada um experimenta a vida de acordo com o que é. Atraímos aquilo que nós somos. Por isso, no Maracanã lotado conheci Amanda, vestida com a camisa do Flamengo, e embora eu estivesse torcendo para outro time, dei um jeito de pegar seu telefone e liguei. Durante dias fantasiei nosso encontro, de modo que quando nos encontramos de corpo e alma você já não era você, Amanda, você era aquilo que eu lancei sobre você; você era aquela mesma mulher eternamente condenada a abrir a minha ferida.

Impossível se completar, ser uma pessoa realizada no mundo, sem fazer um pacto com o mal – com o demônio, o demônio e todos os seus nomes mais feios e mais doces. Pois o mundo é metade dele, do bicho-feio; é dele esta parte em total ebulição, em constante transformação, é dele a lama que alquimicamente se transforma em luz e aurora, é dele o reino do corpo (do corpo de Virgínia, misterioso, por mais próximo e possuído que se pretendesse, fugindo sempre, deslocando-se – a esposa; do corpo de todas as outras, antes e depois, do corpo de Amanda, do corpo de todos; o corpo), é dele o reino do desejo pleno. E é dele e é ele, o carapeta em sua forma mais pura, o sentimento de ódio. O ódio, a sensação enfim masculina, que me limita,

me dignifica, me resgata de mim mesmo, que me perdia nos extremos do amor. O ódio, criador da dualidade que o amor apaga, o ódio que me separa do outro, que me confere individualidade. O ódio, como uma opção possível e saudável – enfim respiro – contra a paixão não correspondida. Odiava – e esse ódio era eu, no que eu tinha de melhor: uma maneira de uma pessoa se sentir conectada à vida. O amor dissolve tudo, nos lança no abismo. É preciso ser muito forte, é preciso ter muita coragem, para amar. Devo ser muito fraco. Não era mais o amor dela que queria, mas a vingança, a doce e fria e redentora vingança. Era necessário, era uma questão de sobrevivência, que ela pagasse a dor que causara em sua própria carne (por mais que soprasse uma brisa de carinho, um palpitar de compaixão, dizendo que ela agira vítima de seus próprios medos e fraquezas, aliás, como todos nós). Não, sim, era preciso que ela sofresse. Pelo menos o suficiente para matar a sede de vingança; que ela rastejasse aos meus pés, que também sofresse de amor. Só pensar nisso, numa possibilidade de atingi-la de alguma forma, de fazer-lhe mal, de manchar o seu sorriso, já esvaziava o desejo por ela, já deixava tudo claro: o que sentia não era amor, nem desejo, mas apenas mera e simplesmente vontade de vingança. O demo. Mas como? Teria coragem de entrar na órbita do mal, realmente? Costurar o nome dela na boca do sapo. Trazer a mulher amada em três dias, rastejando. Sempre acreditei que bastava a pessoa permanecer pura, ser essencialmente boa, para manter-se afastada e protegida contra as energias inferiores. Mas então elas existem? Onde tinha visto o cartaz? Lá estava, colado a um poste no Largo do Machado. Trago a pessoa amada em três dias, 2295-8499.

Por que não? Neste mundo, neste corpo, vale tudo e, no fundo, sentia-me protegido. Protegido pela intensa pureza do meu próprio ódio.

Imagino ver Virgínia morta, sua carcaça exposta à intempérie e aos bichos na praia de uma ilha deserta, sob a luz diurna de um sol indomável, sob a escuridão da noite inescrutável, sob as estrelas infinitamente distantes, ao léu e ao sabor da brisa e da maresia; lavada pelas marés e pelos siris, os ossos espalhados pelo vento e pelos bicos dos pássaros, os olhos brancos como a areia; finalmente Virgínia diluída em areia branca e fina, praia limpa de qualquer vestígio de carne, a vitória, como sempre, do tempo sobre nós. Percorrem-me nas fantasias do ódio. Nutro o ódio, minuciosamente, com uma minúcia de inseto, como a abelha monta a colmeia e fabrica o mel. Desejo que ela engorde quinze quilos, quinze baldes de banha, perfeita e abundantemente espalhada, arredondando todos seus traços, apagando sua beleza, distorcendo suas feições, inchando seu rosto; especialmente o rosto, olhos e boca perdidos sob enormes papadas. O ódio salvador que recompõe o indivíduo, afasta o desejo de uma entidade única, para restabelecer a dualidade: e agora é matar ou morrer. Eu a mato, Virgínia, para que nunca mais ressuscite dentre os mortos. Na semana passada nos encontramos no corredor da universidade; mas antes que pudéssemos nos aproximar, sem olhar para ela ou sorrir consegui esquivar-me e entrar no banheiro dos homens. Fiquei lá um bom tempo, sentado na privada, semicurvado, a cabeça nas mãos. O banheiro tem sido um bom esconderijo, um excelente lugar para deter o tempo no meio do turbilhão do dia, morrer um pouco. No banheiro

me reduzo ao meu mínimo e nele me refugio. Não há por que ser agressivo e nem seria justo. Ela é uma mulher que não quis mais um homem, é só. Essa batalha é minha, só minha, dentro de mim. Para onde direcionar essa energia toda, todo esse amor? O amor, o elixir precioso, a luz líquida dourada, o bálsamo, derramo-o, obsoleto e inútil néctar dos deuses, de uma ânfora de ouro, num bueiro imundo, na sarjeta prosaica de uma rua. Virgínia sabe que sua vida é medíocre, mas há doçura, há felicidade, na mediocridade. Há grandeza na mediocridade. Virgínia aceita ser quem é, sem gritar. Talvez tenha sido isso que me tenha atraído a ela, desde o início: ela é, e esse existir basta. Era isso que eu queria roubar dela: a existência. Mas ela jamais poderia dar isso para mim, e eu também jamais poderia roubar isso de alguém. Mas não posso aceitar a existência e pronto, sou daqueles que precisam gritar e isso me diverge inteiramente de Virgínia. Aqui damo-nos adeus, mesmo. Ela fica; eu sigo. Ao separar-me de Virgínia, saio armado. Ao afastar-me do outro, que me enrosca, saio falando. Ao ganhar existência própria, dou nome a todas as coisas.

O corpo é o próprio Deus Manifesto. Assim mesmo ele pode ser comprado. A primeira vez em que eu pensei nisso – atravessando uma avenida em pleno centro da cidade – senti um misto de susto e excitação, uma sensação de poder, perverso. Não me ocorreu que eu poderia vender o meu próprio corpo, pois mal sei do desejo do outro. Mas excitou-me poder comprar o corpo do outro. O de uma mulher jovem, por exemplo. Nessa hora lamentei já ter passado o tempo dos escravos. Senão eu iria imediatamente à praça onde eles eram vendidos, examinaria os dentes

de uma moça bonita, de seios eretos, enfiaria meus dedos em sua boca, para sentir a qualidade da arcada, e compraria uma – assim, à luz do dia, na justeza do meu direito – só para meu uso pessoal. Compraria uma negra cujo idioma eu não compreendesse, a negra mais negra de todo o mercado, a mais escura, a mais enfezada e mais bela, com grossas cicatrizes nas costas, para que eu pudesse acariciar e lambar, com cicatrizes na barriga, formando um estranho desenho a partir do umbigo; uma mandala de carne humana, uma aranha, marcas de valor e de beleza – caranguejeira, tarântula; negra e peluda. Mas eu poderia ser também um escravo e ser comprado. Isso também poderia ser uma experiência de perplexidade: ser comprado. Comprar e ser comprado. Vender e ser vendido. Comer e ser comido. Essa a vida sob o sol, que brilhava na Cinelândia, refletido nos arranha-céus, ao meio-dia. Então resolvi comprar o jornal e comprar uma moça. Havia muitas sendo vendidas. Liguei para algumas, sem prestar muita atenção em como descreviam seus corpos, escolhendo pela voz. A voz é misteriosa e revela algo de inominável. Gostei da voz da Diana, universitária. Era na Barata Ribeiro. Combinamos que poderíamos desfazer o negócio, caso eu não gostasse dela – ou vice-versa. Acontece muito isso de uma pessoa não gostar de outra. Vinte minutos de metrô e mais cinco a pé e estava lá. Apertei a campainha, depois de passar pela vigilância do prédio e subir o elevador. Eles levam isso a sério. Fizem-me esperar um pouco, num quarto com um futon no chão. Logo ela chegou. Era bonitinha, mas com uma boca não muito atraente, jovem, alta e magra. *Então, gostou?*, perguntou ela, rebolando na minha frente e se aproximando. *Hum-hum*. Cobriu o futon com um lençol de cetim



prateado, convidou-me a tomar banho, o que eu recusei, receoso de me roubarem a carteira enquanto estivesse no chuveiro, e então nos despimos e nos deitamos. Abracei-a e enroscamos nossas pernas. Foi um contato gostoso, que causou minha ereção. Nos esfregamos um pouco enquanto eu acariciava seu rosto. Seu olhar negro era muito jovem e o penteado *chanel* era estranho: o cabelo parecia um tanto duro. Disse-me que era filha de argentinos, que seu pai era funcionário público e que estudava biologia numa universidade de que eu nunca ouvira falar. Pedi que me beijasse e ela rapidamente beijou de leve minha boca e desceu para meu peito, apertando os mamilos, até chegar ao pau, que logo vestiu com uma camisinha, dando uma lambidinha no saco. Quis que eu a penetrasse logo, mas deitei-a de lado. Passei a mão na sua boceta, que estava molhada. Deve ter passado algum creme, pensei. Acaricieei seus seios pequenos. Deitei-me de costas novamente e pedi que sentasse em mim. Ficamos muito tempo nesta posição, eu observando seu rosto, a tatuagem de uma borboleta na virilha, as dobras de sua barriga no movimento para cima e para baixo, apertando seus seios. Ela disse que iria gozar, e parecia estar falando a verdade. Se você gozar, é você que vai ter que me pagar. Por fim, virei-a de costas, admirei sua pequena bunda de quase adolescente, dei um beijinho no seu cu e, ignorando seus tímidos protestos (havia me dito por telefone que era completa), enrabei-a enquanto beijava seu rosto espremido contra o futon e puxava levemente seus cabelos.

Todas as pessoas têm cu, um único cu, como têm uma única boca. Mas o corpo é também muito subjetivo, o corpo, principalmente talvez o corpo do outro, é uma

construção mental. A linguagem escrita pelos corpos chama-se erotismo. Todas as pessoas têm cu e eles são muito parecidos, mas o cu de uma mulher é muito diferente do cu de um homem, e o cu de uma pessoa jovem é diferente do cu de uma pessoa velha. E o cu, nesta linguagem dos corpos, o cu da Diana era precioso. Passamos ainda algum tempo conversando. Falei que sentia-me quase desesperado, e ela me consolou e me deu alguns conselhos. Disse que meus olhos eram lindos e que seu nome de verdade era Lúcia; me deu seu e-mail e seu número de celular. Falou que gostava de sair à noite, que sempre jantava no Cervantes, que gostava de dançar e que seria legal me ver de novo. Perguntei se, quando saíssemos, ela me cobraria. Claro que sim, respondeu. Mas e se eu pagasse um bom jantar? A gente vê, disse ela. Como estava me sentindo só, convidei-a para almoçar comigo em algum lugar por ali mesmo. Ela disse que adoraria, mas que não podia sair. Insisti, só que não teve jeito. Precisei almoçar sozinho, depois de voltar à luz do dia e perambular confuso em meio à multidão de Copacabana. Mesmo quando queremos parar, não é possível. O corpo nunca para, empurrado pelo tempo. Em que estranho mundo eu me meti, meu Deus, um mundo de tempo e espaço ampliados, ou reduzidos, com múltiplos objetos e corpos, todos pensando e sentindo e vibrando. Que mundo estranho esse, regido pelo mais estranho dos deuses: o tempo. E Diana nunca mais. Um dia ela seria mesmo bióloga – biologia genética: pois esse é um campo de futuro. O que você quer da vida, eu havia perguntado. Enricar, ela disse. *Eu quero enricar. Amém.*

Se já é muito difícil compreender-se, ocorre-me agora ser absolutamente impossível compreender outra pessoa. Diana/Lúcia, por exemplo, ou qualquer outra. Uma pessoa é algo impossível de ser compreendido. Mesmo uma pessoa muito próxima, ou especialmente estas. O outro, a outra pessoa está circunscrita pelos limites da minha própria visão, pela minha própria percepção de mundo e, logo, o que vejo no outro sou sempre eu, não há um exterior a mim mesmo, o outro é sempre eu e eu estou encarcerado em mim mesmo, sempre, irremediavelmente preso àquilo que sou e me limita; os outros, as imagens dos outros, são simplesmente os pontos mais distantes daquilo que eu sou. Uma vez fui fazer um teste de audição. Numa sala escura, precisava escutar e reconhecer alguns sons. Mas todos aqueles sons pareciam acontecer dentro de mim, e não fora, ou melhor, era um fora que era ao mesmo tempo dentro: pois onde é que eu acabo? Por acaso não acabo onde minha audição deixa de perceber o som? É até lá, no lugar onde meus sentidos deixam de funcionar, que eu existo, e nem um milímetro antes. O que está fora de mim, portanto, é absolutamente inapreensível, se é que existe de fato. Dessa forma, é impossível compreender o outro, é impossível enxergar o outro, é impossível qualquer contato. Essa a condição da pessoa, presa em seus nós, presa em seu corpo, presa em seu idioma. Isso também me angustia. Por um lado, não me sentir exatamente uma pessoa, algo completo e constituído e, por outro lado, sentir-me preso nesta forma que forja minha perspectiva e experiência do mundo e de mim mesmo. Pois é essa perspectiva, este molde em que me meti ou fui metido, este molde que sou, que forja meu

destino, que escreve todo meu sofrimento e toda minha alegria. Seria possível escapar de mim mesmo? Ir tão alto, ou tão fundo, onde talvez exista uma porta de saída, e sair? Ou a solução é entrar, encampar completamente o que se é, ser completamente esta pessoa e nenhuma outra, viver a fundo todas as alegrias e tristezas que me cabem? Quem escreveu este meu corpo, esta minha vida? Uma questão muito importante para uma pessoa é dar sentido à sua vida, sentir que sua vida tem um sentido. Um cachorro, uma foca, uma árvore, podem simplesmente existir, sem maiores delongas, mas o ser humano está em constante vir a ser e precisa de um sentido. Se não há sentido, a vida se torna esvaziada e isso gera angústia, desconexão, desamor. Quando uma pessoa sente que o amor a abandonou, ela se desespera. O amor tem muito a ver com mãe. Qualquer pessoa é um mamífero, ser humano, *homo sapiens sapiens*, o que significa que tem mãe. E pai. Mas o mais importante é a mãe, porque a pessoa nasce do útero da mãe, onde fica nove meses gestando, formando um único corpo com o corpo da mãe, ligado pelo cordão umbilical. Pode acontecer de uma pessoa não saber exatamente onde está a separação entre ela e a mãe. Pode ser que fique misturada a vida inteira, e que a vida inteira seja um exercício de descobrir-se como ser único e autônomo. E pode ser que ela passe a vida inteira buscando recriar uma sensação de total fusão com o outro, voltar ao colo da mãe, e isso é uma condenação, porque não dá certo. E tudo isso é a experiência do amor, ou da falta dele, que a pessoa vai repetindo constantemente em sua vida. Porque a pessoa vive repetindo as coisas, as mesmas coisas, as mesmas experiências. Apesar de todos os seus esforços, quem dirige uma pessoa, em geral,

não são as escolhas da sua vontade, por mais que ela diga e fale e grite, são seus impulsos secretos. E o que se mantém inconsciente se manifesta na vida como destino. A pessoa quer amor e recebe o seu destino. Recebe de volta aquilo que aconteceu na sua primeira infância. O mundo não passa de um espelho. Descobrir seu verdadeiro rosto é uma tarefa complicada para qualquer pessoa.

No dia seguinte, liguei para Glória, para saber como ela estava, se havia chegado bem em casa, pois senti-a um pouco confusa, talvez assustada. Não conversamos muito, devo ter parecido um pouco seco, mas na verdade só estava um tanto constrangido, sem saber exatamente o que dizer. Sem saber exatamente o que queria dela. Não marcamos nada. Deixei tudo em aberto e ela também não sugeriu coisa alguma. Então desliguei com uma sensação incômoda, meio agitado; enfim, uma vez desligado não iria ligar de novo, e deixei para lá. O sentimento por ela, um carinho suave, uma saudade doce, sem qualquer urgência, me acompanhava e, na verdade, me ajudava a superar a sensação de falta de propósito que permeava minha vida. Mesmo assim, deixei um mês e pouco se passar. E então, no meio de uma tarde de quarta-feira, o telefone tocou e era Glória. A voz dela subitamente me injetou ânimo, provei de uma inusitada sensação de felicidade. O pau subiu – um sinal inequívoco. Notei a diferença em mim mesmo e achei que não deveria ignorar as evidências. Não podia continuar ficar definhando, entediado em atividades puramente mentais. Glória talvez fosse uma tábua de salvação, ou, pelo menos, uma tábua de distração: qualquer coisa era bem-vinda. *Sim, Glória; obrigado por ligar, por se lembrar de mim, andei muito ocupado.*

Telefonava para dizer que o grupo dela havia ensaiado um novo espetáculo, misturando elementos flamencos ao funk, e estava me convidando para a estreia. Mas isso era uma desculpa, pela sua voz evidentemente ela sentira minha falta, estava querendo me ver. *Sim, eu estarei lá, com certeza. Sábado que vem. Posso te convidar para sair depois? Sei lá, jantar, beber, dançar, o que você quiser. Dançar não; vou estar exausta. Qualquer coisa. Está combinado então.*

De todas as emoções humanas, a paixão é a mais estranha – a paixão é um câncer. Você se apaixona achando que enfim vai curar a sua ferida, mas o que acontece é que o outro consegue abri-la ainda mais fundo. Porque a única coisa que você aprendeu é a carregar uma ferida, e vai continuar abrindo-a até que um dia possa aprender algo novo com ela. O outro não existe direito, porque a pessoa ferida também não existe direito. E também é por isso que é tão difícil saber o que é uma pessoa, onde ela começa, se é que começa, e onde ela termina, se é que termina. Porque mesmo a morte não termina uma pessoa, não termina sua existência nos outros. A paixão é um mistério e mesmo os seres mais inteligentes caem vítimas dela, de bom grado oferecem sua vida a um desconhecido que – algo muito profundo e primitivo em nós acredita – vai redimi-los e salvá-los, vai livrá-los do tédio e enfim dar significado à sua existência. Uma força poderosa dentro de nós nos mobiliza em direção a algo fora de nós. Na verdade, não poderíamos chamar esse sentimento furioso de amor; ele está mais próximo de um delírio. Algo que, se notarmos bem, no bojo do seu brilho já carrega uma tristeza, uma escuridão; um desespero. Ouvi falar que o verdadeiro amor só

se dá na consciência. A luz da consciência seria, portanto, o que almejamos. Uma pessoa talvez seja realmente um campo de batalha entre a luz e a escuridão. Então agora, senhoras e senhores, é independência ou morte. A verdade é que sempre procurei me agarrar ao mundo através das mulheres. Se um homem compreender seu amor pelas mulheres, se compreender seus desejos e sabotagens, talvez possa se libertar de um ciclo maligno. Talvez possa aprender a amar de verdade. Talvez possa negociar com o mundo – e esvaziar a moeda do sexo. Ocorreu-me lembrar de duas meninas que conheci no tempo em que fazia cursinho, ainda um adolescente e virgem (com exceção de uma ou duas putas, mas elas não contam). Eram duas, mas eu pensava que era uma só, e é isso que é extraordinário e sintomático. Eu as confundia e só fui perceber meu engano semanas depois. Um dia, no meio de uma aula, aborrecido, comecei a bolinar a perna de uma delas com o pé. No dia seguinte, fiz o mesmo, pensando que era a mesma garota, mas era outra. E nem eram tão parecidas assim. Ambas aceitaram impávidas o carinho, é verdade que uma com mais sem-vergonhice que a outra: me lançava olhares sensuais e sorrisos ambíguos. Uma tarde, subi com essa até o terraço do prédio, entre as aulas, e botei meu pau para fora. Ela esfregou nele sua coxa, vestida numa calça branca, que não demorei a manchar. Me disse que morava no Leblon, na verdade na Cruzada, e sempre que passo por ali me lembro dela – estaria ainda lá, como se congelada pelo tempo, perdida naquela selva de cimento e janelas? Não me lembro do nome de nenhuma das duas. É uma lembrança de antes, de antes de eu ser (embora o vir a ser pareça não se esgotar nunca).

Amanda, contei que me masturbei pensando no que você diria às suas amigas sobre nós? Imaginei você, com um olhar tímido e lascivo, lentamente destilando para suas colegas sedentas como eu a possuí na poltrona da sua casa enquanto uma de suas companheiras poderia chegar a qualquer momento. A porta que dá para a varanda aberta em plena tarde, para que os vizinhos pudessem ver seu corpo de menina fêmea sendo penetrado. Quando acabei, naquele momento patético e semiarrepentido da mão melada, em algum lugar curvado sobre o seu corpo ardente, em algum lugar sendo você currada contra a poltrona e a parede ou contando tudo para suas amigas, tive a certeza de que o sexo é uma atividade mental. E também soube, naquele momento, como num lampejo, que quem não sabe para onde vai acaba em qualquer lugar. E qualquer lugar geralmente é um lugar ruim. Para onde vamos? Ninguém parece estar à vontade dentro do corpo. Há quase sempre um atrito, algum tipo de mal-estar, um desconforto, um defeito. Para tentar entender o mistério do desejo, também imaginei que eu era você, Amanda, e que me olhava no espelho dentro do seu corpo lindo – lindo por ser jovem – de vinte e poucos anos. Mas, surpresa das surpresas, não me sentia linda e, pelo contrário, encontrava defeitos no meu rosto, nas linhas do meu ventre. Desejava um homem, queria um homem qualquer, queria ser amada, mas não me sentia capaz de atrair ninguém, entre insegura e carente. O novo porteiro tocou, trazendo uma encomenda. Olhei para ele, que apenas entregou o envelope e se foi. Dentro do corpo do objeto do desejo eu me sentia vazio do poder de sedução. No entanto, continuo a masturbar-me imaginando ser você, Amanda, sendo possuída por



mim. Mas, para você, um estranho, eu também fui objeto. O meu gozo se perdendo num labirinto de desejos, labirinto de espelhos. E o fato é que um dia o espelho se rompeu. O balão, o balão, o balão sofreu o furo mais incisivo e ganhou indizível velocidade de queda.

Um pequeno apartamento na subida de Santa Teresa, mais para os lados do bairro de Fátima, com a janela dando direto para a rua, por onde o sol poente pode entrar e lamber guimbas, garrafas de vinho vazias, jornais velhos no chão; o sol nos encontrando de porre, Amanda, ou acordando às quatro da tarde em meio a camisinhas usadas, iluminando nossas vidas sem sentido. E o insistente som da rua, do caminhão de lixo da manhã aos bêbados dos bares de madrugada; e mais dias e mais noites, e sonhos, e projetos, e seringas, e brigas, e mais sexo; nós dois nos afundando juntos, como se nos salvássemos juntos, nos afogando juntos, e eu vendo tudo isso e você não vendo, porque era jovem, e eu vendo e deixando, deixando você se destruir nos seus sonhos pueris, e incentivando esses sonhos, sabendo que no fundo você iria sempre fracassar, e a cada fracasso voltaria para os meus braços, destroçada; e eu, eu novamente a salvaria, e sem saber você estaria me salvando da minha própria covardia, me escondendo da minha própria covardia; e assim se passariam os anos, entre traições e encontros, vômitos e gozos, desencontros e o barulho da máquina de lavar, e o roncar da geladeira, e a cerveja, e algumas viagens e festas e o orgulho e a vaidade de desfilarem com uma moça tão bonita, uma moça minha, ser dono da sua boca, do seu corpo; e o tempo passando. Eu feliz por o tempo estar passando, por o tempo passar e eu estar conseguindo evitar o grande encontro com

minha própria verdade, eu conseguindo me esconder de mim mesmo. Até um dia, talvez, nós dois morrermos juntos, até um dia, talvez, se eu tivesse sorte, nós dois morrermos juntos; ou talvez, o inevitável, você me abandonar por outro, alguém mais novo, recomeçar, pronta; e para mim restar apenas, apenas, não sei, o mar, o fim. Jamais saberei; o desespero, que viria a conta-gotas, que eu acalentava driblar, evitar de algum modo, amenizar, irrompe de uma vez só, como se num tropeço, num gesto de descuido, numa falha da retaguarda: o destino. Agora: o que é que eu não consigo ver, o que eu escondo – sem nem mesmo suspeitar o que seja – de mim mesmo e do mundo, o que só enxergo no outro, me arreventa por dentro. O que forçou a passagem do fundo da minha existência, rompendo crostas, levantando montanhas rochosas, provocando terremotos e abalos sísmicos? O que é que não estava integrado em mim mesmo embora fosse meu e talvez mais eu – por estar oculto – do que a pessoa que eu achava que era? O que me dirigia na surdina, me levava pela coleira, me manipulava como uma marionete durante todos esses anos, durante minha vida toda, sem que eu soubesse ou suspeitasse? O que é que me conduz constantemente contra os rochedos, essa força em mim que quer me destruir? Como não vi que Amanda era a sereia, novamente, de quem eu deveria me proteger? O que eu tenho medo de ver em mim mesmo? Talvez seja a minha própria maldade que eu tenha medo de encontrar em mim mesmo. A minha infinita maldade: a minha vergonha.

Esperava encontrar um edifício fuleiro, desses que ainda existem em Botafogo, nas ruas mais afastadas da enseada. Mas era um prédio bom e, quando entrei, vi que o

apartamento, se não luxuoso nem grande, era, no entanto, bastaste novo e bem cuidado – uma televisão enorme, um aparelho de som de última geração, muitos CDs. Na verdade, era um apartamento bem melhor do que o meu, e não sabia se isso era bom ou ruim. Natasha, a mãe de santo, era uma mulher de seus quarenta anos, bonita, com um rosto alegre, olhos enormes e algo ternos, que inspiravam confiança. Recebeu-me bem e me fez esperar sentado no sofá enquanto terminava uma conversa ao telefone e lentamente despencava e comia um cacho de uvas-passas. A conversa girava sobre orixás e algum tipo de ritual que deveria ser feito. Bem, pelo menos nisso ela se parecia com uma mãe de santo. O resto, na casa, não entusiasmava: além da TV e do aparelho de som enormes, a sala continha alguns móveis bem burgueses e bem limpos, alguns livros (liam, seria isso bom?) bem arrumados numa estante, algumas fotos (inclusive a de um monge indiano, o que dizer *disso?*) e, o pior, vários porta-retratos com ela e a família. Quem tem uma família, quem parece estar tão inserido na sociedade pequeno-burguesa, não pode ser uma feiticeira, não pode ser um agente do mal. Esse pensamento ao mesmo tempo me decepcionava e me alegrava. Bem, se ela for boa, melhor. *Vamos?* Guiou-me pela cozinha até os fundos, onde seria o cômodo da empregada. No caminho vi um quarto de criança e soube o que já intuía: Natasha era casada e vivia com a filha pequena e o marido. O quarto da empregada era laranja e estava repleto de santos, velas acesas e altares. Ela foi logo explicando que a sua umbanda era a do bem, umbanda branca. Perguntou meu nome completo, ouviu um pouco por que viera e jogou os búzios. Amarração ela não fazia, porque não achava justo. Além do mais, a

amarração não provinha do coração, o anjo da guarda da pessoa fica preso, insatisfeito, e logo, logo o casal começa a brigar. *Não adianta, seria um inferno, todo mundo faz, porque a paixão cega, a paixão cega todo mundo, mas não vale a pena, eu não faço, não acho justo. Seu caminho é iluminado, você tem muita proteção, seu anjo da guarda é forte. Mas alguém fez algum trabalho pra você, alguém te desejou mal, é um homem. Um homem que te quer, homem quando quer outro homem faz de tudo, é um horror. Que homem é esse? Eu é que pergunto: que homem é esse? Não tem homem nenhum, nem eu quero homem nenhum. Eu quero minha mulher de volta; eu quero minha menina!* Até aqui eu desfrutava da satisfação que quase todo mundo sente ao ser o foco de análise, o ponto em questão. Nada de mais iria acontecer, ela não ia fazer a bruxaria da amarração, tanto melhor, devia estar mesmo cego para querer uma coisa dessas. Depois, sou um homem que pode e merece coisa melhor. Deus, tudo isso por uma mulher? *Deixa eu ver a foto dela. Você tem? Tenho, trouxe, sabia que ia pedir.* Natasha sorri ao vê-la, *minha santa, como ela é linda, fica assim de homem atrás dela, não é não? É a pombagira dela, que tem que acalmar, como a sua, tem que acalmar também. Os búzios disseram... o coração dela tende pra você, ela só tem medo, muito medo. Vamos acalmar sua pombagira, daí ela vem, garanto, vem mansinha pra você, nem precisa de amarração, vem de coração. Mulher que atrai muito homem é assim mesmo, fletta, gosta de jogar, mas é tudo besteira. Eu também era assim, agora me casei, estou em paz. Ela tem pânico, olha, ela já sofreu demais nesta vida, dá para ver pela foto, sofreu demais que você nem imagina. Vamos ver o que a preta velha diz. Você tem dinheiro para chamar a preta velha?*

*Quanto? Setenta reais... pra comprar as frutas, uma vela do seu tamanho, pra fazer uma limpeza, você precisa de uma limpeza, esse homem fez um trabalho pra você, por isso as coisas estão ficando difíceis, você não está sentindo, desculpe dizer, depressão? Vai precisar de um frango também, vivo; a gente não mata animal nenhum, isso aqui é umbanda do bem, branca. Vai comprar enquanto eu faço os preparativos, em Copacabana tem um aviário, os homens já sabem para o que é, escolhe um forte, vivo, é baratinho, volta logo... deixa o dinheiro no altar.* Fui. O dia estava nublado, introspectivo; e isso me pareceu um bom sinal. Havia certo silêncio no ar e o mar estava sombrio. O aviário era uma pequena mercearia, uma espelunca que funcionava numa casa antiga no alto da Siqueira Campos, e tinha portas enormes, um chão todo arreventado que ainda mostrava vestígios de largos azulejos avermelhados, com um jovem preto como ajudante e um dono português. Poderia ser a Bahia, poderia ser o século XVI ou XVII. O português embrulhando o bicho, disse, com todo o seu sotaque, para não mantê-lo preso por muito tempo, que ele era frágil e morria com facilidade de ataque no coração. Quando voltei, dei de cara com o marido e a filha pequena de Natasha na sala e precisei esperar com eles, vendo televisão, com o frango pendurado numa sacola numa das mãos. Isso me aborreceu, pois tirava um pouco o clima de tudo. A menina, de uns três ou quatro anos, perguntou o que tinha na sacola e ela mesma respondeu: *uma galinha?* Notei que ela tinha olhos penetrantes e mais misteriosos do que os da mãe – talvez seguisse a carreira de forma mais brilhante do que Natasha e sua própria mãe, que, eu fora informado, tinha sido uma mãe de santo famosa. Enfim, de volta ao quatinho laranja. O

bicho solto no chão entre os dois. *Onde estão as frutas, a vela? No terreiro.* Mas acho que o café, o fumo e as garrafas de vinho para a preta velha não estavam lá antes... Natasha, dando algumas instruções, começou a evocar a preta velha com uma cantoria, e de repente – pimba – ela baixou, no mais previsível modo, com heh, heh, hehs, contorções e estalar de dedos. O linguajar da velha era todo ruim, mas compreensível. Os olhos estavam virados. *Preta velha conhece ocê. Queria ter aquela lá nas mãos, mas ocê que come nas mãos dela. Heh heh heh. Preta velha sabe. Aquele lá, fez um trabalho ruim pra ocê. Exu tá dentro de ocê. Tá entendendo? Tô, aquele lá quem? Preta velha vai mostrar, aquele alto, um bode preto, calçado. Tá entendendo? Aquele lá nem sabia o que fazia, mas fez. Exu vai se mostrar, pega o bicho pra preta velha, levanta.* Começou a passar o frango pelo meu corpo, e eu também tinha que repetir o que ela falava e frequentemente soprar no papo do frango assustado. *Exu comeu e bebeu para fazer o teu mal, agora precisa comer e beber para sair d'ocê. Entendeu? Precisa de missa, com bode, com animal, pra Exu comer e beber. Você dá? Dá o quê? Missa. Sete missas. Com bode, com máscaras pretas, com animal. Você dá? Não sei. Dá a mão, não tenha medo, segura o bicho, Exu vai se mostrar, olha... (o frango sujo, todo cagado, com o ventre dilatado, sofrendo). Pega, ele vai se mostrar. Precisa de missa. Quantas ocê dá? 7-9-9. Vinte e um dias sem comer disso, de bicho penado. Vinte e um dias sem ir à casa dos mortos. Três noites e dias sem beber isso (o vinho), sem aquilo (fez o movimento). Sexo. Levanta. O frango esfregado em meu corpo, repete: eu ofereço, eu ofereço, comida e bebida, comida e bebida, para Exu sair, nunca mais cruzar meu caminho, nunca mais cruzar meu caminho,*

*eu ofereço de coração, sai Exu, sai Exu. Quantas missas ocê dá? 799 reais é demais, dou duzentos. Não vai cumprir promessa? Então fica com Exu. A preta velha esfregando de novo o frango, fica Exu, fica Exu. Ele vai te destruir. Ele vai sair. Levanta Exu. Dá uma missa, hoje? Dou. Não sei. Dou duzentos. Põe o dinheiro que tem. Em cima dele, em cruz. Ele vai se levantar. Ele se foi (o frango morre) e disse que ocê não vai cumprir a promessa, vai te arrebentar. A preta vai embora, dizendo que vai voltar, Natasha volta reclamando de dor de cabeça. O que foi? O que houve? Nossa, que dinheiro é esse (sobre o frango morto)? A preta velha o matou, a preta não mata animal. Você o matou? Eu, não!? Ele morreu, o que ela disse? Eu estava irritado, mas assustado. Natasha, o que é isso? Eu vim aqui pagar uma consulta de quarenta e cinco reais e não gastar mil. Está tentando me enganar? Você não acredita, não tem fé? Então pode sair, faz o que teu coração dizer. Isso é umbanda branca, do bem, eu não preciso do seu dinheiro. É para Exu, para o demo, sair do teu corpo. Eu não sou da umbanda, nem sei por que vim aqui. Você veio porque é iluminado, o teu anjo da guarda te trouxe... não deixe de fazer isso por causa de dinheiro. Quantas missas a preta velha pediu? Três. Dá uma, eu dou as outras duas, você fica devendo, paga quando vir os resultados. Tudo vai melhorar pra você. Vai ficar livre desta sombra, deste mal. O mal existe. O que é isso, um pacto com o diabo? Não, é só para que o demo saia do teu caminho. Lembra da Bíblia, Deus mandou passar sangue de ovelha nas casas dos judeus e disse que nessas casas o mal não entrava. Porque o demo se saciaria com o sangue e não entraria. O mundo é assim. A pombagira vai se acalmar, a moça vai vir mansinha para você, será sua. Garantia. Eu não havia fugido até então, não havia recusado a*

farsa, e naquele momento talvez fosse um pouco tarde demais. Era tarde? A galinha morta com suas garras enormes parecia a própria África ancestral ameaçando-me do pior inferno possível, um inferno anterior ao próprio inferno cristão – ainda mais escuro, ainda mais remoto. E por que não? Por que não levar a farsa até o fim? Natasha pediu para o marido acompanhar-me até o banco, com certeza para que eu não desistisse no caminho, e tinha razão, pois a luz do dia e as pessoas passando em suas vidas normais davam uma dimensão nova e mais leve a tudo, e logo na primeira esquina minha vontade era de correr e não voltar mais... No entanto, Natasha recomendou que eu não conversasse com ninguém, não olhasse para trás, pois o trato ainda não havia sido fechado e Exu podia surgir sob qualquer forma. Por precaução, ela pediu uma linha de minha roupa sobre o corpo morto, era um laço com o demo – para não ser esquecido depois sob hipótese nenhuma. Fui calado, mas já disposto a levar tudo até o fim, recuperar o meu fio de roupa, sair limpo. Se estava sendo roubado, o peso todo ia para o ladrão. Tinha lá minhas maneiras de manter-me puro. Fomos e voltamos. Natasha estava na cozinha preparando uma fervura com a qual eu deveria me banhar ainda naquela noite. O bode e outros apetrechos aparentemente já haviam sido encomendados em Madureira, e a missa iria acontecer. O dinheiro foi colocado, nota por nota, sobre o corpo do frango. Mas tive que repetir a operação várias vezes, porque perdia a conta. E também porque só depois nos lembramos do fio e Natasha parecia de fato bastante preocupada. Com custo, o achamos entre as notas de cinquenta. Era para eu jogá-lo fora depois da terceira encruzilhada. *Você vai voltar aqui, para me agradecer e pagar as*



*outras duas missas. Como eu vou saber se deu certo, se Exu saiu mesmo do meu corpo, aliás, se estava mesmo em mim? Sua vida vai melhorar muito, você vai ver. Minha medida é o meu amor, por ela eu vou saber. É a moça que você quer, não é? Pega a foto dela. Eu não esperava por isso – busquei a foto: nós dois e mais algumas pessoas num bar. Recorte vocês dois, tire os outros fora, para que o feitiço não se confunda. Buscou um papel e caneta. Qual o nome dela, completo? Data de nascimento? Você vai ver, ela vai ser sua, mansinha, sorrindo toda carinhosa. Tire a meia do pé esquerdo, escreva na sola o nome dela completo – repita isso por três dias. Quando vocês vão se ver da próxima vez? Não sei. Leve um bombom, uma coisa, dê para ela morder, daí escondido, guarde o resto, tem que ser um resto de comida dela, onde ela pôs a boca, que tenha a saliva dela em casa, ponha isso numa cueca sua, a que você estiver usando no dia é melhor, coloque um pouco de mel em cima e amarre, fazendo uma trouxa, mas cuidado para não amarrar a parte do saco, senão você vai ficar preso nela, coloque a trouxa num canto quente, sob o fogão ou no forno... deixe lá quanto tempo for, só tome cuidado para ela nunca descobrir, ela vai ficar presa em você. Vai ser sua, eu garanto. Agora vai, tome o seu chá para o banho, já te expliquei. Volte daqui a vinte e um dias, para a gente fechar o feitiço. Até mais.* Antes de sair, ainda vi a nossa foto, sobre o dinheiro, sobre o frango morto.

O mínimo denominador disso tudo, de toda a história da humanidade, sou eu, isto é, é a pessoa, o ser humano como indivíduo, a consciência particular que diz *eu* e ao redor da qual giram todos os contextos, todas as leis, mas que não conseguem ter jurisprudência sobre a pessoa que eu sou,

lá no íntimo, a *minha pessoa*, penso, divagando, enquanto dentro de mim eu gozo de plenos poderes, liberdade total. Mas o poder parece estar dissipado, diluído; talvez nossos bisavôs, nossos ancestrais, gozassem de mais poder do que nós, poder sexual, digestivo, vital. Talvez a humanidade inteira goze de certa quantidade de poder, de energia, que deve ser repartido entre todos os que estão vivos, e como hoje somos muitos milhões, muito mais do que nunca, cada um ficou com uma quantidade muito pequena de consciência e de clareza. Cada mente criando seu mundo, cada um criando seu pequeno e obscuro mundo. Juliana, por exemplo, a pintora que conheci num vernissage, com sua evidente obsessão pelos ricos e famosos, por *pertencer* a uma sociedade iluminada – iluminada pelo sol das ilhas de Angra, pela alegria possivelmente falsa da pele bronzeada. E eu, também eu, uma pessoa dividida, obcecado pelo desejo de algo impossível, mas também fascinado pelo mundo, seduzido pelo tempo. Eu sim, que não aceito minha própria humanidade. Talvez o poder que nos resta, que me resta, neste mundo, é o poder do desaparecimento. Desaparecer – o grande salto. Entre tantos milhões, que falta eu faço? Sou branco, cristão e ocidental. Posso desaparecer à vontade. Posso sumir, se quiser. Esse o grande trunfo. Para lograr algum poder *real*, dentro de si, a pessoa talvez precise justamente romper com os laços umbilicais que a unem aos outros, extinguir a fonte incessante de palavras. Como um peixe que decide nadar contra o fluxo do cardume, contra a maré, até a nascente do rio. Para isso, é necessário cultivar o prazer, mas não o desejo. Porque o desejo escraviza e o prazer liberta. O prazer de estar presente, a cada momento, presente, gozando seja lá o que estiver disponível em cada

momento. Vou ficar aqui quieto no meu canto, senhores e senhoras, eu desisto, eu deço, eu saio e saio inteiro. Pois se é verdade que uma pessoa precisa amarrar-se à vida, esses nós também machucam. Não, meu Deus, chega! Não posso me furtar a nada. A expressão livre na terra precisa ser assim, ambígua, porque a natureza do nosso mundo é ambígua – *o meu sorriso e o meu cu*, disse Juliana, referindo-se às suas serpentes e pássaros entrelaçados – e essa ambiguidade atormenta todo ser humano desde o nascimento até a morte, de todas as infinitas maneiras que o homem inventa para sofrer e para amar. É preciso dar um salto para além, além do amor e suas variações, além do ódio e suas variações; integrar tudo, purificar o coração no Deus absoluto, abraçar espírito e mundo e procurar ser uma pessoa completa, realizada nos dois lados de sua moeda: pois o espírito só se ilumina quando a carne se realiza na terra, satisfeita.

Eu não fazia ideia do quão cansado estava da vida. Não sabia que havia conseguido submergir uma parte de mim mesmo e que por isso voava nas alturas uma vida eufórica, mas vazia. Havia sempre no fundo uma sensação de ansiedade, e eu fazia tudo mal feito. Não sabia quanta energia gastava para manter essa divisão intacta dentro de mim, e que corria desesperadamente para a morte. Você foi a morte, Amanda, e eu corri desesperadamente para você. Eu me apaixonei por mim mesmo em você, e pensei que a salvando da sua própria precariedade eu estaria de alguma forma salvando a mim mesmo. Eu o pai e você a filha; e eu o filho da minha filha – a que veio me dar nascimento? Juntos, na minha cama, vimos *Thelma e Louise*, lembra? Eu ansioso pelo final, pois tudo era novo para você e para mim

o novo era apenas você: o carro lançado no abismo, pé na tábua. Era isso que eu sonhava para mim, para nós dois. Depois, agora, é como recuperar um caminhão que caiu do alto do precipício no fundo do mar. Que grande esforço, que trabalho hercúleo é recuperar esse caminhão. Seria melhor morrer. Eu quis morrer, com todos os segundos bons e ruins que vivi na vida, pois sempre estive mesmo nas garras da morte. Nas garras da grande mãe devoradora. Minando minha vida, em constante declive as águas descendo. A dificuldade de dar sentido às coisas. Ah, a dádiva de não querer valer nada para o coração alheio, livre do impulso primário que nos atrai ao outro criando um labirinto de desejos, . Emaranhados como um peixe numa rede. O desejo sexual, o desejo de ser amado, o desejo de reconhecimento. No fundo, somos todos patéticos, perdidos numa troca infinita de estímulos e recompensas, tão ansiosos que podemos comprar o jornal de domingo no sábado. Cegos lidando com cegos, tentando guiar cegos. Quem, nesta selva, poderia me ajudar? Quem?

Decidi seguir meu desejo: liguei para Juliana. Pedi para conhecer seu trabalho. Ela morava num prédio de três andares em Ipanema e no que seria a cobertura do seu apartamento montara um ateliê e lá trabalhava incessantemente. Quando entrei, logo senti vontade de não sair mais, de pintar, eu também, imerso naquele mundo. Ela percebeu que eu tinha gostado, e começou a me mostrar tela após tela, que estavam encostadas umas nas outras, contra a parede. Eram centenas de trabalhos enormes, alguns estranhamente coloridos, quase todos apresentando algum tipo de relacionamento mortal, sexual, sedutor, entre um pássaro e uma serpente.

Tinham um toque de profundidade e de visceralidade que me agradava, ao mesmo tempo em que eram leves e luminosos. O ambiente todo parecia um oásis dentro da vida cotidiana; o sol carioca banhando um espaço amplo, cheio de mesas com potes de tintas e pincéis. Ali fazia-se um mundo. Um mundo estranho, um pouco bizarro, que fingia se revelar imediatamente, mas que no fundo se ocultava, e o que parecia acolhimento se descobria máscara. Na verdade, no fundo, eu não gostara muito do que vira, preferia obras de arte mais abstratas, conceituais. Mas havia algo de ambíguo no trabalho de Juliana que me interessava e parecia me dizer respeito. Além disso, a corporeidade da pessoa Juliana, sua voz, sua maneira de mover a cabeça, jogando-a para trás de quando em quando, seus gestos amplos, me seduziam. A química entre nós dois funcionou, foi um encontro feliz. Ela estava de bom humor. Contou-me de vários projetos e dos desenhos que iria fazer, diretamente na parede, usando pó de tijolo, inspirados nos desenhos geométricos que vira pintados nas casas de barro do Rajastão. Mostrou fotos da sua viagem, tiradas com o olho de artista, coletando imagens e sugestões para deglutir e recriar em futuros trabalhos. Assim era a arte para Juliana, uma atividade na qual tudo se reescreve de acordo com novos códigos, novas necessidades íntimas. Como ambos tínhamos a tarde livre, decidimos almoçar juntos. Resolvemos ir a um restaurante mexicano, que abrira havia pouco tempo na praia de Botafogo. Juliana estava muito animada, falava e gesticulava bastante. Bebi uma margarita, e ela, três. Quando saímos, o tempo tinha virado, e a luz estava belíssima, quase cinematográfica sob as nuvens cinzentas, baixas e gordas que cobriam parte da enseada. Resolvemos caminhar no parque entre raros

corredores e ciclistas. Fomos até um restaurante no Aterro, onde entramos para beber um pouco mais. Dessa vez bebi uma cerveja importada e ela duas caipirinhas. Juliana embriagava-se, seus olhos ganhavam um estranho brilho de veludo negro, com um quê de satânico. Seus gestos ficaram mais incisivos. Ela deixava transparecer sua verdadeira face. A face de quem enfim é habitada por pássaros e serpentes em constante batalha. Começou a contar do seu amor, na verdade, da sua paixão, por Heleno Ramos. Eu já ouvira falar que ela e o cineasta haviam sido amantes, durante muitos anos. O que eu não sabia é que Juliana carregava essa ferida ainda aberta, que agora deixava sangrar numa profusão de palavras, contando os detalhes do seu amor e da separação. Repentinamente, ela se curvou sobre a mesa e me beijou. A sua língua adocicada, como uma serpente, na minha boca. Retribuí o beijo, com sofreguidão. Sua língua me apetecia, sorvi sua saliva – ao que ela sorriu (senti isso, mesmo de olhos fechados). Saímos a pé, ela meio carregada por mim, sem muita direção. A água da enseada estava cinzenta, ventava e iria chover a qualquer momento. Mesmo assim, caminhamos pelas veredas do parque. Começou a chover forte, nos molhamos e foi inútil correr. Sentei-me num banco e a deitei sobre meu colo; estávamos indiferentes à chuva. Ficamos assim, em silêncio, durante uma hora ou mais, enquanto a água caía. Juliana chorava e com a mão solta encostada na terra fabricava e destruía, sem os olhar, pequenos bonecos de barro. Quando parou de chover, uma luz oblíqua atravessou o parque, iluminando o mundo sob as copas das árvores, cujas folhas trepidavam em brilhos dourados. Alguns pássaros cantaram novamente e, sem surpresa, era como se eu os escutasse cantar pela primeira vez.

*Um mundo sem amor é um mundo melhor*, pensei assim que abri os olhos pela manhã. Não me lembro o que sonhei, ou se sonhei alguma coisa. E demorei-me um pouco, ainda de olhos fechados, repetindo a frase para mim mesmo, tentando compreendê-la. O que é o amor, afinal de contas, se não uma fantasia? Um mundo sem fantasias deve ser sim um mundo melhor. Quanto mais fantasias, mais desilusões e, portanto, mais sofrimento. Deve ter sido isso que eu queria dizer, o que eu sonhei. Veio-me então a imagem de um africano, um zulu ou algo assim, um membro de uma tribo. Com um cajado na mão, numa paisagem semiárida, pastoreava alguns zebus. Talvez, no mundo desse homem, pensei, não exista o amor, pelo menos não o amor como nós o concebemos em pleno Rio de Janeiro nos dias de hoje. Talvez seja um mundo melhor, o dele, por causa disso. Talvez no mundo desse homem existam as coisas, as coisas que existem: vaca, terra, lua, água, mulher. Devem também existir os deuses, e coisas assim, entidades invisíveis, mas não, por exemplo, o amor, que não é uma coisa nem outra, que é um sentimento ou uma aspiração. No mundo desse homem deve haver desejo, com toda certeza, e mulheres mais ou menos desejáveis, e interdições, com certeza, tabus e cobanças e ódios. Mas tudo baseado em fatos e situações tangíveis, reais. Não há o amor, esse sentimento tão vago, essa invenção romântica. Há desejo. Guerreia-se, mata-se por desejo, com toda a certeza, mas não por amor. O amor é uma inutilidade, algo incompreensível, apenas concebido por pessoas que vivem num mundo de sonhos, por pessoas no mundo da lua. Quem tem o pé no chão, quem conhece o cheiro do boi, da bosta, não precisa de amor. O amor é uma invenção de quem não consegue

viver no mundo. O amor é o sonho impossível de ser um quando somos dois, irremediavelmente divididos e separados. Por isso não é possível amar alguém sem odiá-lo ao mesmo tempo. Esta é a natureza do amor humano: tudo misturado. Assim é o mundo. A minha ilusão foi querer afirmar apenas o amor, recalcando o ódio, negando toda a sombra e negrume. Como se a luz não se desse justamente em contraste com a escuridão, irmãs em tudo de mãos dadas. Toda intimidade, toda entrega, gera em igual medida amor e ódio. Cabe a cada um de nós, cabe a cada casal de amantes, lidar com o fato.

Ela era como uma rosa: cega para sua própria beleza. *Era*, simplesmente. Quase apenas um corpo jovem. O que eu mais amava em Amanda era o fato de ela ser ninguém. Todo seu espaço, seu entorno, seus ares, sua inteira presença preenchida por uma doce potência: potência de ser, de vir a ser; somente promessa e flor e sutileza. Um grande achado arqueológico, num mundo onde todos freneticamente parecem querer ser, existir, descobrir quem são, expressar-se, fazer e acontecer. Ela não; não tinha imaginação, não fazia barulho. Sem grandes angústias, ou então pura potência de angústia, semente – era ninguém. Às vezes passava a noite comigo, aos domingos. Gostava muito de beijar, os beijos mais longos; acho que deve ter visto na televisão e achado que tinha de ser assim – ficávamos minutos e minutos com os lábios colados como duas lesmas. Mas, apesar de simples e franzina, ela tinha sensualidade: as línguas lambiam as línguas, varriam os dentes, e ela gostava quando eu introduzia dois dedos na sua boca, chupando-os com gemidos quase inaudíveis. Gostava também, ou pelo menos não



oferecia nenhuma resistência, quando eu enfiava esses mesmos dedos no seu cu. Até fisicamente ela era ninguém: sem peito e sem bunda, tinha o corpinho de uma menina de quinze anos – que eu, súbito gigante, levava para lá e para cá, ora contra a parede, ora fazendo dela um carrinho de mão, segurando-a pelas pernas. Sentia meu membro inundado pelo líquido viscoso e quente que ela produzia ao gozar. Resisti às minhas investidas durante umas três semanas, depois um dia do nada me ligou e disse que queria me ver. Era uma quinta-feira. Veio em casa, sentou-se no sofá e não aceitou a água que lhe ofereci. Calada, lançou-me um olhar inconfundível: “Vai me comer ou não?” Em menos de cinco minutos estávamos na cama. Aos poucos, vinha cada vez menos. Depois de alguns meses, não atendia o celular, me dava o despiste. Um dia desapareceu.

O mar estupendo, o mar que será o mesmo no milênio que virá; o mar indiferente e repositório de nossas lágrimas todas, mar do Arpoador às seis da tarde de um dia de verão, entre sacos e copos plásticos e eternos palitos de sorvete. Alguns turistas surgem, dois homens e três moças, todos muito jovens. A juventude que começa a ser perdida. A juventude, inocente, alheia ao tempo que a consome, passeia como uma gazela branca na espuma das ondas. Talvez, no fundo, o mais importante de uma pessoa, o que ela carrega de mais secreto e mais precioso, seja mesmo sua vida sexual: é disso que todos nós nos lembramos, dos momentos de amor, prazer e gozo com o outro. Mas a vergonha que sinto pelo meu corpo franzino é o sentimento mais forte que vivencio nesse momento; eu, reduzido a uma barriga feia. No entanto, é assim também que vejo os outros. Barrigas,

barrigas, barrigas de mulheres, uma profusão de barriguinhas femininas, uma infinita abundância de barrigas, geradas e repetidas a cada geração, sempre e cada vez mais barrigas jovens para alimentar o grande mercado sexual, o grande teatro humano, a grande festa do nosso êxtase. E haja sêmen, haja porra! Imagino uma grande estátua de um falo erguido, constantemente jorrando porra, no meio das areias do Arpoador, no meio da praça, como escultura permanente, fonte. O grande falo. O que mais tranquilizaria o mundo? O que mais nos acalmaria? O que mais satisfaria a voracidade infinita do feminino pelo sexo e a infinita necessidade masculina de fazer o feminino gozar; mesmo que elas gozem no gozo, pouco, parco e rápido gozo que nós homens depositamos em suas barrigas? A perda da juventude é a perda da virilidade? Se o desejo humano não se esgota no sexo, o grande falo é, por assim dizer, uma falácia.

*Alguém poderia explicar de onde vem a dor de cotovelo? A universal dor de amor que seria oferecido; virando veneno e engolido, como se engole um sapo horroroso? A dor de Juliana parecia ter ultrapassado o peito e agora estava concentrada no meio da espinha dorsal, nas costas, como se de fato ela tivesse sido quebrada ao meio, estraçalhada, partida. Mas era preciso apresentar-se inteira, levantar-se, sorrir para o colecionador suíço que um conhecido levaria para seu ateliê naquela tarde. A tarde ensolarada, ampla sobre a cidade, e as pessoas presas dentro de si mesmas, em seus próprios sofrimentos mentais. Mas quem, Deus, escolheu isso? Ontem fui até a padaria, como faço quase diariamente há tantos anos. Daí, talvez por causa da extrassensibilidade que a dor nos confere, reparei no rapaz que me atendeu. Nunca falei com ele direito, embora faça*

*muito tempo que ele trabalha nessa padaria. Reparando bem, antes era um menino e hoje já é um rapaz adulto. Outro dia o vi meio de namoro com uma garota, que parecia ser uma das empregadas do bairro. Bem, enfim, pensei hoje, na compaixão que a dor nos confere, esse rapaz, o que, que força, o prende a essa padaria? A esse pedaço de chão sujo tão próximo e ao mesmo tempo tão longe do mar? Que força prende um ser humano, cujo horizonte é infinito, à pequenez de sua própria vida? O que me prende a essas telas, meu Deus, que pinto todas as noites estragando meus olhos, desgastando minhas mãos; e por quê? Para que essas serpentes e pássaros enroscados, que vendo (e por que as pessoas os compram?) em troca do dinheiro que uso para comer, para morar, para ser cidadã; com que pago o leite e o pão da padaria, que por sua vez paga o salário daquele rapaz, e enfim, assim, criamos uma teia esquisita e infinita que nos reúne e nos prende a todos. Não há como escapar dela. É tecida com nossos próprios corpos, com as necessidades do corpo, de comer, de morar, de dizer, de amar. Amar, se comunicar, trocar. Por isso pinto, para amar, para me expressar, para dialogar. Nossos corpos querem viver na interseção com outros corpos, mas estamos sós e às vezes, como agora, a fantasia das palavras, o feitiço do amor, não funciona. Ele não me quer, ele, o corpo masculino, ele, o homem que eu quis, que quero, que digo que amo e desejo, ele, um novo ele na sucessão de Eles, de homens, ele, o homem admirado, Heleno, que estranhamente para mim encarna todo o Amor, todos os homens, todo o futuro, toda a esperança, Ele não me quer. E a vida perde o sentido, como se meu corpo tivesse sido quebrado ao meio. Mas não foi. Obviamente, não foi. Existem dores piores, mais justificáveis. Estou sendo tola, claro, mas Deus, de onde vem essa dor? Para que ela serve?*

A cidade – onde vivemos – é altamente promíscua. Todos nós respirando juntos, amontoados, entulhados, dividindo os mesmos espaços, os mesmos recursos, os mesmos produtos. Estamos acostumados com isso, nascemos e crescemos dentro deste espaço e já não percebemos o quanto ele se parece com um formigueiro, o quanto ele nos mistura e nos iguala. Os maus cheiros que saem dos canos de esgoto, as ondas de rádio e televisão, os produtos industriais: milhares de roupas, milhares de CDs, milhares de coisas que todos nós usamos. Todas iguais. Somos todos iguais. A unidade mínima é o indivíduo, o corpo humano – a pessoa. Bilhões de braços, pernas, bundas, uma infinidade de fios de cabelo, milhões de mentes e corações. Quando se juntam dois braços, duas pernas, uma cabeça etc. , a isso chamamos de *um*. Um indivíduo. Um de nós. Milhares de palavras. Cada um, cada um de nós emitindo milhares de palavras por dia. Pensando milhares de outras, só nossas. Em cada mente, um turbilhão. Cada um responsável por seus braços, suas mãos, seu estômago, seus sapatos. Cada um, um aparelho digestivo ambulante. Milhões de grãos de arroz, milhões de grãos de feijão, toneladas de azeite, toneladas de sal, centenas e centenas de bois, frangos, peixes decepados, cortados, fritos, salgados, chegando todos os dias à cidade. Milhares de litros de sangue. Milhares de litros de leite. Milhões de tripas. Trezentas e oitenta mil toneladas de dejetos jogadas em alto-mar todas as horas. Um fluxo incessante de comida e lixo. E entre uma digestão e outra, gases: milhões de pensamentos, milhões de movimentos, milhões de necessidades humanas. É preciso comer. É preciso comprar uma camisa apresentável. É preciso ler as notícias de cidades iguais às nossas, com milhões de pessoas iguais a nós, mas em outros países, distantes.

É preciso administrar o corpo, é preciso. É preciso. Acima de tudo, é preciso amar. E amamos. E amamos nossos filhos, esses bichinhos. E amamos nossos pais. E desejamos. E odiamos. É preciso enterrar os mortos. Cantar a noite. Procurar as estrelas. Deitar na praia, esquecer-se na areia. Abrir espaço. É preciso abrir espaço. Respirar. Ar puro. Encontrar sua turma. Quem entre milhões é um espelho nosso? É preciso não sentir-se só. É preciso estar só. É preciso viver no campo, morar no mato. Não. É preciso continuar na cidade, envelhecer na cidade, ir ao cinema. É preciso fazer parte deste corpo: a cidade. A máquina. O mundo. E sempre, sempre inventarmos novas formas de amar. O corpo – nosso corpo humano, com suas pulsões e sintomas – é transmitido, traduzido, pela máquina. A máquina humana. De armas de guerra, de inventos para a morte, fazemos também instrumentos de amor. O telégrafo – e-u—t-e—a-m-o –, o telefone, a internet: corpo que transcende o corpo, que ressignifica o corpo, quase pura energia mental – toda uma *outra cidade*, virtual; paralela, ao avesso. O corpo expandido. Depois de horas com a Sol, depois de passar quase um dia inteiro com a garota de Florianópolis trocando mensagens de fusão e sedução pelo computador, quando saí à rua tive vergonha de expor meu rosto. Reserva de mostrar a cara, como se estivesse nu. Depois de revelar a alma e o coração através da máquina, o rosto se tornou a última fronteira: tudo invertido, tudo maravilhosamente invertido. Na calçada, envergonhado, cheio de pudor, quis usar uma burca.

Noite passada, depois de muito tempo desde a difícil separação, fomos ao teatro, Virgínia e eu. A ideia era amenizar diferenças, talvez apaziguar um pouco nossas (minhas)

dores, preservar a amizade. No entanto, a conversa foi caótica, cada um de nós falou uma coisa diferente, sobre seus sonhos, seus planos, seu modo de ser. Saí com a lancinante sensação de ter me expressado mal e ter sido mal compreendido. E também com um sentimento novo, poderoso e libertário: e daí? O que importa? Deixei-a em casa e nos despedimos com dois beijinhos no rosto. A última coisa que eu queria era beijá-la na boca. Fica claro que existem duas Virgínias: a real, de carne e osso, e a imagem que faço dela, dentro de mim. Vou lidar com a imagem, que é o que me importa, o que é real para mim, minha chave para algum lugar novo. A Virgínia de fora de mim não importa. O outro não existe. E descobri, com certo estranho prazer, pelas tantas alfinetadas que me deu durante a conversa, que ela, além de não me amar, não gosta de mim. O sorriso que ela me dá é o sorriso aberto que só o muito superior pode dar ao seu inferior, com a plena certeza que este jamais perceberá a raiz desse sorriso, que se torna, então, genuinamente aberto. O sorriso que só permitimos a quem não pode nunca nos ameaçar. Mas não é a recíproca verdadeira? O sorriso que dou a ela é de quem apenas finge ser subjogado, com a certeza de que ela jamais perceberia o que eu sei: na verdade, não é a ela que amo, mas a algo que busco em mim mesmo, numa imagem refletida ao avesso. Pois não é totalmente verdade que não temos nada a ver, Virgínia e eu. O outro, afinal, mesmo que imaginário, mesmo que sempre simbolizado dentro de nós, no mínimo representa algo, e se nos chama atenção é porque tem algo a nos oferecer, a nos ensinar, a nos dar. Sou-lhe grato, afinal de contas, pois houve uma troca, ou, pelo menos, uma apropriação, um roubo: arranquei dela o que estava buscando. Apaixionar-se

é querer roubar algo. Durante a conversa, isto, de que eu já desconfiava, ficou patente: Virgínia é. Sente-se uma artista, sem precisar sê-lo realmente. Ser, para ela, basta. Ser, apenas, preenche. Imanência pura. E penso cá com meus botões: coisa de mulher. Coisa de quem não tem pau, de quem se sabe objeto do desejo. Roubo dela essa possibilidade de ser, roubo dela essa afirmação feminina. Isso me faltava, pois sem isso eu patinava no vazio, sem centro onde calcar meu desejo. Sem escolhas. Mas, para mim, ser não basta. Era isso que eu queria oferecer-lhe, em troca. Num determinado momento, entre um gole e outro de uísque, seu olhar parou por um minuto e eu pensei que talvez ela tivesse compreendido. Logo em seguida, pediu licença para ir ao banheiro. Demorou para voltar. Quando chegou, disse que estava cansada. Pedimos a conta e fomos embora. O que eu dizia era: ser não basta. É preciso também exercitar o ser, escolher, planejar, idealizar, transcender: a seta do homem apontada para as estrelas.

A insistência em Virgínia era a insistência em não ser. Foi o que pensei, na manhã seguinte. Recapitulando, nossa noitada me deixou confuso. Sonhei muito, e sonhava com ela quando acordei com uma golfada ácida no nariz, com sabor de uísque. Havia regurgitado. Ergui-me da cama segurando o líquido viscoso nas mãos. Entendi como os bebês e os drogados podem morrer afogados em seu vômito. O curioso é que o momento surpreendeu o corpo: não houve aviso algum, e o sonho que sonhava não trazia nenhum indício do que estava prestes a acontecer. Os universos do corpo e do sonho se chocaram e num segundo eu já estava no banheiro, vomitando. A mente, no entanto, um terceiro

universo, produzia a revelação: amar Virgínia era insistir em não ser. Virgínia e eu formávamos um casal impossível. Insistir no impossível seria insistir no isolamento, no fracasso. Esse amor precisava ser sublimado. Eu precisava tornar-me alguém, situar-me no mundo, para ser um ser desejado e não apenas um ser desejan-te, mas vazio. O amor por Virgínia precisava ser de fato engolido e digerido, transformado numa espécie de conteúdo que pudesse preencher meu próprio ser, que assim pudesse florescer com uma presença maior no mundo. Precisava, talvez, pela primeira vez em minha vida, apostar em uma existência mais genuína. Pois seria fácil para qualquer um perceber que tamanho *insight* na alma do outro – como o meu na alma de Virgínia – só poderia nascer de uma profunda observação em relação ao outro, e esse grau de observação só podia ser motivado por um gigantesco amor, ou, melhor, por um profundo abandono de si mesmo. No entanto, a atitude de Virgínia era apenas de total colaboração. Eu insistia que se ela não ousasse, não buscasse sair de seu casulo, ia começar a definh-ar, apodrecer como água parada. Esse movimento seria doloroso, pois mexendo com um assunto, mexeria com tudo, desestruturando todo o casulo, o delicado fio que sustentava sua vida, mas ela precisava fazer isso. Interessada pela conversa, concordava com tudo ou quase tudo que eu, cautelosamente, dizia a seu respeito, mas não apresentava nenhum sinal de angústia, nenhuma dor, como se estivéssemos falando sobre uma outra pessoa, ausente. Apenas abaixava os olhos e perguntava: *Você acha?* Era como se fosse uma pessoa que havia se deslocado de si mesma, e o espaço que antes ocupara estava soterrado por toneladas de pressão. Virgínia não tinha mais esperanças. O que sobrou dela, a Virgínia que falava como se existisse,



era uma sombra, uma marionete, sem realidade, sem nenhuma possibilidade de atuação no mundo. Ou quase nenhuma. Eu oferecia o meu melhor. Virgínia era impermeável. O jogo de sedução falhara. Despedimo-nos como se tivéssemos conversado sobre futebol. Os olhos dela não dizendo nada, além de boa-noite. Os olhos meus meio pedintes, meio perplexos. Então, amanheci mortificado. Talvez algo em minha voz, na minha expressão corporal, uma ansiedade, tivesse deixado claro que no fundo eu apenas estava querendo convencê-la a reatar nosso relacionamento, pateticamente sôfrego. Talvez isso tenha sido mais importante do que o conteúdo de minhas palavras. Havia fracassado, novamente. Havia conseguido o que queria?

Ao abrir a porta do apartamento e deparar-me com o corredor, o mesmo corredor de sempre, fui tomado pelo mau cheiro. Alguém havia colocado na lixeira, que não fica longe da minha porta, algum resto de jantar que apodrecia; algum pedaço de carne – pedaço de corpo, portanto, pedaço de bicho, coisa que sangra – dentro de um saco plástico, entre outras coisas, e deixado ali. Deixado ali e seguido com sua vida. Mas, fora de vista, o lixo continua onde está; não sai do mundo. Nada sai do mundo. Tudo fica, está aqui. Senti um profundo horror a esse desperdício, a esse descuido – ali, diante da minha porta aberta, olhando o mundo que era o meu corredor, toda migalha desperdiçada me ofendia. Pois tudo, eu soube naquela hora mesmo, pela primeira vez, com a certeza de uma revelação, tudo é sagrado. Então, o que é o lixo? Aquilo que é desperdício, aquilo que não soubemos aproveitar e que agora nos assombra, pesando sobre nós. O lixo é a cristalização do tempo mal

vivido, daquilo que não foi digerido, do que entope o corpo, como um intestino lento, um fígado sobrecarregado, uma respiração ofegante. O lixo é o muco, o excesso. Aquilo que nos paralisa e nos envergonha. Diante daquele mau cheiro, da visão daquele saquinho dentro do qual um bicho cozido apodrecia, era difícil acreditar na humanidade. No entanto, precisava atravessar o corredor, ganhar a rua e ganhar a vida. Então, respirei fundo e aspirei todo aquele fedor, para conquistar a rua iluminada. A vida iluminada. Vou viver a vida sem pensar na morte, afirmando-a sempre, a vida, e não a morte, como se a morte, quando vier, for uma surpresa – e não algo esperado a vida inteira. A vida inteira uma preparação para a morte? Não. A vida inteira uma preparação para a vida inteira. De agora em diante, só digo sim. Eu digo sim, mas antes preciso dizer não. Não a você, Amanda. Quantas vezes não abri a porta desse corredor, à noite, para vê-la se aproximando lentamente, caminhando meio canhestramente, meio torta, muito perto da parede, o meio sorriso nos lábios doces? Eu a esperando, a sua visão o fim de uma espera, só eu sei o quão ansiosa, o quão angustiante, eu a esperando com pétalas de rosas escondidas nas mãos. Agora o corredor está vazio, você não vem do outro lado, não vem caminhando em minha direção, e sou eu quem deve atravessá-lo. Outras mulheres já vieram, desde que você partiu, em tudo melhores do que você, mas não receberam rosas. Nenhuma poderia reclamar, mas carrego um espinho no coração, que ainda machuca toda vez que namoro alguém: nenhuma delas é você. Então desisto de você; e desisto de mim. Desisto de mim como eu quis ser, como eu me imaginei, talvez, e vou ser qualquer coisa, outra coisa qualquer, uma coisa que me seja possível

ser, uma coisa possível de ser sida por mim. Talvez assim eu encontre descanso. Não creio que duas pessoas poderiam ter sido tão felizes juntas quanto nós poderíamos ter sido, e não fomos – e não fomos porque poderíamos, e já que poderíamos, não fomos; porque poder bastava, e poder ser era melhor do que ser. Melhor não: era a única possibilidade. Poder ser é ser: a única forma de ser. Pois ser, realmente, é experimentado como um desconforto. Um incômodo. Eu queria descansar, mas nem na morte um ser humano consegue descansar. A morte é também uma promessa, um poder ser, um vir a ser. Eu queria descansar, mas há sempre um desconforto nos empurrando do nosso lugar, incomodando. São as horas. Olho em volta e tudo está morto: tudo está potencialmente morto. Mas não está: pulula de vida, sob o sol irradiante. Mas isso é a superfície. Tudo está morto, no fundo. O mundo inteiro é um cemitério disfarçado. Tudo está vivo e morto. É uma tolice profunda querer a morte. Um dia de fato estaremos mortos; e pronto. Então, não há por que desejá-la tanto, desejá-la agora, antes da hora. Embora isso também seja falso, nem na morte há descanso. Pois há mortes e mortes. E quem morre na superfície não morre necessariamente no fundo, então não é uma verdadeira morte. A morte profunda é difícil de ser alcançada, e é uma tolice desejá-la. Não sei. Que outra coisa há para ser desejada, afinal? Que outro sentido a não ser a morte? Mesmo assim, afirmo de novo, insisto: desejar a morte é uma tolice. Vou atravessar a vida, como atravesso o corredor, como se atravessa o rio, pensando apenas na própria travessia, como se ela tivesse sentido em si mesma. E não tem? A gente atravessa o rio e vai dar num ponto muito mais abaixo do que pensávamos.

Nunca calculamos direito a força da correnteza.

Acordo com insegurança em relação à minha viagem para a Índia. Mesmo sendo remunerada, em parte profissional, será que valerá a pena? Será que vai ser proveitosa? Por que essas dúvidas? Durante a noite, imagens de Nitya-Kali, a sempre negra, coberta por uma espessa máscara negríssima; e os dentes e a garganta atroz da Mãe, a Morte. Em sonho, não temi. Mas agora, temo. Creio que receio dar esse passo, que inaugura: a intensa vida, na qual a água flui rapidamente para o mar. Dou adeus ao amor, a esse amor difuso e destrutivo e, através da morte, da morte daquilo que deve morrer, abraço a vida.

Estava nervoso porque estava atrasado. Não se faz uma moça esperar assim. Já passava das onze da noite. Juliana tinha me dito para chegar na hora que quisesse, mas agora achava que havia demorado demais. Estacionei, com pressa, numa vaga meio irregular atrás de um hotel de luxo e logo fui visto pelas ruas com um vaso de flores nas mãos. Venci o porteiro do prédio e subi rapidamente os lances de escada, pois não queria esperar o elevador. Respirei fundo, ajeitei-me um pouco. Finalmente chegara e iria viver aquilo com o qual havia sonhado durante quase um mês. Meu primeiro encontro romântico com Juliana, com certeza minha primeira noite com ela. Toquei a campainha. Imediatamente, como um bom agouro, escutei o botão do CD player ser acionado e o som de uma *raga* indiana deu uma nova dimensão à noite. A porta se abriu e diante de mim, em pé, sorrindo, ela estava muito bonita, e entre constrangido e feliz, percebi que havia se arrumado para mim, e

bastante: os cabelos soltos, mas cuidadosamente penteados, o *kajal* desenhando os olhos castanhos, uma bata indiana deixando o umbigo de fora, uma calça larga, negra, que parecia uma saia, as sandálias leves, mostrando os pés pequenos e bem feitos. Não pude deixar de pensar, num átimo, que aquela roupa seria fácil de retirar, arrancar com elegância, na hora dos beijos e dos afagos, que certamente viriam, e isso parecia tão certo que era quase constrangedor. Trocamos um beijo. Entrei. No meio da sala, iluminada por enormes velas no chão, havia uma mesa baixa, com talheres e pratos. Iríamos comer no tapete, à moda oriental. Na cozinha, ela fez alguns últimos preparativos no *curry* de vegetais e arroz e me pediu para abrir o vinho. Beijamos, em pé, no meio da cozinha, ao lado da geladeira, que deu um tranco. Sorrimos. Em pouco tempo nos acomodamos; e jantamos e nos embriagamos o suficiente para, mais tarde, sobre o tapete vermelho e ao lado dos pratos abandonados e das velas consumidas, trocarmos beijos e carícias mais demoradas. Em tal balanço fomos até o dia nascer tímido, iluminando as ondas do mar na praia – que podíamos apreciar pela janela, num vaivém de crinas de cavalos brancos e quase alados, acalentador e sempre novo. Mas as carícias e os beijos mais demorados que trocamos não foram físicos – não foi ainda desta vez que transamos. Não que eu não tentasse, que eu não insistisse, tocando-a, insinuando-me; ela negava, defendendo-se, refugando. Pediu – desculpando-se – para eu me afastar. Depois capitulou, carinhosa, mas manteve a distância, ferido em meu orgulho. Em determinado momento pensei em ir embora, mas achei mais corajoso ficar. Estava interessado nela, como um macho por sua fêmea, mas também como um

ser humano por outro, e não me sentia frustrado. Passamos a noite no ir e vir da conversa, em contenda, em dança, fluxos e refluxos, entre revelações e assombros; até que por fim me despedi, depois de nos beijarmos afetosamente. Uma vez no calçadão, no entanto, caminhando diante do oceano, ainda que de certa forma vitorioso, senti-me um pouco envergonhado pela maneira como, durante a noite, encorajado pelo vinho e pelo fascínio de ver seu rosto lindo ora iluminado, ora escurecido por nuvens íntimas de confusão e sofrimento, ora indignado ou surpreso ou alegre, encurralei-a com minhas palavras. Pois a desafiei sem trégua com indagações afiadas e agressivas, perscrutando sua alma como se fosse um pescador que quisesse a todo custo abrir uma ostra, buscar a essência da pérola, de forma metódica e obsessiva, mas também diabolicamente intuitiva, genuinamente interessado, guiado pelo desejo: meus golpes foram fatais. Juliana também se revelou uma espadachim corajosa e sagaz, à altura da minha maldade, da minha compaixão, fazendo-me sangrar lágrimas de segredos íntimos, tocando-me com perícia. As carícias e os beijos foram feridas. Pela primeira vez na vida me dei conta de que era possível violar, penetrar o âmago de uma pessoa, apenas com palavras. Sentia vergonha porque tentara estuprar Juliana currando-a com perguntas, conclusões e comentários. Ela reagira com chutes, arranhões e dentadas, mas não fugira à luta; e por fim entregou-se – da surpresa, raiva e indignação a beijos e carícias entre dentes, entrelinhas, metáforas e metonímias. Eu me entreguei, também, todo dado, rendido, machucado em cruzada. No olhar exausto, mas fulgente, que trocamos na hora da despedida – agora sim com um beijo de língua – lia-se uma ambígua

intimidade, entre escancarada e constrangida, uma obscenidade amorosa, íntima, própria de pessoas que haviam compartilhado suas vísceras. Eu me sentia vitorioso, sim, mas também comovido e vexado. Talvez porque também me sentisse deflorado; exposto no recôndito do meu pudor. Todo esse encontro se dera apenas em linguagem; a vida toda linguagem, os corpos linguagem bruta; um viver extremamente delicado.

*A dor prevalece, pois somos esta convulsão de sangue e carne soltos no mundo, sem qualquer proteção, e isso só pode gerar mais dor do que prazer, apesar de toda a beleza externa, apesar de todo o conforto, apesar de toda a esperança. O corpo envelhece. Trinta e dois anos, talvez não devesse me sentir assim... mas o fato é que nada mais me entusiasma muito...*

Foi o que pensou Juliana – ou melhor, novamente, pensei eu, imaginando ser Juliana, apaixonando-me por ela, sendo-a a distância, descobrindo-a sofrendo mais fundo – ao abrir as cortinas para o dia maravilhoso sobre a praia de Ipanema, a algazarra da vida. Enquanto penso, enquanto vivo na sua mente, sintonizando-a como uma estação de rádio, pela potência do desejo (ou do amor), posso ver Juliana fazendo os movimentos há tanto aprendidos, a higiene pessoal do dia a dia, o eterno cuidar do corpo: urina, banho, xampu, sabonete, *o maldito cabelo*, agora um pouco mais curto, desodorante, maquiagem. *Esta mulher que se olha no espelho, no espelho do banheiro úmido e sombrio, tão longe da cortante luminosidade da praia lá fora, esta mulher não sou eu. Quem sou então? Uma criança, que não sabe ainda que é uma pessoa, uma pessoa como muitas outras, diria, eu sou Juliana, como se fosse um ser único, ímpar. E isso,*

*de certa forma, é verdade. Cada ser humano é uma ilha de solidão e, por que não dizer logo, de desespero? De incessantes experiências de dor e prazer, prazer e dor. Imagino Juliana fechando os olhos para ver se descobre quem é, se sente algo novo, mas não desvendo nada, embora ela respire um pouco mais aliviada, como se tivesse congelado o tempo. Tudo o que sentimos é escuridão, manchas escuras no interior dos olhos fechados, batimentos inexplicáveis, fluxos. Isso, esse corpo, essa coisa, essa bagunça de pensamentos desconexos, essa desordem interior, essa pessoa sem eira nem beira, que Murilo diz que ama, quem é, afinal? E por que eu lhe desperto esse amor? Juliana começa a duvidar que o amor de uma pessoa por outra tenha qualquer coisa a ver com esta outra pessoa, que sempre será um mistério insondável. O amor brota e cumpre todo seu ciclo de fogo, paixão, gozo, ciúme, dentro de nós, sem a ajuda de ninguém. O amor é mais um dos elementos intrínsecos do ser humano, prisão da qual ele não consegue se libertar e ainda assim continuar vivo, humano. O amor, fruto sofisticado do desejo sexual, esse impulso visceral e instintivo, esse impulso compartilhado com todo mamífero, essa imposição do corpo. Os corpos se amam, porque os corpos são como as formigas e os peixes, um só, se encontrando, se complementando. Mas o espírito, essa coisa que não sabemos onde se esconde, mas que sofre, sofre, sofre, sofre muito mais do que dor de dente, do que dor de corte... Não consigo concatenar direito seus pensamentos, pois Juliana nunca aprendeu a pensar. Emoções geram palavras, que por sua vez geram emoções e assim a realidade de cada um é forjada. A realidade de Juliana era pintar e, o que mais detestava, promover o seu trabalho em busca de galeristas, agentes, decoradores, jornalistas, colecionadores... Mas*



não é assim com todo mundo? Não estamos todos fingindo? Não estamos todos profundamente sós nas profundezas dos batimentos dos nossos corpos? *Então, por que não desmascaramos logo o jogo? Por que não gritamos “chega!”? Porque não adianta.* Juliana suspira. *Não adianta, não há para onde ir.* Já foi tentado antes, muitos já tentaram, comunidades inteiras já tentaram escapar da condição humana e não conseguiram, pois fora dela não há nada, não há vida possível. *A única saída, dizem, é o amor. Mas que amor seria esse? Heleno gostava de repetir que o amor é uma espécie de suicídio, e dizia que me amava, mas não me ama. Eu digo que o amo, mas talvez não o ame; o que é o amor? Há um homem que me dá prazer, o mundo dele não me pesa demais, não exige demais de mim, é isso o amor? A pessoa amada é alguém que faz o seu corpo gozar e que não lhe atormenta demais com seus problemas? Acho que sou muito egoísta. Devo ser egoísta mesmo, incapaz de amar. Ensimesmada. Mas que inferno!* Juliana põe um belo vestido, porque é importante que esse *marchand* se interesse por ela. *Todos nós jogamos o jogo.* Todos nós. Juliana dentro do táxi, ao longo da praia, o sol dissipando seus pensamentos. O sol é um consolo, por mais que se deseje às vezes que o país inteiro se cubra de neve.

Era a estreia do novo show do *Movimento*, o grupo de dança de Glória. Lembrei-me disso durante a semana toda, preparando o coração. Não esperava muito, mas qualquer alívio, qualquer beijo, qualquer afeto, seria bem-vindo. Por via das dúvidas, comprei uma caixa de camisinhas importadas e coloquei duas na carteira. Vesti-me com cuidado, de uma forma que pudesse agradar a Glória e combinar com

o estilo dela. Também tive o cuidado de cortar o cabelo, que estava ficando grande demais. O show, desta vez, não me agradou tanto e pareceu-me bastante forçado, bastante comercial. A parte “flamenca” da coisa era muito estereotipada e não havia *duende* algum. Glória não estava bem como cigana negra. Mas enfim, não importa. Não importa a mínima. O mais lindo foi ver o sorriso dela, radiante, meia hora depois do fim do espetáculo, na saída do teatro, como combinamos. Cumprimentamo-nos com um rápido beijo na boca, doce e íntimo, como se nunca tivéssemos deixado de nos ver durante esse tempo todo. *Que saudades*, disse eu, e era sincero. Ela estava muito bonita. *Você sumiu!* Sorri. *E o Fabão? Esse, sim, sumiu*, respondeu ela, aliviada, *graças a Deus. Na verdade, continuou, fazia tempo que queria me livrar do Fabão, que era um cara meio violento e que agora estava se metendo a ser avião, vendendo drogas em bailes funk.* Conheciam-se desde sempre, eram vizinhos de viela. *Ele sempre foi bom, mas agora andava mudado. Más companhias. Desde que perdeu o emprego, como ajudante de cozinheiro numa pizzaria em Ipanema, há uns dois anos, o Fabão já não é o mesmo. Comprou uma moto, tentou ser motoboy, e começou a trabalhar como moto-táxi na favela, levando e trazendo gente e mercadorias pelas vielas. Daí para se meter com o pessoal das drogas, que todo mundo da comunidade sabe quem é, foi um pulo. Levar um pacote aqui e ali, avisar quando a polícia aparecia. Pagavam bem. Pouco a pouco ele foi sendo engolido. Não queria mais. Era pobre, sim. Pobre e órfã, pois o pai havia sumido, fugido de casa, depois de anos maltratando a mãe. Minha mãe sofreu muito, foi a sina dela. Ela não gosta do Fabão, não quer que eu sofra. Acha que eu mereço coisa melhor. Mas o Fabão sempre foi*

*bom para mim. Foi o único que me aceitou, num momento difícil da minha vida, lá na comunidade. Me aceitou, me protegeu, me quis. Ele foi meu primeiro homem. Hoje eu tenho dezenove, na época eu tinha quinze, dezesseis. Desde então estamos juntos. Sou grata a ele, mas não está dando mais. Quero que ele se dê bem, que seja feliz. Peço a Deus. Mas não quero, ele mudou demais. Anda cheirando, sendo avião. Não sabe o que fazer com o dinheiro que está ganhando. Comprou uma moto possante, arranjou uma loira falsa, me fez sofrer. Já acabou, mas perdi a confiança. Doe demais. Outro dia vi um revólver no quarto dele. Ele deixou lá em cima da cômoda, acho que para eu ver mesmo. Me mostrar, me impressionar. Fiquei assustada. Deixou de ser o menino doce, virou machão, duro, metido, como se eu fosse me impressionar com isso. Lá no grupo, tenta impor respeito. No começo, dava força para eu dançar, agora disse que não precisa, que mulher dele não precisa trabalhar. Parece até que tem ciúme. Mas ali só tem mulher, e o Cássio, nosso diretor, que é casado, homem direito, pai de família, muito respeitador. O Fabão tem ciúme do Cássio, é mal-educado com ele, não tem nada a ver. Não quero perder meu emprego, esse grupo é a melhor coisa que tenho na vida. Eles me aceitam. Antes, trabalhei numa lanchonete, lá na PUC, na Gávea, mas não gostava muito. É, deixei de estudar, tive problemas, saí da escola, não me aceitaram. Porque as pessoas são muito preconceituosas. Meu pai era alcoólatra. No começo, foi até um pai bom. A foto de casamento deles, dos meus pais, mostra um casal sorridente, jovem. Sim, os dois eram do Rio mesmo. Nasci aqui, no Irajá. Morávamos no Irajá. Meu pai se chamava Simão, era alto e forte. Negro. Torcia pro Botafogo. Na sala tinha uma foto do Didi e outra do Garrincha. E várias fotos do time, posando*

*de campeão. Não sei dos anos, futebol nunca me interessou. Nem a mim nem a minha mãe, que era empregada doméstica. Sempre que havia jogo, meu pai bebia; quando o Botafogo perdia, ficava bravo, brigava. Trabalhava num açougue, o dia todo num caminhão frigorífico, descarregando carne. Chegava todo sujo, fedendo. Mas carne, pelo menos, nunca faltou. Mesmo quando ela subia demais de preço. Brigou um dia lá com alguém, por besteira, e perdeu o emprego. Depois disso, caiu de vez na bebida. Minha mãe sustentou a casa. Sim, eu sou filha única, mais velha e mais moça. Se meteu num assalto, acabou preso, o único do bando que foi preso, não tinha experiência, não tinha malícia. Sempre foi fraco, maria vai com as outras. Gostava dele, menos quando ele batia na mamãe, batia em mim. Maria Aparecida, minha mãe se chama Maria Aparecida. Não, nunca se casou de novo, está em casa, tadinha, moramos juntas eu e ela. Ele fugiu da cadeia e sumiu. Eu era pequena, tinha sete anos. Nunca voltou para nos ver. Conversávamos enquanto eu dirigia. Já sabia para onde ir. Para um restaurante italiano em Copacabana, simpático, barato e discreto. Sentamo-nos na mesa mais afastada possível, num canto. Na penumbra. O ambiente me agradava: o ar-condicionado não estava ligado e não havia música tocando. Foi uma boa escolha, afinal. Escolhi tudo, prestativo, pois Glória obviamente não sabia o que fazer e eu não queria constrangê-la. Sugeri um *spaghetti* com frutos do mar e uma garrafa de Valpolicella. Conversamos, novamente muito mais sobre ela do que sobre mim. Conteí um pouco de minha vida, do trabalho autônomo como ensaísta, o que serviu como elemento de sedução para o imaginário dela. Mas o que eu queria mesmo era saber mais sobre sua vida afetiva, oferecer-lhe um ouvido*

compreensivo. Glória tinha um enorme reservatório de palavras guardadas, de experiências sem interlocutor. Havia um mistério qualquer nela, que eu não sabia definir bem qual era. Ela sugeriu pedirmos outra garrafa. Isso me surpreendeu, mas a atendi imediatamente. Era um sinal, talvez. A julgar pelos seus olhos, ela estava gostando de mim. Eu havia acertado o laço, ela havia mordido a isca. Agora, era apenas uma questão de tato. A mesa, finalmente livre dos pratos, apenas com os copos e a garrafa de vinho, permitia que as mãos se aproximassem e se encontrassem. Toquei-a, e ela retribuiu o carinho. As vozes ficaram mais ternas. A mão dela era bonita. Os dedos longos, as unhas, pintadas de vermelho, não tinham nada de vulgar. Glória não era vulgar, e isso dava uma dimensão mais feliz ao meu desejo. Era insegura, culturalmente ignorante e confusa, como havia imaginado. Mas era também articulada, inteligente e sã. Eu tinha sido preconceituoso e, meio embriagado, sentia agora um genuíno respeito e carinho por ela, além de tesão. Não conseguia tirar os olhos dos seus seios e, quando ela se levantou para ir ao banheiro, mal pude acreditar na beleza do seu corpo. Esse misto de carinho e desejo devia estar evidente no brilho dos meus olhos, ao que Glória parecia estar atenta. Ela respondia, ou parecia responder, na exata proporção. Já no carro, me dei conta fiquei incomodado. Glória parecia ser um espelho fiel de minhas emoções; se eu expressava carinho, via carinho nos olhos dela, se desejo, ela parecia responder com desejo. Mas era como se não tivesse desejo próprio, iniciativa própria. Estávamos de mãos dadas e resolvi testá-la. Retirei a mão, para mudar de marcha, e não voltei a procurá-la. Esperei que ela viesse e ela não veio. De repente, senti que Glória era uma boneca, que

poderia fazer o que quisesse com ela, e esse sentimento me atordoou um pouco. Era ao mesmo tempo excitante e de-sestimulante. Parei o carro numa rua deserta, que era vigiada pelos guardas particulares dos condomínios dali, e beijei-a. Era tarde. Beijamo-nos por um longo tempo. Com muito mais ternura que eu poderia supor. E se toquei seus seios foi mais por orgulho masculino do que por real necessidade. Os beijos nos completavam. Ela parecia feliz, muito feliz mesmo, e seu sorriso era esplendoroso. Por fim descansei a mão na coxa dela e, sem que ela reagisse, apertei seu segredo. Trocamos um olhar pleno de sentido, apesar de silencioso: eu sabia. Uma sombra pareceu correr pelos seus olhos. Propus irmos a um motel. Ela respirou fundo. Eu sabia que ela não podia, ainda. Você se importa se a gente deixar pra outro dia, ela disse, beijando-me? Havia um misto de amor, alívio e certa súplica, certa agonia, na voz dela. Decidi não insistir. Eram quase três horas da manhã quando a deixei na entrada da favela.

Durante muito tempo sofri, pensando que havia fracassado: você não se apaixonou por mim, Amanda. Eu me esforcei ao máximo, e o meu máximo não foi o suficiente, foi pouco. Aturei todas as suas idiossincrasias, os seus caprichos, as suas tolices de menina, na esperança de vê-la sorrir como mulher, companheira e amiga. Quando você se foi, me desfiz. Todo investido em você, como se sempre vivera na antessala da vida, e você fosse a vida, senti que saía de mim mesmo, como a massa amarelada que sai de dentro de uma barata esmagada, não para a vida, mas para o abismo. Cada relação cria uma entidade única, é quase um organismo autônomo, independente das duas pessoas que a

constituem – uma entidade viva, um *ser*, que envolve os indivíduos e os transforma, para o bem ou para o mal. Nossa relação poderia nos ter salvo, a ambos, mas foi a perdição de ambos, pois eu sei que a partir daqui você se perderá. Ou não? O tempo passa rápido e é cruel. Oportunidades perdidas não voltam mais. Mas tudo ainda é possível. Neste mundo, há sempre muitos perigos. Na face do amado vemos a encarnação de nossos próprios anjos, ou de nossos demônios. Os demônios venceram. Você sucumbiu ao seu medo, à sua infantilidade, às suas fantasias, ao seu rancor inconsciente por aquele que, amando-a tanto, revelava, por força desse amor, a sua miséria a você mesma. Mas como posso recriminá-la por ser quem é? Não estou, eu também, como todos nós, preso àquilo que sou, a despeito das minhas melhores intenções? Seria eu um ser absoluto, sem qualidades ou atributos, por alguma razão preso dentro de uma roupagem, uma armadura; ou seria eu a armadura, justamente aquilo que me limita e me constrange? O que é o destino, e como ele se forja? No entanto, há a consciência, há o livre arbítrio. Talvez nossa única liberdade esteja em como encaramos os fatos, em como escolhemos viver a vida, a vida que nos é imposta. E você, Amanda, escolheu a saída mais fácil, a mais covarde. Vai passar a vida, ou grande parte dela, à procura do amor redentor, da figura paterna na forma de um grande amor, sem talvez se lembrar que eu poderia ter sido esse amor – estava disposto a sê-lo. Mas teria que ser um amor construído, trabalhado, como todos neste mundo, e não um conto de fadas. Não o sonho da fusão original, o retorno ao útero, ao jardim do paraíso. Essa passagem para o real – para a realidade – você não sustentou. Mas haverá outras oportunidades,

suponho, para você, e também para mim. Um dia você emergirá uma mulher de fato, e não esse filhote de corça assustado. E um dia eu escolherei uma mulher de fato, talvez, e não um filhote de corça a ser criado. Mas esse foi o resultado alquímico da nossa relação. No fundo, nosso diálogo foi: “Eu não sou você”, disse, me empurrando. “Então, não quero ser seu pai”, respondi, amuado. Sim, errei muito. O que mais posso dizer? Você me deu limites. Agora, preciso renunciar à felicidade e à infelicidade, que seria amá-la. Hora de lamber minhas feridas e encarar – *presente* – o resto da minha vida.

Eu olhava para Amanda e não conseguia vê-la. Não apenas porque ela serviu de suporte para minhas fantasias, como, aliás, acontece com todos os processos de paixão – a pessoa verdadeira, tão próxima e tão distante, perdida sob os véus de expectativas e desejos. Quem é Amanda eu não faço a menor ideia, apesar de conhecê-la intimamente, apesar de conhecer seus recônditos mais secretos. Provavelmente porque eu também não faço a menor ideia de quem eu seja. Quando Amanda se foi, me deixou a sós com minhas feridas. Mas não foi ela quem as criou, eu já as carregava dentro de mim. Havia muito tempo. No fundo, o amor é um ato de desespero. Eu vivia uma vida luminosa, mas abaixo havia as profundezas do oceano, com seus monstros; abaixo, sem que eu soubesse, ainda pulsava o pântano. Eu era uma pessoa perdida, e uma pessoa perdida pode sempre se apaixonar perdidamente. Sem desconfiar, vivia uma vida desesperada. Do que me defendia? Minhas defesas haviam ruído, estouradas como a costura de uma bola de futebol, como uma hérnia. Tudo em mim – torna-se evidente agora



– foi, desde sempre, precário e mal-ajambrado, uma costura malfeita, apressada, que um dia fatalmente iria se abrir. Mas eu precisava descobrir: contra o que me defendera, sem saber, durante a vida inteira e que, agora, sorrateiramente, me aniquilava? Que monstro Amanda invocou? O horror à insignificância, ao abandono, à solidão? O primordial medo da morte? O oco cerne do ciúme? Todas essas dores canalhas juntas? Quando nos aproximamos da meia-idade a infância volta? Aquilo que me feriu profundamente na infância e contra o qual, conscientemente ou não, da melhor maneira que pude, aquilo que me feriu e contra o qual me defendi a vida inteira, contra o qual uma pessoa – esse ser absurdo, desesperado e sozinho – se defende, seja através de um vício, do orgulho, de um sentimento de falso desapego, seja através do álcool ou do sexo ou de uma compulsão por controle e poder, aquilo contra o qual nos defendemos, e que também paradoxalmente nos move adiante, nos impulsiona no mundo, através do trabalho, da religião, da constituição de uma família, aquilo que primeiro e mais fundo me feriu, e que nos fere, seja a histeria de uma mãe ambígua ou a distância de um pai negligente, ou o tédio de uma vida medíocre, ou a intuição da falta de sentido de tudo ou o profundo desamor, deixando a vida para sempre, precária e provisória, essa coisa que machucou volta e machuca de novo. A origem desse movimento torto, desse desvio, desse estranhamento, volta e continuará voltando sempre, arrebatando-nos por dentro, até que um dia consigamos mudar, trocar o disco, emanciparmos-nos. Esse sim, se algum, o momento da transformação, da epifania, quando formos capazes de romper o ciclo vicioso de sempre repetir os mesmos padrões e ressurgirmos como

outra pessoa. Então, como costurar tudo de novo, de um jeito melhor? Como romper com aqueles comportamentos tão profundos que se parecem com nossa própria identidade? Através de um ato, talvez, não de uma palavra, pois a linguagem já está esvaziada, só representa a si mesma (a não ser que seja uma palavra original, mas onde encontrá-la?), através de um ato, não de um discurso: um ato que seja um corte consciente. Craveira rompida – estalão. O absurdo virado ao avesso. Onde?

Voando sobre o céu estrelado do Atlântico Sul esqueço-me de mim mesmo, de onde estou, para onde vou, e assisto a um tolo filme americano: mãe e filha trocam almas e corpos e uma vive o dia da outra, e assim se compreendem melhor. O filme despertou-me emoções interessantes. Agora, sou quem eu sou, não quem gostaria de ser. Mas, ao contrário do que costumamos pensar, a juventude talvez seja, no fundo, um período de incríveis dificuldades e sacrifícios. Tempo, o maior dos mistérios. Um segundo após o outro, um momento após o outro, sem cessar, como um corredor estreito, sem olhar para trás, sempre adiante. Tempo. Peço sua ajuda. Aceito que me lamba, deito no seu ninho, aceito que me cuide, como se eu fosse uma semente ou uma criança. Na luta contra a vida, no *agon* contra a vida, nenhuma derrota pode ser aceita. Todo esse colorido intenso pode vir a ganhar alvura, mas precisa materializar-se, de alguma forma, pois embora a morte seja a amante derradeira, a vida continua, exigente, e é preciso encontrar a morte no altar com o buquê da vida plenamente colhido. É preciso saber ganhar, perder, e ganhar de novo. Tempo: entramos no continente africano no raiar da aurora, com

lindos efeitos sobre a massa de nuvens, e logo sobrevoamos o deserto de Kalahari – cada vez mais nítido, árido, enrugado, inóspito. Desta vez, nesta viagem, estava decidido a tirar fotos, vamos ver se vai dar certo. Fotos, mesmo ruins, são importantes para ao menos pautar o assunto das minhas matérias, foi o que disse a Sheila, do caderno de turismo do jornal, ao mesmo tempo em que me tranquilizava, dizendo que poderia conseguir boas imagens em outros lugares, de outras fontes. A África, vista de dez mil metros de altura, não correspondeu às minhas expectativas. Algo indefinido, nem floresta nem savana, e não consegui ver cidade ou movimento algum, quase nenhuma marca humana; alguns rios, dois deles muito grandes, mas que pareciam leitos secos, ou semissecos, e mais nada. Uma geografia indiscernível, sem nome, um vazio. Nós também, as pessoas – essa invenção moderna –, nos fundamos em algo cavo, fugidio; não numa suposta realidade, mas na linguagem, essa entidade híbrida, esse algo incorpóreo sempre em suspenso. Hosana nas alturas. Ó, vida absurda. Maravilhoso mundo novo – maravilhoso mundo doido. O namorado do meu neto nascerá em Urano, ou em um dos satélites de Júpiter. Seremos uma nova humanidade, uma nova velha humanidade. Ou algo totalmente diferente; outra humanidade. Inventaremos para nós mesmos um novo corpo? Inventaremos até mesmo uma outra – uma nova – alma? Admiro a noite estrelada, sobre a África: rabo de foguete, rabo de cometa.

Fui buscar a Glória no shopping de São Conrado. Ela morava numa rua de difícil acesso na Rocinha, e preferia esperar-me ali em pé, sob a garoa fina, diante do shopping.

Estava bonita, com uma roupa de couro, casaco e calça apertada. Botinhas. Estava mesmo bonita; o cabelo solto nos ombros. Talvez um pouco perfumada demais, só isso. E os olhos e o sorriso brilhando. Os dois enormes olhos amendoados, contornados por *kajal*, pareciam dois oceanos noturnos. Fiquei de fato feliz em revê-la. Curvei-me no carro e, sem sair, abri a porta para ela, que entrou rapidamente. Dois beijinhos. Fomos para a Lagoa. As nuvens haviam se dissipado, e uma linda lua cheia surgira. Bebemos caipirinhas, que nos aqueceram e nos propiciaram ao namoro. Muitos, muitos beijos. A boca de Glória, com lábios carnudos, uma língua ágil, era deliciosa. Cuidadosamente lambi todos os seus dentes, embriagado, enquanto acariciava-lhe a nuca, sob os cabelos. Trocamos confidências, e palavras de amor, e mais carícias. Eu estava com o coração leve, redimido: Glória era uma mulher e tanto. Ela estava feliz, também. Entregávamo-nos um para o outro, para a total indiferença dos garçons e dos outros clientes do bar, a maioria gringos. Parecíamos um casal comum, e isso, ainda que por razões diferentes, fez com que nós dois nos sentíssemos ainda mais felizes. Entre um beijo e outro, arrisquei dizer que queria passar a noite com ela, e o seu silêncio foi um consentimento. Pedimos a conta, paguei. Na suíte do motel abri mais uma latinha de cerveja, e como havia uma pequena pista de dança no quarto, deitei-me na cama e pedi para ela dançar. Glória atendeu-me com um sorriso e pareceu adivinhar o que eu estava pensando, pois fez exatamente o que havia feito no estúdio de tv, quando nos encontramos pela primeira vez. O mesmo tesão aposou-se de mim, eu, que desta vez bebia minha cerveja com o orgulho satisfeito do macho vencedor, apaziguado em

seu desejo. Tinha consciência do ridículo desse sentimento, mas não podia deixar de saboreá-lo, não podia deixar de permitir-me saboreá-lo. Eu me redimia (do que, exatamente, não sei), nu na cama, o pau em riste, enquanto Glória dançava e começava um lento e bem orquestrado *striptease*. Nua, ela era ainda mais bela do que vestida. Excitado, o mundo girando, levantei-me, aproximei-me dela, que ainda rebojava de costas, e segurei sua cintura. Beije seu pescoço, encostei-me... *Meu amor, eu não tô aguentando...*, sussurrou ela. Empurrei-a suavemente, cuspi no seu dorso, onde seu lombo se abria dividindo-se em duas nádegas musculosas e perfeitas, e a penetrei curvada contra a parede. Puxando seu quadril com as duas mãos, gozei montado sobre ela, que se manteve imóvel. Depois, nos deitamos na cama e cochilamos abraçados. Não sei quanto tempo ficamos assim. Quando despertamos, nos beijamos e transamos de novo. Depois do gozo, puxei-a para perto de mim, lambendo seus seios, sua barriga tesa, seu umbigo. Deitei-a e fiquei sobre ela; dei-lhe um longo beijo na boca e mais uma vez fui descendo lentamente, os seios, a barriga, a região do púbis, o pau ereto... Levantei seu quadril e sentei-me com as pernas dela esparramadas sobre minhas coxas. Os olhos fixos.

Sol 10/05 13:51 de onde é?

MM 10/05 13:51 do Rio

O que você faz em Floripa?

Sol 10/05 14:00 Qtos anos tem?

MM 10/05 14:00 Mais ou menos a idade de Cristo!...

Mas pareço menos! rs

Sol 10/05 14:01 Não se preocupe, está perfeito!

- MM 13/05 11:47 Vc sai muito à noite?
- Sol 13/05 11:49 Não, mas tenho sempre o desejo incontrolável de seduzir por onde passo!
- MM 13/05 11:49 Você gosta de seduzir, flertar? É bonita?
- Sol 13/05 11:53 Acho que o poder está na mente. Sou bonita sim, mas mais que beleza, o encantamento é um tipo de admiração.
- MM 13/05 11:54 Então é um esforço consciente que você faz? E quando conquista um homem?
- Sol 13/05 11:57 Isso me deixa mal, o prazer está na admiração que provoco, depois fico envergonhada comigo mesma!
- MM 13/05 11:57 é um jogo meio perigoso, não é?
- Sol 13/05 11:59 Muito, eu coloquei o casamento como um bloqueio.
- MM 13/05 12:00 O seu marido lida bem com isso?
- Sol 13/05 12:01 Ele sempre percebeu o impacto que provoco, mas nunca demonstrou ciúme.
- MM 13/05 12:02 você o ama?
- Sol 13/05 12:03 Amo muito, é o companheiro ideal (até agora)!
- MM 13/05 12:04 Mas você tem vontade de transar com outros homens? ou é mesmo só o jogo de sedução?
- Sol 13/05 12:06 Tenho muita vontade, acho que deve ser este aroma que exalo quando passo, deve estar no inconsciente dos homens, o cheiro! rs
- MM 13/05 12:11 e se você transasse com outro? seu

- marido iria entender?
- Sol 13/05 12:12 Nunca
- MM 13/05 12:12 nunca o quê?
- Sol 13/05 12:12 Não entenderia, acho até que se tornaria violento.
- Sol 13/05 12:14 eu mesma é que tenho que pôr freios nisso!
- MM 13/05 12:14 mas nunca se apaixonou por outro?
- Sol 13/05 12:16 Já me apaixonei, mas desde o princípio foi este jogo e qdo vi que eu estava me envolvendo, sofri muito e não contei nada a ele. Resolvi terminar p/ que eu fosse uma lembrança boa e não mais uma mulher apaixonada e burra!

(...)

- Sol 15/05 15:32 Eu sempre tive horror ao casamento, me casei com a razão e não com a emoção, foi uma escolha difícil entre o amor ou a paixão da minha vida e o companheirismo, a segurança
- MM 15/05 15:33 Mas como assim? Por que não se casou por quem estava apaixonada?
- Sol 15/05 15:36 Não! pesei os dois lados, um a paixão que me levaria ao ciúme e descontrole emocional, pois ele era bem sedutor tbém. Era empolgante, confesso! O outro a tranquilidade, o respeito, segurança emocional, o carinho... aí me casei! p/ ver se controlo meus impulsos!

- MM 15/05 15:39 te dou os parabéns  
espero que seja feliz assim
- Sol 15/05 15:40 Eu também espero, a fórmula parece  
correta, vamos ver onde vai dar!
- MM 15/05 15:41 o espiritismo, ou seja, a religião, tem a  
ver com isso?
- Sol 15/05 15:41 Muito, e este meu problema de atração  
também é espiritual!
- MM 15/05 15:42 Como assim?
- Sol 15/05 15:43 Não sei ao certo, é uma suposição: acho  
realmente que fui em outra vida uma  
mulher muito provocante, desde criança  
(pra vc ter uma ideia eu juro que nem  
sabia porque mas me masturbava aos 4  
anos escondida embaixo da cama) sabia  
que não podia, mas fazia e fui criada com  
meus avós daqueles bem antigos, quer  
dizer não tinha mau exemplo em casa.
- MM 15/05 15:47 mas a pulsão sexual está nas crianças  
desde muito cedo.  
O que você fazia aos 4 anos é normal.
- Sol 15/05 15:48 Na adolescência quando aumentou  
este desejo, me masturbava demais e  
eu mesma tirei minha virgindade, (não  
sabia o que estava acontecendo) morri  
de medo qdo sangrei, chorava horas por  
alguém e não sabia quem!
- MM 15/05 15:49 acho louvável o esforço de sublimar  
essas pulsões para coisas mais  
elevadas...
- Sol 15/05 15:51 Hoje frequento o centro espírita e



- descobri que sou médium e vampiros me usavam p/ o sexo, por isso o controle! e há um homem que diz ser meu dono, que me ama!  
 No dia do meu casamento foi uma loucura!
- MM 15/05 15:52 Que loucura!?  
 o que aconteceu no dia do seu casamento?
- Sol 15/05 15:55 Mesmo em casa antes de saber que era médium em momentos antes do casamento, discutimos, falei absurdos ao meu marido! e ao final ele perguntou se eu não queria mais me casar e eu falava ela nunca vai ser feliz com ninguém, ela é minha (meu marido e minha mãe que me disseram, entrei em transe)
- MM 15/05 15:56 é mesmo?  
 e como você está lidando com isso? como se livrar desse “dono”?
- Sol 15/05 15:58 Pois é estou indo no centro e me preparando p/ trabalhar na mesa de comunicação; ele pode ser um afeto meu que está ligado ainda a mim, assim como eu a ele pois algumas noites eu choro de saudade...
- MM 15/05 16:03 seu marido não te satisfaz?  
 Sol 15/05 16:03 depois do casamento ele apagou!

[...]

- MM 18/05 16:07 você me achou bonito na foto?
- Sol 18/05 16:08 Achei muito bonito!  
Minha vida toda jurei que ia ser uma  
mulher linda, bem cuidada, atraente,  
sensual, depois que me casasse, não  
aquelas baleias sem graça! E pra quê?  
Pra ver meu marido lindo ficar barrigudo,  
com dor nas costas e que deita  
e começa a roncar!
- MM 18/05 16:10 não se pode fugir do desejo  
acho legal tentar controlá-lo para não  
causar sofrimento desnecessário, mas  
satisfazer o desejo, ter prazer, é nossa  
felicidade
- MM 18/05 16:10 posso ver uma foto sua?
- Sol 18/05 16:11 Se prometer não brincar com ela, tudo  
bem?
- MM 18/05 16:12 ok!  
como vou brincar com ela? rs
- MM 18/05 16:14 muito bonita sim  
e muito sensual
- Sol 18/05 16:15 Pois é, mais uma tentativa!  
Fiz umas fotos em estúdio p/ dar de  
presente ao meu marido,  
ele não quis!
- MM 18/05 16:15 mas vocês não transam nunca?
- Sol 18/05 16:16 Às vezes na mesma bat cama, mesmo  
bat local, mesma bat hora  
e mesma bat posição!
- MM 18/05 16:17 aposto como ele goza antes de você,  
acertei?

- Sol 18/05 16:18 Não, ele tem paixão por mim, quer me dar prazer
- MM 18/05 16:19 ele gosta muito de você?
- Sol 18/05 16:20 Adora! mas gostaria de mudar um pouco, variar...
- (...)
- MM 21/05 15:24 alguma coisa de novo com você?  
você ficou de me contar uma história....
- Sol 21/05 15:24 Tenho uma novíssima! Desta noite!
- MM 21/05 15:25 Conta!
- Sol 21/05 15:26 Lembra-se que te contei daquele afeto de outras vidas?  
Ele me visitou esta noite!
- MM 21/05 15:26 Como é isso?
- Sol 21/05 15:31 É como um sonho acordado, porém a energia fica no corpo!
- MM 21/05 15:32 O que aconteceu?  
vocês transaram?
- Sol 21/05 15:36 Não exatamente, imagine aquela sensação de desejo, mas sem poder tocar... Nos aproximamos, sentimos a respiração um do outro, meu corpo estremeceu de saudade,  
me deu vontade de chorar por não poder mais que isso!
- MM 21/05 15:38 que estranho...  
você consegue se lembrar do rosto dele?
- Sol 21/05 15:39 Não, sempre estamos na penumbra, tem claridade, mas não dá pra ver o rosto,

- o sentimento que fica é de saudades, mesmo de tristeza, como estou me sentindo neste momento, demora pra passar as impressões.
- MM 21/05 15:40 e será que vai ser assim a vida toda?
- Sol 21/05 15:40 e neste momento sinto sua presença e cheiro de flores!
- Sol 21/05 15:43 é um ímã inexplicável, que gosto de sentir...  
Porém sinto também que está bem melhor agora do que era antes, ele deve estar sendo tratado, talvez pelo fato de eu estar indo no centro, deve ter ajudado!
- MM 21/05 15:44 ele seria um espírito desencarnado, é isso?
- Sol 21/05 15:44 Sim, em outras épocas era mais frequente e eu acordava cansada e gozada!
- MM 21/05 15:45 gozada como?
- Sol 21/05 15:45 transávamos em sonho mesmo, sentia tudo e tinha orgasmos de verdade!
- MM 21/05 15:49 e por que isso não acontece mais?
- Sol 21/05 15:50 Depois do meu casamento esta foi a primeira vez que o encontrei novamente, até no momento que o vi, falei "você! desde o casamento!"  
ele não respondeu nada.
- MM 21/05 15:57 não poderia ser tudo psicológico? você já fez análise, por exemplo?
- Sol 21/05 16:00 Já fiz análises. Porém só deu pra adiar o problema...

- Sol 21/05 16:05 Olhe eu sempre fui rebelde a estes casos, era católica e tinha estas oscilações de humor, sensações de agressividade...  
minha mãe era espírita, e eu tratava com ironia esses assuntos, um dia eu disse alguma besteira p/ minha mãe e ela: só vou dar caso ao que disse quando souber o que está falando...  
me deu livros da doutrina e disse leia, reflita e se não concordar aí sim pode me dar seus argumentos... então li e não tive argumentos a não ser acreditar!
- MM 21/05 16:11 me preocupa um pouco este ambiente para mim, você afasta a escuridão com a luz e quanto menos se pensar nisso, melhor, mas, claro, não tenho este tipo de visitasões que você tem
- Sol 21/05 16:12 Só sei definir hoje o que vejo e o que sinto pelo estudo, senão acharia que foi um sonho... foi tão real!
- MM 21/05 16:13 entendo...  
e aquele seu namorado com quem vc não quis casar? não foi capaz de abafar este amor?
- Sol 21/05 16:15 Coitado! Tenho altas convicções que ele era usado também... o que senti esta noite era o que sentia qdo estava c/ ele e depois que terminávamos eu me sentia usada e com nojo
- MM 21/05 16:16 usada como? por quem?
- Sol 21/05 16:17 Espíritos com tendências ao sexo ligados à

terra não têm outra alternativa a não ser  
ficar em motéis aproveitando o fluido dos  
que estão lá para isso!

MM 21/05 16:19 humm...

por isso existem lugares mais sagrados  
que outros, né?

Sol 21/05 16:20 essa é a minha luta íntima!

[...]

MM 22/05 16:25 eu sinto tesão por você... mesmo de  
longe, a gente sente certo....

mas não gostaria de me focar nisso...

Sol 22/05 16:26 Tirou as palavras da minha boca!

Houve algumas

noites que fiquei pensando em vc antes  
de dormir e me excitei muito!

MM 22/05 16:28 verdade?

Sol 22/05 16:28 Pensei até em te pedir pra falarmos por  
telefone e, acredite, fiquei com medo de  
me apaixonar, estranho, não?

MM 22/05 16:30 não é estranho,

you se masturbou pensando em mim?

Sol 22/05 16:31 Acredita em atração natural então?

MM 22/05 16:31 claro que sim

Sol 22/05 16:31 sim, me masturbei

MM 22/05 16:32 você é um amor, Sol

Sol 22/05 16:33 amor?

louca vc quer dizer, vc não viu a minha  
cara de assustada depois!

MM 22/05 16:34 assustada por quê?

- Sol 22/05 16:42 me tranquei no banheiro e fiquei me tocando gemendo baixinho...qdo saí meu marido sacou na hora!
- MM 22/05 16:42 isso foi durante a noite?
- Sol 22/05 16:43 foi
- Sol 22/05 16:43 fui tomar banho a 01:20 da manhã
- MM 22/05 16:44 e você estava pensando em nós antes de ir pro banheiro?
- Sol 22/05 16:44 estava
- MM 22/05 16:44 e o que imaginou?...

A superfície da pele. Quem me dera. Nenhuma das pessoas do meu convívio tem a menor ideia do que seja viver na superfície. Pensando bem, o bom seria viver na superfície, saber viver na superfície, mas regido por leis profundas. Acho que eu vivo nas profundezas de mim mesmo, mas na superfície do mundo – como se o mundo fosse uma grande tela, uma projeção de um filme, no qual eu nunca consigo entrar completamente. Virar do avesso. Até hoje, só consegui olhar para dentro, o mundo exterior não fazia sentido. Mas é para esse mundo exterior que sou lançado agora. Destampada a boca do balão, sou expelido com força para o mundo. Nasço. As estratégias de manter-me onde estava, ou de sair aos poucos, fracassaram. É com a força de um parto prematuro, um parto prematuro de muitas décadas, que nasço. Nasço, e não paro de nascer, mas agora nasço. Só buscava alimento do lado de dentro, mas aí há alimento? Comendo a mim mesmo, me alimentando de mim mesmo. Defendendo-me do afeto. As mulheres, afinal de contas, nunca – ou quase nunca – me deram nada, puras imagens, miragens. Destampada a boca do balão, viro de

avesso. Ser verdadeiro no mundo, só assim ele ganha sentido, só assim ser capaz de amar. Ser falso na arte, pois arte é artifício. Como agora, ser falso na arte. Só assim, também, a arte ganha sua condição de coisa construída, e oferecida. Ser mais objetivo. Ser no mundo, andante e falante. Desejante. *Eu quero enricar*, disse Diana/Lúcia, uma pessoa entre muitas, e todas dizem coisas. Muitas coisas. Tanto verdadeiras como inventadas. Então, eu sou uma pessoa, e pronto. Sem mais. Inventado.

Esse encontro entre o real e o virtual, entre a realidade – essa constante presença em mim, embora eu mesmo não saiba direito quem sou – e a fantasia, pode ser experimentado de uma forma surreal, meio onírica, sinistra. Tive que esperar um bocado no saguão do aeroporto de Florianópolis, até ela aparecer. Estava atrasada, depois me confessou que estava receosa, quase desistindo... e a espera foi estranha. Um aeroporto já é um lugar nenhum, passagem, sem dono, parecido com todos os outros aeroportos do mundo. Fiquei esperando no saguão enquanto pessoas iam e vinham, e todo mundo poderia ser ela, até as moças mais diferentes em relação às fotos que ela me enviou eu achava que, de repente, poderiam ser ela, e me aproximava discretamente; algo muito estranho, essa incerteza das feições, do corpo. Então enquanto o tempo do aeroporto, o tempo aberto dos aeroportos, escorria do seu jeito único, eu me sentia no limbo, no ponto de encontro, e cheguei a duvidar se aquele era o lugar certo, se, de repente, na verdade, ela morasse em Porto Alegre e eu tivesse descido na escala errada; ou se, ao contrário, eu estivesse em Curitiba, quando deveria



estar em Florianópolis. E aí ela chegou, e de longe, pelo andar, pela expressão do rosto, embora eu não pudesse ver seu rosto, pela expressão que adivinhei em seu rosto, eu sabia que era ela. A boa surpresa foi que ela era muito mais bonita do que eu pensava. Muito mais bonita, mais jovem, mais delicada. Porque ela havia me mandado umas fotos um pouco apagadas, nas quais apresentava uma expressão meio *vamp*, uma tentativa suburbana de parecer sedutora, que criava a impressão de ser mais velha, mais obscura. Mas não, a menina que apareceu, com seus longos cachos dourados, exatamente como a Vênus de Botticelli, e seus olhos verdes um pouco ingênuos e assustados, essa menina era luminosa, sim, uma pessoa verdadeira, com todos os seus direitos de pessoa, autorizada a viver na terra, sob o sol, e sonhar e amar e crescer. Gostei dela e ela gostou de mim. A segunda boa surpresa desse encontro inusitado foi que fizemos exatamente aquilo que combinamos que iríamos fazer, realizamos as fantasias que imaginamos pela internet. Fomos no carro dela direto para um motel de luxo. Nossa suíte chamava-se Alhambra, e era toda em estilo mourisco, com sauna, uma pequena piscina, aqueles espelhos todos e até mesmo um teto retrátil. Vimos o dia passar sob o céu azul; e depois a noite passar sob as estrelas. Nenhum de nós dois parecia conseguir enxergar limites: o encontro de dois abismos. O fato é que, apesar da intimidade, ou justamente por causa dela, apesar da intensidade e da falta de limites, ou justamente por isso, fomos objetos e espelhos um do outro. O nosso gozo estava em ver refletido nos olhos do outro o fascínio que sentimos por nós mesmos; a perplexidade diante de nossa própria existência.

Um telefonema de Belém durante a madrugada. O susto – a mudez –, o contrário de um parto, vácuo: minha mãe morrera, atropelada ao sair de casa. Passo dez dias na cidade da infância; revejo antigos amigos, irmãos e tios, bebo a sempre deliciosa cerveja local, como meus pratos preferidos, tão difíceis de encontrar no sul. Mas sofro, em ritmo de despedida, em lenta dissolução do mundo. Hospedado na casa onde cresci, casarão agora esvaziado de vida, da presença de minha mãe, subitamente grande e oco, eu sofro. Choro no quarto onde fui adolescente, menino cheio de sonhos; choro de cócoras no batente da porta do quarto de minha mãe. Tropel de palavras, de lembranças, de imagens e sensações. Tenho dificuldade de elaborar os sentimentos, que descem com as lágrimas; atropelo, poderosa pororoca, estrondosa; macaréu – mupororoca; murro. Beijo as paredes. Passo horas diante do rio. Passeio pelo porto; os navios atracados, os mercados cheios de frutas – tudo como sempre. O tempo dos rios. A umidade que cola a roupa ao corpo, os cheiros fortes, a basílica de Nossa Senhora de Nazaré, onde sempre gostei de me refugiar do calor, e as mangueiras centenárias. De tudo me despeço. O velório. Aquela parecia não mais ser a minha cidade e sim a cidade de outra pessoa; uma cidade irreal, inventada, imaginada por algum desconhecido. Apesar de cercada de água por todos os lados, uma cidade seca. Ou, apesar de desértica, uma cidade úmida, inundada – e ao redor, estendendo-se para sempre, a selva; a floresta selvagem e terrível dos índios que não conhecem os limites do mundo. Com a trágica morte de minha mãe, desfazem-se os laços com Belém: laços que subitamente se revelam mais frouxos do que eu pensara. Eu era outro. Quando enfim

voltei ao Rio, imediatamente ao botar os pés no aeroporto, senti – serenamente órfão – que a vida começara a ser outra coisa. Que coisa? Diferente. Mas, por ora, o marasmo. Durante semanas, as manhãs gastas na cama, observando a luz entrando pouco a pouco no meu quarto, ganhando primeiro a cadeira ao lado da janela, depois parte da cama, depois a cama inteira, obrigando-me a por fim levantar-me. Minha mente viajando ainda por Belém, o calor equatorial, o rio – indo com as águas. O tempo que passou, sem deixar vestígios. Berlim, que também passou. Os filmes a que assisti no Babylon Kreuzberg. As árvores sem folhas durante o inverno. O vento. O rio também, outro rio; o Spree, tão diferente. Cada fase de minha vida parecia uma vida inteira, real enquanto na frente dos meus olhos, mas que passou, sem deixar quase nada, muito poucos objetos, poucos amigos, tudo ficou onde estava, mas eu passei, ileso – ileso? Minha vida não parece uma sucessão ininterrupta de eventos vividos por um mesmo ser, mas uma alternância de vidas que algo misterioso e inefável une. E esse algo misterioso e inefável é a minha sensação de existir. Enfim vencido pelo cansaço de ficar estirado na cama, observando o bater do tempo nos lençóis pendurados para secar numa janela de um prédio vizinho, levanto-me, faço um chá, evitando o telefone, evitando qualquer contato com o mundo do lado de fora. Era como uma borboleta se refazendo. Havia doçura nesse processo, apesar de toda a incerteza, de toda ansiedade que às vezes sentia. Mas isso também era vida. Emagrecia, e o desaparecimento a olhos vistos me dava prazer. Senhor: tirei a minha vida. Essa era a minha oração diária. Pois me sabia covarde demais para morrer pelas próprias mãos. A dor que sentia pela morte da minha

mãe somava-se a outras perdas. A todas as perdas de uma vida que, agora, parecia uma vida de perdas. Pois era uma dor ainda sem nome. Sem rosto, sem explicação. Em luta. Quando a ferida assim se abre, o que fazer com tudo aquilo que se criou, que se logrou construir durante a vida? Como uma vida pode acabar assim, vítima de si mesma? Tinha a sensação de ter vivido uma vida falsa, de estar sempre fingindo, e agora esse fingimento era desmascarado, para mim mesmo, de forma humilhante, cabal, com a cartada final do destino: à orfandade, à herança de um mundo subitamente sem pilares, somava-se o triste fim definitivo do meu casamento. Era comum e corrente: Virgínia escolhera Júlio; seguia adiante. Tendo perdido todas as esperanças, agora eu já não era ninguém, e precisaria me refazer desde o nada. O amor é uma espécie de suicídio. Nesse caso, longe ainda da possível transformação, longe ainda da borboleta que renasceria, pura lagarta arruinada, longe ainda da alquimia, lobo sendo lentamente cozido no alambique, no meu caso esse verso ganhava contornos por demais literais.

Hoje li no jornal que descobriram os restos do que possivelmente é um representante de uma linhagem humana até então desconhecida, que viveu na Sibéria há quarenta mil anos. O que restou dessa espécie foi um fragmento de osso do dedo mindinho de um menino. Com o osso, acharam também alguns artefatos que os seres humanos só desenvolveram muitos milênios depois, então se crê que os movimentos geológicos, dos rios e da terra, tenham colocado por acaso os dois dejetos juntos. A reportagem diz que seria uma notícia aterradora se esses artefatos tivessem sido usados por tais humanoides desaparecidos. Teriam sido eles as

verdadeiras flores da Terra? Os que eram destinados a construir um destino feliz neste planeta, mas acabaram destruídos pela selvageria dos *homo sapiens*? Pela *nossa* selvageria? Na sala de espera do psicanalista, talvez nosso futuro tivesse sido melhor se enterrado para sempre no gelo da Sibéria, antes da invenção do fogo, da roda e da agricultura. Toda essa saga para dar nisso? Cinco pessoas tristes e solitárias olhando para o chão, esperando a vez de serem ouvidas. Mas eu sei que lá fora a vida bate, as pessoas nascem e gritam; as crianças correm e se encantam pelo mundo, pelo sol, pelos bichos; jovens namoram e fazem planos, com o fogo do sexo e o fogo do coração queimando alto; as pessoas sorriem e comem e falam. Lá fora, a praia está cheia, na beira do azul, do mesmo oceano de sempre, anterior a tudo; a praia cheia de corpos humanos, belos e doces corpos humanos. Há gente nas livrarias, nos cinemas, nas lojas, nas escolas. Gente cozinhando, gente aprendendo a dirigir. Há uma grande festa; de paus e pedras fizemos todo este mundo. Evidentemente, a saga humana não terminou nessa sala de espera de um psicanalista, não terminou e não terminará comigo. A nossa vida é muito mais ampla e absurda. Nossa jornada do nada ao nada não terminou com a crucificação de Cristo, com a peste negra, com o holocausto, com a bomba atômica. Ressuscitamos sempre. Sempre geramos, apesar de tudo, novas crianças, inocentes ou não, correndo atrás das bolas, fazendo perguntas, curiosas e famintas. Talvez haja mesmo um fim. O último ser humano morrendo de uma maneira tão frágil e perplexa quanto o primeiro, quanto qualquer um dos milhões de milhões de outros que brevemente povoaram a Terra. Assim como os dinossauros morreram, talvez de um cansaço atávico e não

por causa de um meteoro; milhões de anos sobre o planeta e nenhuma evolução que realmente fizesse diferença, que realmente os salvasse e redimisse. Talvez terminemos como eles, apesar de tudo. Mas nós evoluímos, pelo menos materialmente, evoluímos, progredimos. Vejam a multiplicidade de objetos, de invenções, de aparelhos, de instrumentos. Sim, de paus e pedras construímos tudo isso. Somos belos e doces e engenhosos. Desde que inventamos a linguagem nos descolamos um pouco da nossa natureza de bichos, nos tornamos criaturas híbridas, no meio do caminho. No meio do caminho entre algo que já não compreendemos e algo que jamais compreenderemos. Desde então, portanto, esse desconforto que nos acompanha. Queremos voltar a ser animais, mas sem sermos novamente bichos; queremos o sagrado e a liberdade. Queremos tudo; tudo ao mesmo tempo agora. O tempo. Desde que inventamos a linguagem, caímos nas mãos do mais cruel e misterioso dos deuses: o tempo. Queremos respostas que não temos. O que somos? De onde viemos? Para onde vamos? Qual o sentido disso tudo? Talvez não haja mesmo sentido algum, e pronto. Talvez seja o momento de reconhecer isso. Há cinco mil anos desistimos de procurar uma solução para a condição humana nos deuses, nos espíritos da floresta, da lua, do vento, dos rios, e achamos que talvez dentro de nós encontrássemos uma resposta. Dentro de nós, e em nenhum outro lugar. Cansados da inconstância e da mudez dos deuses, desconfiamos que o problema de nossa inquietação encontrava-se em nós mesmos. Acendemos uma fogueira, sozinhos na noite do cosmos, e invocamos pela primeira vez o deus interior, um deus único. Reconhecemos que essa criatura híbrida que nos tornamos era defeituosa. Era

preciso que nos transformássemos, que nos corrigíssemos. Era preciso que alguém ou algo nos completasse, levasse o serviço até o fim, pois havíamos sido abandonados no mundo, ainda incompletos. Éramos culpados de uma culpa que não podíamos identificar ou reconhecer. Quantas vezes, meu Deus, um ser humano acorda de manhã tomado pela culpa? Mas culpa de quê, meu Deus? Culpa de quê? De existir, apenas. Na verdade, o que é preciso perceber é que esse nós que queremos transcender é um sintoma e não a causa do nosso incômodo. Não há problema algum, apenas ilusão. Apenas o medo; o medo de existir em meio ao caos absurdo e infinito, que pode facilmente nos trucidar – e que de fato nos trucidou. Há milhares de anos experimentamos infinitas maneiras de redenção, de esquecimento, de retorno ao paraíso original da animalidade ou de transcendência ao reino divino, e todas essas maneiras são iguais e falharam igualmente: orgias, religiões, drogas, nada funcionou. É tudo ilusão. Não há nada de errado conosco. É uma falácia pensar que precisamos descobrir uma maneira de escapar dessa insatisfação, dessa loucura de querer e não ter, de desejar e não saber exatamente o que desejamos. Existimos, e ponto final. Apenas isso. Fechar os olhos e sentir a pulsação da existência. Eu sou. Nada mais. Cultivar constantemente os momentos de vislumbre dessa verdade tão simples e próxima que escapa a qualquer definição ou descrição. Eu sou. Esqueça os ensinamentos, as frases sábias, esqueça que tudo é Um ou que a consciência é eterna ou que Deus é bom, esqueça do Eu Superior ou do Verdadeiro Ser. Esqueça de tudo que é dito, de tudo que transita na linguagem, pois a linguagem é maravilhosa em seu contexto, mas é sintoma. Esqueça de tudo e se olhe

diretamente. Isso o trará de volta a si mesmo, o único lugar possível de ser habitado. Esse estado pode aos poucos dissolver a sensação de ser alguém alienado, distante de si e, portanto, incorreto e atravessado, oblíquo em relação à vida. Não existe a vida, existe apenas a existência. Não existe uma vida correta, ou uma vida desperdiçada, ou uma vida intensa. Existe apenas a própria existência, igual e talvez a mesma para todos.

Talvez o olhar de Juliana, que eu queira, seja um não-olhar. Talvez eu não queira que ela realmente me enxergue, porque um verdadeiro olhar, um olhar que me *reconheça*, que me reconheceria como *ser*, sem precisar atuar nada ou vestir uma máscara, eu não seria capaz de sustentar, seria insuportável. Outro dia meu analista ficou apenas me olhando, sem falar nada, e eu não tinha nada a dizer. Fiquei extremamente incomodado, querendo que a sessão acabasse logo. Talvez eu não queira alguém que realmente me veja, porque também não consigo me enxergar; talvez porque no fundo eu não goste de mim mesmo, me sinta patético. Talvez eu só queira um falso olhar, que sustente uma falsa autoimagem. Pois decisões conscientes, mais sensatas, sempre vacilam diante das investidas das paixões. No entanto, é preciso afirmá-las. Quem na verdade consegue enxergar a si mesmo, ou ao outro? Como podemos realmente enxergar, livres de todos os filtros e mediações? Talvez seja impossível. Juliana, por exemplo, será que existe, ou é invenção minha? E eu, será que existo, ou sou uma invenção dos outros? Ou uma invenção minha? Um castelo de espelhos. No entanto, nos apaixonamos por esses outros, que nós mesmos criamos, e entramos em guerra com eles. O pior é que frequentemente



perdemos. A vida está sempre torcendo o nosso braço. Isso é que dá amar, amar é ser dobrado em si mesmo; amar é deixar-se transformar pelo outro? A posição natural do amante é de quatro. Mesmo assim, é melhor amar que ser amado. O amado está sempre meio entediado. A única esperança do amante é convencer o amado de que ele ou ela não pode viver sem o amor dele, amante. É transformar o seu tédio em profunda gratidão. Mas quem quer fazer isso, quem quer abrir mão de suas fantasias? Hoje, as pessoas lutam até o fim. É mais ou menos essa luta que Juliana está travando, ao mesmo tempo me querendo e não me querendo. E eu, vendo até que ponto posso aguentar, sofrendo, mas sendo transformado nesse processo. É uma estranha dialética essa, que estejamos sempre na mão do *outro*. É o outro que nos dá morte. É através do outro que renascemos. É o outro que nos dá nome. O reconhecimento de si através do outro. Acho que passamos a vida inteira nesse mesmo movimento. Também me dou conta de outra coisa: de como valorizo encontros furtivos, *anônimos*. Talvez seja sintoma de um medo de me aprofundar, um receio à intimidade com um outro devidamente constituído. Por isso encontro mulheres como Juliana, que querem e não querem: talvez quem queira e não queira, no fundo, seja eu. Ontem, no final do dia, fui à praia no Arpoador. Depois me banhei no posto. Ao meu lado surgiu uma moça, que tinha ido se banhar também. Aí ela removeu a parte de cima do biquíni, para se livrar da areia, e deixou aparecer os seios. Percebendo o meu olhar, penetrou meus olhos – e por que para mim é tão importante esse olhar? – e perguntou, *quer dar uma lambidinha?* Dei, claro. E aquela felicidade preencheu-me durante o resto do dia. Eu vivo de migalhas.

As serpentes e os pássaros de Juliana se formando, se enlaçando, ganhando cores diante dos meus olhos. Juliana estava se tornando conhecida, transpusera a tela, pintando agora em tapetes e azulejos, incorporando cortes, cola, adesivos. Ousava mais, seus trabalhos ganhavam uma dimensão maior. Aparecia na mídia, era convidada para coletivas, alguns críticos do momento aplaudiam seu trabalho, tinha agora uma galerista, que lhe dispusera sua assessoria de imprensa. Vendia. Havia agora um mercado para seu produto. O ateliê de Juliana era uma pequena fábrica, ela ganhava alguma reputação e não queria perder a oportunidade; dois ou três assistentes estavam constantemente ocupados preparando as telas, os materiais. E, eu me surpreendia, essa mesma Juliana, frenética, poderosa, dormira em minha casa, mas parecia então frágil e aquietada. Chovera a noite toda, o barulho da chuva na janela, o corpo da mulher respirando ao meu lado, abraçado ao meu. É verdade que, no fundo, ninguém pode dar segurança a ninguém, cegos guiando outros cegos, caolhos de mãos dadas, mãos prestes a se soltarem, enquanto caímos no abismo. Mas, depois de uma noite de amor, abraçados no escuro, a respiração se tranquiliza e a vida aparenta não ser tão abissal. O silêncio da chuva também nos ajudou. Acordei em paz, bem cedo, com calma, e fui fazer café enquanto ela ainda dormia. Logo teríamos que sair. Juliana iria para São Paulo e eu deveria deixá-la no aeroporto. Com sono, dirigi pela cidade molhada e silenciosa. Depois que nos despedimos com um beijo, deixei-me ficar em pé ao lado do carro, recebendo o chuvisco e respirando o ar úmido. Ah, a vida. A vida maravilhosa. Ocorreu-me então, novamente, que, para mim, isto era a vida: os momentos extraordinários, roubados do

ramerrão do dia a dia. Os acontecimentos fugidios, inesperados e secretos. A aventura. As janelas laterais, os olhares oblíquos, o movimento transversal. Isso e não o trabalho constante e consistente da rotina, das metas a longo prazo, a elaborada construção de um projeto. Eu havia sido sempre um viciado no extraordinário. Meu esforço sempre fora o de cair fora, o escape. O alto. O anjo, acima e além do mundo. Só que agora começava a ficar cansado disso. Os momentos roubados não levavam a lugar algum, a fuga final não se efetuava. As viagens, as amantes, as aventuras começavam a ficar repetitivas. Tudo, afinal, é igual, e aparentemente não há como fugir do mundo. Não há como: os santos estão no mundo, os deuses e os mortos também estão no mundo, e tudo que é místico e raro e louco é do mundo. E por um segundo me vi como um ser patético, obstinado, uma anta. Mas assim que cheguei em casa voltou-me a sensação deliciosa da transa, do corpo de Juliana, da conquista dessa mulher extraordinária, do afeto trocado, trazendo-me de volta ao chão, ao corpo, ao seu cheiro nos meus dedos. Voltei para a cama, ainda saboreando a manhã cinzenta, uma dessas raras manhãs silenciosas no Rio. Ainda pensando no colo de Juliana, em nossa transa. Na sua inusitada capacidade de entrega. A pureza me atrai, tanto quanto a vulgaridade. Meu grande desafio em termos de mulher é encontrar alguém que possa voar tão alto e descer tão baixo quanto eu. Geralmente, é uma coisa ou outra. Mas meu analista disse que é mais fácil explorar as profundezas da devassidão a partir de uma relação consciente do que ascender de mãos dadas, os corpos enlaçados, desde o pântano até as esferas celestiais. Mas ainda não estou convencido disso. Há algo de alquímico no sexo, e há algo

de extraordinariamente puro nas mulheres mais devassas que conheci. Uma aspiração, um anseio pelo sublime, uma vontade de se perder. Obsceno é o sexo sem sonho. Não, estou sendo idealista, outra vez. Meu analista é quem tem razão. Quando, com essas tais, o sexo chegava ao fim, nunca havia outro assunto para preencher o vazio, e tudo acabava, com uma dor maior ou menor, dependendo do grau do meu enamoramento, do estágio da minha fantasia. E, quando tudo acaba, sobra apenas a perplexidade de ter-me apaixonado por um ser absolutamente estranho. O sexo sem sonho é o natural – um sexo baseado no amor. Amor? Não sei. Mas, com ela, com Juliana, aprendi que quanto mais desconectado de mim mesmo, mais fantasio. Não é a pessoa presa à terra que é obscena; é o poeta. Por não sentir o corpo, pelo corpo ser apenas representação, pelo outro ser apenas espelho, é preciso ousar mais, é preciso entrar mais, é preciso ser escatológico. Pois o corpo mesmo está amortecido. O ser pornográfico é o ser virtual, é o ser mental. O sexo é o pequeno fio inquebrantável que nos liga à terra. Juliana, você me ensina a amar.

Sol 22/09 16:45 imagino vc a 2 cm de mim, seu calor, sua respiração ofegante... estou excitada

MM 22/09 16:46 2 cm dentro de você...  
15 cm dentro de você...  
gozando dentro do seu coração

Sol 22/09 16:47 vc...é perfeito!

MM 22/09 16:48 você que é maravilhosa, Sol  
você não é para qualquer um

MM 22/09 16:52 cadê você?

Sol 22/09 16:52 aqui estou me tocando, não sei se devo!

- MM 22/09 16:54 só se você não sentir nojo depois.... quero  
ser uma coisa boa na sua vida, não um  
peso na sua alma
- Sol 22/09 16:55 nojo! não sinto, mesmo vc sendo  
excitante, é delicado e sensível,  
apaixonante
- MM 22/09 16:56 imagina que me beija então  
só isso, nossas bocas.... as almas
- MM 22/09 16:57 já transei demais na minha vida, com  
muita gente, para saber que só o amor  
mesmo vale a pena
- MM 22/09 16:58 embora, é claro.... rs
- Sol 22/09 16:58 fecho os olhos e imagino vc aqui,  
sinto seu corpo quente perto do meu,  
minha respiração profunda,  
sinto seu cheiro, sua pele...
- MM 22/09 16:59 eu acaricio seus cabelos,  
te beijo os lábios
- Sol 22/09 16:59 sua boca quente, nos olhamos por  
minutos...
- MM 22/09 17:00 me diga alguma coisa sobre você....
- Sol 22/09 17:01 estou te desejando muito neste momento,  
sua presença... por favor estou ficando  
sem forças... entregue
- MM 22/09 17:06 então minha querida, deixa-me beijar  
sua boca por um tempo e, depois, tirando  
sua roupa, beijar seus seios  
e deixando-a nua, te virar de costas para  
beijar sua nuca, suas costas toda e  
lentamente  
e por longo tempo te levantar

- os quadris e lamber....
- MM 22/09 17:08 depois segurando seus seios esfregar  
com força  
meu pau duro na entrada da sua buceta,  
no rego da sua bunda...  
você já está molhada?  
pede para eu te comer, meu amor...  
quer que eu bote onde primeiro?
- Sol 22/09 17:10 muito molhada....
- MM 22/09 17:10 então eu te viro de frente, deito-me sobre  
você e nós nos beijamos enquanto eu te  
penetro e  
você se contorce toda sob mim.... .
- Sol 22/09 17:12 estou de saia preta com um racho na coxa,  
sandália de salto, de sutiã apenas, minha  
calcinha está molhada demais estou me  
acariciando e imaginando tudo...
- MM 22/09 17:14 daí eu saio e desço e te chupo...  
depois levanto sua perna direita no meu  
ombro e brinco com meu pau em você
- MM 22/09 17:15 depois eu me sento sobre você, com  
meu pau nos teus seios e esfrego o pau  
molhado na sua boca,  
nos seus olhos, no rosto todo....
- Sol 22/09 17:16 estou c/ água na boca!
- MM 22/09 17:17 esfregando no seu rosto, no seu  
nariz, nos teus lábios...
- Sol 22/09 17:17 hummm
- Sol 22/09 17:18 me deixa ouvir sua voz por favor
- MM 22/09 17:19 minha língua entra na sua buceta...  
e depois no seu cu...



- ser mais uma...
- MM 04/10 12:35 você não é mais uma  
e, nesse momento, não tem mais  
ninguém
- Sol 04/10 12:36 Tudo bem então agora me conte que sou  
curiosa... algumas? seu danado!
- MM 04/10 12:38 mas nunca rolou nada de mais
- Sol 04/10 12:44 estou sentindo um ciuquinho ridículo!  
e aquela que vc falou sobre gozar no  
coração dela, me pegou de jeito!
- MM 04/10 12:46 eu falei em gozar no seu coração! no seu!
- Sol 04/10 12:47 meu?!...
- MM 04/10 12:48 sim, no seu  
foi o que eu disse, não se lembra?
- Sol 04/10 12:48 não me lembrava... que vexame!
- MM 04/10 12:51 procure no histórico!
- Sol 04/10 12:54 Tá, tudo bem, adoro você, está puxando  
sentimentos meus, das profundezas do  
meu ser! rs  
confesso! pronto! rs
- MM 04/10 12:55 então querida, não me perca com  
bobagens.... rs  
eu sinto coisas boas por você, também,  
não é só tesão
- Sol 04/10 13:00 É engraçado, da mesma forma que penso  
coisas excitantes pra fazer com você,  
também me pego com vontade de te  
fazer carinhos, massagens... E em  
relação a esta história de ciúme,  
não se preocupe,
- MM 04/10 13:01 minha querida



vamos nos curtir, com calma, por  
enquanto, você é casada.... não é?... rs

(...)

- MM 10/10 13:53 que bom que você voltou  
realmente, só penso em você  
você está sozinha?
- Sol 10/10 13:54 estou, vamos dar uma rapidinha?
- MM 10/10 13:54 tirou da minha boca...
- MM 10/10 13:56 me dê um beijo bem  
gostoso na boca, como está vestida?
- Sol 10/10 13:58 calça preta social, uma camisa cor  
berinjela, sandália e com cabelo preso  
em coque preso com um palito.
- MM 10/10 13:59 beije-me  
enquanto eu acaricio suas costas,  
seu pescoço
- Sol 10/10 14:01 um beijo profundo... passamos nossas  
línguas em nossas bocas  
eu de costas pra vc, viro-me para melhor  
beijá-lo...
- MM 10/10 14:01 não temos muito tempo, né?  
põe a mão em mim...
- MM 10/10 14:02 eu acaricio seus seios por dentro da  
camisa  
está com sutiã?
- MM 10/10 14:03 lambo seu pescoço  
meus dedos brincando com o biquinho  
duro dos teus seios
- Sol 10/10 14:03 estou... vc se encosta e começa a

- se esfregar em mim, me mostrando o  
que vc está querendo, colocando as mãos  
por dentro da minha roupa...
- MM 10/10 14:04 sim... amor, tira toda roupa para mim,  
de verdade, tem coragem? acha que seu  
marido pode chegar?
- Sol 10/10 14:04 nossa respiração fica desordenada...
- MM 10/10 14:05 lambe seus dedos e passa nos teus seios,  
como se fosse eu...
- Sol 10/10 14:05 abri a blusa...  
e os botões da calça meu querido...
- MM 10/10 14:05 estou me roçando no seu corpo...
- Sol 10/10 14:06 estou fazendo, que delícia...
- MM 10/10 14:06 você está molhada?
- Sol 10/10 14:06 estou
- MM 10/10 14:06 molha o dedo de novo e passa de leve  
no seu clit
- Sol 10/10 14:08 estou passando...  
tirei uma perna da calça...  
estou com a calcinha branca de lado...
- MM 10/10 14:08 imagine que está sentada  
eu me aproximo por trás, de pé,  
perto do seu rosto
- Sol 10/10 14:08 quero lambê-lo...
- MM 10/10 14:10 passa no seu rosto, no seu nariz, nos  
seus olhos....
- Sol 10/10 14:11 me faça te lamber...
- MM 10/10 14:12 hummmmm  
que delícia  
eu acaricio seus cabelos, sua orelha
- MM 10/10 14:13 está se tocando?

me abrace e roce seus seios em mim  
 Sol 10/10 14:14 estou...  
 empurre tudo o que está em cima da  
 minha mesa...  
 me coloque sentada na mesa... me deite  
 enquanto passa a língua em mim...  
 Sol 10/10 14:15 aproveita de mim, abuse,  
 faz comigo o que você quiser  
 MM 10/10 14:16 sentada na mesa, te arranco as calças...  
 MM 10/10 14:17 te viro de costas e te deito, curvada  
 Sol 10/10 14:17 não pare agora por favor!  
 me lambe... quero sentir sua língua  
 deslizando... sobre mim...  
 MM 10/10 14:19 demoro-me com minha língua em você  
 Sol 10/10 14:21 isso...  
 Sol 10/10 14:22 me bate!  
 MM 10/10 14:23 espanco...  
 Sol 10/10 14:23 está me matando!  
 MM 10/10 14:25 diz que é minha putinha...  
 Sol 10/10 14:15 arromba, arromba meu... !

(...)

Sol 01/11 14:26 gozei...  
 MM 01/11 14:27 .....  
 MM 01/11 14:28 rs... você foi rápida....  
 Sol 01/11 14:28 conheço meu corpo, me toco... sempre  
 MM 01/11 14:29 tenho que ir  
 Sol 01/11 14:30 NÃO...  
 Sol 01/11 14:40 me deixe... rs  
 Sol 01/11 14:31 "Nada é por acaso... tudo está escrito"!

Decidi comprar um caderno, e em tinta verde escrever os fatos cronológicos do meu amor por Virgínia desde o nosso rompimento. O desgosto. É uma maneira de me centrar mais, talvez, de compreender-me, de compreendê-la, de completar a ânsia, o vazio, a distância entre mim e ela, entre mim e eu mesmo, entre mim e o mundo – talvez aprender a escrever de forma diferente uma narrativa tantas vezes protagonizada; romper paradigmas e paradoxos. Uma maneira de simbolizar e dar sentido à dor. Organizar o transtorno, estancar a sangria. Iniciar a peregrinação do luto. Fenomenologia de uma neurose: a primeira vez que a vi depois da separação foi exatamente no lugar em que a vi pela primeira vez: na sala de reunião do Instituto de Artes e Literatura da Faculdade Santa Clara, onde ambos lecionávamos. Naquela distante primeira vez, na tarde em que fui oficialmente apresentado ao corpo docente, saí impressionado com ela – *essa mulher deveria ter sido atriz*, pensei. Impressionado por sua beleza, por seu carisma. Parecia não se importar com conceitos, como se soubesse que as opiniões são o que uma pessoa carrega de mais superficial. Logo percebi que as pessoas gravitavam ao seu redor, como planetas em torno de uma estrela, e Virgínia não parecia se importar se elas estavam presentes ou não, não fazia nenhum esforço para atraí-las ou repeli-las. Não selecionava seu público, brilhava, na mesma intensidade, para quem fosse. Em pouco tempo eu seria um dos planetas ao seu redor, mas um planeta privilegiado, um satélite. Não demorou muito e começamos a namorar. Como eu ainda não estava de todo adaptado à nova cidade, ainda alojado meio provisoriamente, fomos morar juntos. Na melancólica reunião depois das férias em que eu saíra do nosso (do

seu) apartamento, não conseguia desgrudar o olhar dela – como da primeira vez –, só que agora procurando os sinais de sofrimento e arrependimento que não encontrava. O olhar de Virgínia, por sua vez, mal dissimulava um tédio conformado e inteligente. Perplexo, eu contemplava aquilo que pode destruir um homem: uma mulher. O Júlio sempre sentiu um enorme desejo por Virgínia e, com a nossa separação sendo já de conhecimento público e motivo de comentários, ele não fazia nenhuma questão de disfarçar isso. Era alcoólatra, franco e falador – o rival. Era alto e forte, e sua masculinidade marcante contrastava com meu jeito mais quieto e delicado de uma forma que me incomodava. Porque confirmava o que sempre desconfiara: Virgínia preferia os homens másculos – eu havia sido uma exceção, quase um exercício, uma tentativa de algo novo, que não a ameaçasse tanto. Alguém um dia lhe dissera, ou ela lera em algum lugar: se ama uma pessoa e não é correspondida, seja breve. Caso contrário, observe. Eu fui o caso contrário. O esforço de romper um padrão. Verdade que lhe ofereci muito, e que ela foi feliz comigo – uma vida intelectual mais estimulante (ela que é tão, tão inteligente), um companheirismo mais próximo, em escala humana. Mas, em termos de desejo, quem comanda é o corpo – e para ela não havia como fugir disso. O corpo e sua perversidade. Não que nossa vida sexual fosse frouxa, mas talvez eu nunca tenha sabido ser cafajeste o bastante. Nunca tenha aprendido a bater, a ferir. O rival trabalhava no departamento financeiro, e de vez em quando saía com ela para tomar um chope no final do dia, sem me convidarem. Eu me remoía. Ainda acreditava que por trás daquele magnetismo todo se escondia uma alma tímida, um espírito frágil – me

fazer acreditar nisso foi a maneira que ela encontrou de me manter sempre capturado, o vício de Virgínia era seduzir. Frequentemente mantinha o penteado preso por trás, formando uma espécie de rabo de cavalo com seus cabelos negros e grossos, com uma enorme borboleta também negra, feita de pano. Eu achava isso ao mesmo tempo feio, ridículo e doce. Como se ela fosse uma colegial de trinta anos. E essa doçura (imaginar-lhe gastando tempo no espelho, escolhendo a borboleta numa das gavetas do armário, penteando o cabelo para trás, colocando enfim a borboleta diante do seu próprio rosto refletido) enchia meu coração e alimentava meu amor. Então, num gesto de conciliação, resolvi convidá-la para um teatro. Fomos ver uma peça do Domingos de Oliveira, na Gávea, e depois resolvemos beber um uísque. Virgínia, com uma dose de álcool nas veias, é a pessoa mais encantadora do mundo. Pouco a pouco, através de ocasiões como essa, fomos nos reaproximando. Jurei para mim mesmo que dessa vez não criaria demandas: que meu amor não criaria demandas, que se manteria generoso e suave mesmo se defrontado com uma recusa. Pois sim, o amor é cego e burro. Na véspera do feriado, ela passou no departamento com o sobrinho que mora em São Paulo e que a estava visitando. Pareciam alegres, iriam viajar, passar alguns dias fora. Era uma felicidade tão simples e frágil que me comoveu. Durante a visita, o garoto abriu a porta de um armário onde as faxineiras guardam as vassouras e os materiais de limpeza e, para comoção de todas as mulheres, uma enorme barata escapou, zonzá, pelo corredor. Foi uma algazarra e o menino, aproveitando para mostrar sua macheza, esmagou o bicho com o pé. Virgínia surpreendeu-me ao mostrar-se um tanto sádica, gozando

com a morte do bicho e indo inspecionar, a um só tempo com nojo e atração, a gosma amarelenta que vazou do corpo aberto. *Uffh*, disse ela, como uma anti-G. H. , *até parece outra coisa*. Sorriu, matreira. As outras mulheres reagiram, algumas reprovando, com caretas de asco, rindo também. Eu fingi que não entendi, se é que entendi. Mais tarde, nos despedimos com beijinhos na bochecha, e olhando-a bem nos olhos castanhos, que brilhavam como mel transparente, não pude deixar de pensar na barata, num misto de tremenda ternura e asco. Marcamos de almoçar juntos, no novo shopping que tinha sido inaugurado perto do campus. Como combinado, esperei-a no portão da universidade, pouco depois do meio-dia. Mas ela não apareceu. Retornava por dentro do campus quando a vi, sentada num banco do jardim, de mãos dadas com o Júlio. Sem que me vissem, voltei para casa. Passei o resto do dia num estranho estado de espírito, agitado. Ao cair da tarde fechei as cortinas e escondi-me sob os lençóis, esperando a noite chegar. Quando enfim consegui dormir, sonhei que eu (que não era eu) estava num belíssimo jardim, florido e iluminado, sorrindo com uma foice na mão. Havia matado todos os membros da minha família, todos os meus irmãos, e estava a sós com a minha mãe. No fundo do jardim havia uns urubus, uma árvore, uns ossos, e jaziam os despojos dos mortos. Minha mãe (que também não era minha mãe) estava completamente de acordo com o crime. Mas não era um crime... Quando os convidados chegaram ao nosso jardim, quando chegaram algumas pessoas que não sei quem eram, me dei conta que sim, cometera um crime. Ao mesmo tempo, minha mãe, no sonho, enlouquecia... Encontrei Virgínia pela manhã e disse, irritado, que ela tinha

me dado um bolo. Pretendia não fazer disso um motivo de desentendimento, mas na hora não pude esconder o nervosismo. E não consegui fazer nem uma coisa nem outra: não briguei, mas tampouco conversei normal, perdoando. Ela, sem pedir desculpas, disse que havia se esquecido. Nos olhamos por um segundo, vazio de qualquer significado, e ela por fim disse que estava atrasada e se afastou. Não tinha dado nem dez passos quando uma aluna a chamou; ficaram conversando por um longo tempo...

Agora, se conseguir, vou pôr em tinta a única noite de amor, ou melhor, a única noite de mais ou menos amor que tive com ela desde que saíra de casa – e também a última. Senti-me como aquele escravo persa, drogado pelas mucamas da princesa, que o havia desejado, e carregado ao leito dela, onde despertou com a lua cheia entrando pela janela, com o hálito doce da princesa sobre seu rosto, para uma noite de amor jamais experimentada antes, para as carícias mais longas, mais ternas, satisfazendo o ardor dela, a princesa apaixonada; e então dormir, exausto, nos braços dela, a amada, apenas para despertar de novo no seu barraco, sem saber como poderia ter sonhado, se tudo parecia ter sido tão real, se sua pele estava arranhada, se seus lábios ainda estavam marcados, se ainda levava na boca o mel do corpo dela, a princesa desalmada. Pois o corpo de Virgínia nunca cessava de me fascinar, de me seduzir, renovado em seu mistério. E talvez a dor seja não a negação do gozo, mas o gozo em grau máximo, insuportável. Depois de assistirmos a *Julieta dos espíritos* num festival Fellini no CCBB, ela me convidou para beber um uísque em sua casa, para onde eu retornava pela primeira vez depois de meses. Estava animada e queria



comentar o filme, que via pela primeira vez; a minha já era a quinta ou sexta vez. A empregada tirara o fim de semana de folga. Estávamos a sós. O apartamento era decorado a seu gosto, de forma clássica, *clean*, sem exageros. Não havia muitos quadros nas paredes, os móveis eram leves, de metal e vidro, e um enorme tapete branco cobria quase todo o chão. Nos sentamos no sofá também branco que havíamos comprado juntos. Como descrever a noite de sutis delícias que vivemos? Seria possível o amor – perdido e reconquistado? Muitas vezes trocávamos de posições, no decorrer da conversa, braços, mãos, pernas e joelhos em constante dança, em conversa longa e íntima. E nós, as duas figuras, os dois corpos, fomos nos aproximando e nos tocando e começamos a trocar carícias, Virgínia e eu, eu e Virgínia, e tudo nela me encantava: seus braços pequenos, seu pulso estreito, seus dedos feitos na medida para minha mão, para meus lábios, e finalmente sua boca que era minha boca, a língua de um no céu estrelado da boca do outro. Ela usava um vestido de alça e não foi difícil liberar os seus seios. Deitando-a, já um pouco bêbada, sobre uma das extremidades do sofá, pude sugar-lhe os mamilos, que se intumesceram, e aproximando-me do seu rosto, que ela oferecia, beijar-lhe lentamente e aspirar o ar que lhe saía das narinas, o hálito doce de uísque, sorvendo-o diretamente para dentro de mim, preenchendo os meus pulmões com o ar quente que saía de dentro dela. A boca na boca, a língua na língua, a língua lambendo os dentes, seus dentes de leite, de tão pequenos e delicados, o néctar destilado em pérolas, a saliva, a boca pequena, que nunca se encontrava inteiramente aberta, mas que se entregava, madura, experiente. O vestido caiu, a calcinha caiu, com meu nariz na

sua flor genital, minha boca sugando como uma borboleta suga a orquídea, o gozo dela na minha boca, o tremor do seu corpo sobre o meu braço, que a envolvia. O meu gozo enfim, dentro dela, já virada de costas, com os joelhos no tapete e o corpo curvado sobre o sofá. Depois adormecemos, abraçados no divã. O dia começava a nascer, já era de manhã cedo e havíamos consumido quase uma garrafa inteira de Johnnie Walker. Eu me sentia muito bem, com o gosto dela e o gosto de uísque na boca. Deixei-a e fui ao banheiro. Quando saí do banheiro ela estava na porta, disse oi sem me olhar direito, mas carinhosa, e entrou. Ficou lá por um bom tempo e quando saiu me encontrou vestido, pronto para ir embora. “Tá na hora”, disse eu, ao que ela respondeu que sim com a cabeça. Me levou até a porta, deu-me um beijo. Antes de fechar a porta totalmente, ela disse: “Faz de conta que não aconteceu nada, tá?” “Tá.”

Os incômodos do corpo, a fila para o banheiro, o mau cheiro, o mau hálito e, mesmo assim, o desejo. Passei pela moça bonita que já havia notado em Johannesburgo e, de perto, embora ainda extraordinária, para meu alívio, pareceu-me menos atraente. Estou atento a todas as pequenas manchas de pele, rugas, todos os sinais de decadência física – que se acentuam em poucos anos – e tento adivinhar em cada rosto as hesitações, dificuldades, dores e sofrimentos... Enfim, embora não haja nada de muito novo nisso, a relação sexual começa a me causar asco e a necessidade de unir-se fisicamente com um outro parece-me agora uma tendência absurda. Não seria melhor amarrar-me num poste, encher os ouvidos de cera? Por que sempre responder ao aceno da sereia, como se isso fosse a afirmação da liberdade? Que

mistério pode haver nessa ou em qualquer outra pessoa, homem ou mulher, que valha a pena desvendar? Algo se rompeu dentro de mim, o objeto amado explodiu e a compreensão do amor, tal como eu a mantinha antes, perdeu o sentido. Talvez possa aprender algo com o recato dessa gente, que sempre baixa os olhos ao cruzar com um estranho. Que parece não buscar no encontro com o outro o sentido da vida. E estranhos, gente estranha, aqui, é que não falta. O caótico aeroporto de Déli mais se parece com uma rodoviária, com o agravante de ter muito mais gente, indo de lá para cá, cruzando os saguões, dezenas de muçulmanos de Dubai gritando alto uns com os outros, todos os tipos de figuras e contratempos. A vida multifacetada, múltipla, fecunda e pródiga. Pernilongos enormes. Apitos constantes. Burocracia sem disciplina: por várias vezes pediram meu passaporte, paguei uma taxa indevida, tirei uma foto com cara de exausto, preenchi vários formulários, passei por várias vistorias. Sabendo que a gentileza abre muitas portas na Índia, tratei a todos com respeito e fui bastante paciente. A Índia parece ser tão variada, tão intrincada e complexa, que chega a parecer não existir. Meu tipo de país. Se Jesus Cristo em pessoa ou Buda atravessassem o hall, passariam despercebidos. Por trás dos apitos constantes, tocam uma *raga*; a senhora gorda de *sari* que sentou ao meu lado cheira a *majmua*, o perfume que me faz lembrar de Amanda – mas e daí? Mais adiante, duas mulheres conversam em um estranho português. Estou em outro mundo? Existe mesmo o outro? Acho que não, apenas um afastamento, que permite um lapso de memória de si mesmo, uma respiração, uma pausa na constância de uma certa identidade, de um determinado sentimento de ser. A oportunidade de

outra economia interna: uma autodescoberta, uma nova definição de si, de minhas fronteiras. Aqui, ao mesmo tempo em que, de certa forma, me livro de mim mesmo, me expando. Aqui sou e não sou – a Índia é, simultaneamente, centro e periferia; um jogo de aproximação e afastamento: o outro só existe como instrumento de autorregulação. Há sempre uma estranheza. Mas eu me esforço, para ir ao encontro. Ao outro, eu mesmo. E num desses pequenos templos, todo espelhado, tentei sentir, ou senti mesmo, uma epifania, quando fiquei a sós com a divindade e vi as imagens minhas e do deus refletidas em vários ângulos, o que foi curioso, pois, além da surpresa, me vi de perfil sem imediatamente saber que era eu e achei-me uma pessoa agradável. O que senti que foi um bom sinal, pelo menos não há uma animosidade inconsciente para comigo mesmo. Mas não pude dizer exatamente que divindade era aquela, no meio do templo, tendo quase a certeza de que era Krishna, pois era azul. Com a testa marcada por um *bindu* vermelho (aplicado na entrada do templo por um sacerdote), oscilei entre a emoção e o constrangimento no momento em que um grupo de turistas entrava no saguão – pareceu-me ridículo que eu, um ocidental, com um *bindu* na testa, mostrasse emoção diante de uma pequena estátua de uma figura azul em metal. O que exatamente vim fazer aqui? Como funciona e se regula este complexo instrumento, este trágico brinquedo que atende pelo meu nome – que sou eu?

Ao fechar os olhos, sonolento, vejo um seio e o entendo, um seio de mulher, belo e doce, como uma flor, um seio viajando no tempo, que em sua alegre adolescência foi casto, um seio que gozou e tremeu, intumescido na carícia de línguas

e falos, que um dia amamentou, marcado pelas mordidas roxas do bebê. Um seio que a seu tempo também definha e murcha e morre, como uma flor. Mas não há dor, apenas constatação e doçura; o seio é o seio, um objeto místico, uma invenção de filhos e amantes, uma aspiração, um sonho – um mito. Na fronteira entre o sonho e o pensamento, crio um seio místico, do qual todos os outros são sombras, e penso em todas as nossas identidades – imperador, poeta, médico –, criações de personas, aspirações nas quais nos moldamos. Mas a pessoa, a pessoa mesmo, a identidade anterior e descolada, a sombra que anima a fantasia, o que é, onde fica? Quem está por trás de tudo, dos prazeres (que não sente), das dores (que não sente), que existência é essa, a minha, desprovida e desnudada de todos os atributos e circunstâncias? Quem sou eu? Por alguma razão, de maneira curiosa – uma súbita e intensa identidade com o feminino –, essa compreensão e essa indagação, que na verdade não me são novas, revelaram-se para mim de uma forma indubitável e impactante, na forma de uma sensação. Quem sou eu? De súbito abro os olhos e pela janela observo o movimento na plataforma – uma parada em algum lugar a caminho de Jaipur –, ao mesmo tempo real e onírico. Desperto, sinto-me animado e feliz. A herança cultural da humanidade pertence a todos nós; portanto eu tenho o direito de estar aqui. E o turismo tem sim suas vantagens: abre-nos para o mundo, nos prepara para a compreensão e a fertilização mútua. A Índia está aberta para o mundo. Ao meu lado viaja uma jovem japonesa sozinha. Perguntei-lhe o que está fazendo aqui e ela respondeu *I like India* e ficou nisso; seu inglês não é muito bom e ela parece cansada, está dormindo. Usa roupas elegantes e o caimento da calça, justa em

suas pernas entreabertas, revela perfeitamente o desenho da boceta. Dá vontade de descansar a mão, apertar, acariciar, estranhíssima flor; que maravilha que é uma mulher! Mas, pensando bem, um homem é ainda mais raro. Um homem é algo poderoso e definido, e a mulher é mesmo mistério, o lado profundo e avesso das coisas, o além-superfície. O homem castrado: a mulher. Como se para penetrar no mistério fosse necessário sangrar (e a mulher sangra todo mês), ser ferido – e permanecer vivo, no limiar entre dois mundos. Isso é a mulher, isso é o feminino – e isso eu sou, também. Pela janela do trem, observando a paisagem semiárida do Rajastão, fui gostando do que via.

A vista do palácio de Amber é linda. Elefantes enfeitados levam as pessoas até lá em cima; mas achei uma aventura tola e subi as escadarias a pé. Num dos pátios, de incrível harmonia arquitetônica, vi um guarda deitar um moleque no chão e dar-lhe umas boas palmadas na bunda, sem machucar de verdade. O menino parecia ser um dos moradores das vilas que cresceram e sobrevivem, há séculos, ao redor do palácio, uma das muitas crianças que diariamente pulam os muros do castelo para mendigar do lado de dentro. Realmente, eu mudei muito durante a vida: hoje me identifiquei com o guarda e achei que se o menino estava apanhando, era porque havia feito algo errado; e fiquei apenas aguardando, com raiva, antecipadamente indignado, que um ocidental, com certeza uma mulher, viesse ver aquilo, revoltando-se e se metendo na história, como juiz do comportamento humano, defendendo o menino e insultando o homem; mas, felizmente, isso não aconteceu. Mas que rancor é esse, o meu? Também me recuso a sentir

qualquer culpa em relação à mendicância e simplesmente não sinto nada, quanto muito irritação, quando insistem e principalmente quando tocam em mim. Toda essa pobreza, na verdade, é fruto da secular irresponsabilidade dos marajás, dos imperadores, dos governantes, seja onde for. A herança disso é, ao mesmo tempo, o esqueleto morto do palácio e a carne viva da miséria. Estão certos os que pulam os muros, fazem buracos nas paredes, invadem, saqueiam o que é ainda possível de ser saqueado, namoram no que restou dos quartos onde seus antepassados foram (quando muito) serventes, mijam nos jardins, fumam haxixe olhando as estrelas – ainda as mesmas estrelas. A história não acabou, não acabará nunca, ela precisa de vida e isso – a morte natural do velho – é vida. E o jogo extraordinário entre vida e morte, entre masculino e feminino, talvez, que pulsava no meu interior, na forma de rancor e ternura, de perplexidade e revolta, essa pulsão quase incontida me foi revelada, ou seja, ganhou uma cara, quando dobrei a esquina, logo depois do pátio monumental: escondido do lado esquerdo da portaria principal havia um pequeno templo para Kali, que, infelizmente, ou providencialmente, estava fechado. Passei um longo tempo admirando a porta fechada, como se fosse um portal para o outro lado, um portal para outro estado de existência, que por ora estava vedado para mim. Mas a porta, por si só, merecia ser observada e se estivesse aberta eu não a teria visto: pesada, de pura prata de lei, reunia, entalhadas, vinte representações diferentes da Deusa, algumas conhecidas por mim, outras não. A mais impressionante de todas, ao rés do chão, mostrava Kali, a negra, como três figuras femininas que dançavam macabramente com

uma espada na mão e uma cabeça decepada na outra. A figura central, maior, a Kali principal, havia se decepado e carregava a própria cabeça em um de seus inúmeros braços, e do seu pescoço aberto jorravam três abundantes esguichos de sangue, que caíam nas bocas das três deusas: a cabeça decepada bebia o seu próprio sangue. Uma imagem fascinante. Rezei para Kali, pedindo que afrouxasse suas garras sobre mim. Que me abençoasse e me perdoasse. Pois uma pessoa, cada pessoa, é algo muito misterioso, precioso. Que, de certa forma, me desposasse. Emocionado, impactado – depois de passar o que na verdade foi um tempo em suspenso, diante do portal de Kali, da Kali bebedora de sangue (do sangue de todos nós) –, descí as enormes escadarias, lentamente, cheio de um amor novo, dando uma moeda de ouro e olhando dentro dos olhos de cada um dos mendigos no caminho.

No meio da noite, interrompi a leitura para ir ao *ghat*, às escadarias que levam ao lago. Sim, vou sentir saudades de Pushkar, o oásis no meio do deserto de Thar. Sentia-me envolvido por um sentimento amoroso de serenidade e paz. A insistência dos indianos já não me incomoda tanto, a saudade de Amanda começa a dissipar-se, a insistir menos, meu interesse pelas coisas e pelas pessoas tende a aumentar. A viagem. Pouco a pouco, penosamente, a viagem começa; eu me desligo do que havia antes, do que me prendia, na busca de um espaço de transformação. Seria tolo crer que a viagem estaria livre de dor; e essa dor que sinto (mas que agora não sinto) é o abrir da vida, pois é necessário abrir espaço, é necessário abrir mão, é necessário despir-se. E, já que o hotel iria precisar do meu quarto no dia



seguinte, era hora de partir. De caminhonete, de volta para Jaipur, através do deserto. E foi a partir desses movimentos simples e misteriosos, à mercê da vida, que conheci Renée. Um desses encontros marcados pelo destino, que me fez pensar que há um desígnio maior escrevendo nossas histórias. Pois não somos completamente conscientes dos caminhos secretos da vida e às vezes, sem suspeitar, somos mensageiros ou viemos receber algo importante num lugar distante, ou próximo demais, num encontro prosaico ou aparentemente acidental. E tudo, subitamente, se revela mágico e misterioso. Vinte e dois anos, judia e israelense, muito bonita. Sentou-se ao meu lado nos degraus da rua, onde eu já esperava a caminhonete, depois de depositar sua enorme mochila no chão e de, um tanto nervosa, eu diria tremendo, acender um cigarro. Durante a longa viagem pelo deserto, no seu inglês carregado, mas numa voz suave e um pouco rouca, ela me contou que acabara de viver um intenso encontro amoroso, que durou um mês, com um rapaz português que conhecera na viagem, e que estava surpresa e maravilhada com isso, pensando em passar um tempo em Lisboa para dar continuidade ao romance; que tem muitos e muitos sonhos todas as noites, principalmente com água, e magníficos sonhos eróticos, ou de fundo sexual, e todas as manhãs os escreve num caderno. Um de seus sonhos mais significativos, que me contou, parece muito com o sonho que tive antes da minha viagem: eu deitado ao lado da água escura observando o céu estrelado e as estrelas se movendo e um pedaço de pano, de céu ainda mais negro que o negro da noite, caindo sobre meu rosto, me assustando e me despertando. No sonho de Renée era dia, ela estava numa praia deserta e aparentemente

infinita e de repente o céu, que refletia a água do mar e na verdade era um vidro que continha a água, rompeu-se e todo aquele líquido celeste caiu em turbilhão sobre ela, que acorda assustada. Minha identificação com a história dela me comoveu. Foi para mim uma confirmação da profunda humanidade da minha vida, da nossa vida e seus processos, de que o que nós vivemos outros também vivem, de que repetimos as mesmas histórias, os mesmos dilemas, as mesmas descobertas, num ciclo misterioso e maior do que cada um de nós. Fiquei emocionado – de uma maneira, é claro, que ela ainda não poderia supor. Contei-lhe também parte da minha história, de como ainda jovem (mas achando que era já um homem maduro) fui de Belém para a Alemanha por causa de uma moça que conheci de passagem, de como minha vida se abriu de forma inusitada a partir disso, dos perigos e delícias da perda de identidade, do entregar-se ao outro, outro país, outra cultura, no afã de ajudá-la de alguma forma, de encorajá-la... e apesar de ter me ouvido com interesse, creio que em grande parte as minhas foram apenas palavras ao vento... Teria sido tudo imaginação minha? E a vida abriu-se novamente para suas encruzilhadas sem fim enquanto nós dois, por fim exaustos, nos calamos, eu a fitar o deserto durante o dia, ela cerrando os olhos, com fones de ouvido, escutando Manu Chao, *Próxima Estación – Esperanza*.

A parada seguinte foi um pé-sujo na beira da estrada. Homens e mulheres foram urinar no descampado atrás do banheiro; no banheiro, mesmo, não dava. O local era amplo, com um fogão de lenha imenso, onde fritavam *samosas*, com cheiro gostoso, e grandes mesas rústicas ao ar livre,

onde nós – os quatro passageiros da caminhonete, sem contar o motorista e o copiloto e os indianos empilhados no bagageiro – bebemos *chai*. Um garoto de Singapura, uma menina austríaca, Renée e eu. Foi uma conversa agradável, rápida, quatro pessoas bem diferentes, no meio do mundo. Obviamente trocamos e-mails e com certeza jamais nos escreveremos e nunca mais nos veremos – embora eu tenha pedido para Renée me deixar a par de sua vida e gostaria muito se ela de fato o fizesse. Nos despedimos ao chegar em Jaipur, no crepúsculo, mais um desses típicos encontros de viagem, típicos da juventude, das pessoas que farão o mundo do futuro. Eu, na verdade, sinto-me tão jovem quanto eles. Mas minha visão do mundo agora é outra, absolutamente outra, e não tenho ninguém com quem trocar essa visão, pois a viagem, a abertura para o mundo e para o outro, é, em geral, coisa de jovens, de pessoas que ainda não abraçaram família e profissão, e sou eu quem está aqui na contramão. Cada carro de boi, cada dromedário, cada grupo de mulheres em *saris* coloridos, cada jumento carregando pedras, cada turbante é, para esses jovens, motivo de assombro e alegria; enquanto para mim não dizem absolutamente nada. Estou em tom de despedida? Do quê? Para onde? Andei a pé, no lusco-fusco, até uma espelunca, que não ficava distante da rodoviária. Tomei uma chuveirada, no banheiro escuro e cheio de insetos, e deitei-me na cama de aspecto imundo, o corpo dolorido, pulsando, escutando uma acalorada discussão em híndi no hall, olhos fechados, grato por não entender uma sílaba sequer: apenas sons, a mente totalmente livre e sem amarras, sem se prender no anzol das palavras – a consciência de ser flutuando sobre um mundo estranho.

Viver todos os dias, todos os dias estar na sua própria presença, todos os minutos de todos os dias, ser você, estar vivo, não se esquecer nunca, nem mesmo no sono, pois mesmo nos sonhos sou eu quem vivo e sofro e gozo exatamente como na vida considerada real: um sonho um pouco mais longo que os outros, nada mais.

Para que eu preciso ir a Varanasi? Por que tenho que me banhar no Ganges para, simbolicamente, marcar a passagem de uma fase da vida para outra, inaugurar o caminho para a morte? Que morte? Estou tendendo a transformar esse rito em uma negação, uma não-viagem, o desaparecimento do Ganges e de todo o mundo manifesto – não há nada no universo que possa servir de ponte ou porta. Há apenas as coisas, as coisas como coisas elas mesmas, opacas, sem transcendência alguma, em sua gloriosa imanência. Portanto, o Ganges em Varanasi é igual ao lago sagrado de Pushkar, borbulhante de peixes, que é igual à água da torneira da banheira lá de casa. Não, eu não preciso visitar crematórios ao cair da noite, ou algum obscuro templo de Kali onde sangue de animais lava as pedras; não preciso mais ir a lugar algum neste mundo – e não era nem mesmo necessário ter vindo para cá –, ver mais nada. No fim do dia, antes de me retirar para o quarto, dei uma volta: escuridão, confusão, multidão; lixo, sujeira, porcos, bois, cães; trânsito caótico, calçadas com buracos imensos; crianças sujas chorando e puxando minha roupa. A vida explodindo por todos os lados. Eu, o outro. E a vida – *la vita nuova* – exige: qual o meu lugar no mundo? Como me coloco entre as coisas?

Em ponto morto, esperava no carro, na entrada da favela, ela voltar com suas coisas. Emocionado, e um pouco nervoso, sabia que aquilo tinha um significado novo e grandioso na minha vida. Mas estava feliz, disposto a correr o risco. Poderia, se quisesse, arrancar com o carro, sumir, desistir. Pensei nisso, como experiência mental, pois sabia que uma vez na minha casa, Glória e eu iríamos viver juntos por algum tempo. Mas meu coração não permitia tal cogitação. E a mente sorriu desse amor, dessa certeza. Nunca havia dito para ela que a amava, e talvez muito tempo ainda fosse preciso para que eu o dissesse, mas, naquele momento, esperando-a, era verdade. Estava amando Glória e esperando-a sem pressa. Um pouco apreensivo, é verdade, parado ali no meio da confusão, do incessante ir e vir da favela, no fim do dia. Mas ninguém parecia prestar atenção em mim, e eu confiava. Ela não demorou muito. Uma meia hora, ou pouco mais. Foi o tempo que precisou para se despedir da mãe, fazer as malas, tomar um copo d'água tirada da moringa de barro. Na verdade, só tinha uma mala. Uma malinha de couro, de grife, com todas suas melhores roupas dentro e, de livros, apenas uma cópia de bolso do Novo Testamento. Desceu de óculos escuros, toda de negro, como sempre. Achei que seus olhos estavam marejados, mas foi impressão minha. Ela é bem mais prática do que eu, que sou um tanto sentimental. Em casa, depois de colocar as coisas dela no quarto, nos sentamos à mesa, e eu fiz um chá. *Seja bem-vinda*, disse-lhe. Ficamos nos olhando por um longo tempo, um no olho do outro, num reconhecimento profundo e calmo. Tentei adivinhar seus pensamentos.

Não os pensamentos daquele momento, mas seus mais profundos pensamentos, insuspeitos para ela mesma, os meus mais profundos pensamentos: *O que em mim me faz ser quem eu sou, escolher as minhas escolhas, desejar o que desejo – o que, em mim, condiciona o meu desejo? Onde está, enfim, a fonte desse desejo? Se for preciso ser alguém, o que me guia é meu desejo. E mistério dos mistérios, o meu desejo é único, só meu, insondável em suas origens, incompreensível em suas exigências, inabalável em suas certezas. Tudo o que eu sei é que desejo – mesmo que ainda não saiba exatamente o que é isso que tanto desejo. Algumas pistas: todo desejo é pelo gozo. Desejo gozar, desejo gozar completamente. O ser humano é a criatura mais capaz do gozo – o gozo absoluto, total e irrestrito – e por isso tem a semelhança de Deus. Outra pista: quero ser Deus. Quero ser aquilo que eu desejo. Quero ser o meu próprio objeto de desejo. Esse o cofre – e a chave do cofre – onde me meti durante toda a vida: desejar ser aquilo que desejo. Por isso, quando menino, fingia-me de menina diante do grande espelho no quarto dos meus pais. Um sutiã recheado de meias, o pau escondido, pelos roubados da escova fazendo-se de pentelhos no corpo ainda todo imberbe. O prazer de ser mulher, sempre. E, no entanto, no fundo, o desejo pela mulher, sempre. Acreditar no gozo da mulher, no gozo de ser mulher, e buscar esse gozo. Sendo homem/mulher, ou seja, nem um nem outro. Sendo alguma coisa esvaziada de si, pois, para se desejar ser o seu objeto de desejo, é preciso esvaziar-se completamente. Por isso, sempre fui um ente vazio. Por isso, sou, até hoje, uma pessoa vazia. Se eu desvendar o meu próprio enigma, me liberto – me liberto de mim mesma.*

Posso ver Juliana acordando de manhã, com uma música vindo do quintal do vizinho de baixo. Compreender a língua da música, o idioma, o português, de repente dói mais do que uma navalhada – isso é o que ela sente, sem saber, como desconforto, ao ser despertada. Compreender a língua que se fala é a morte. Juliana sente-se invadida, íntima e profundamente invadida. Não há como se proteger da língua que lhe entra pelos ouvidos. Ela não queria fazer parte desse organismo: o idioma nos une a todos e destrói o indivíduo. Enrola-se em feto sob o cobertor, apesar do calor infernal. Como diminuir-se mais que o próprio corpo? Como fechar os ouvidos? Ensurdecer-se, cegar-se, tornar-se coisa ou quase coisa. Onde enfim o fim de si mesma? Onde afinal as fronteiras intransponíveis? Pois cada ser humano devia ter, ainda em algum lugar no fundo de si mesmo, as ruínas de uma muralha, ou talvez ainda intacta, a muralha que precisou transpor para tornar-se pessoa, um ser humano, um entre outros, a muralha que precisou transpor para poder inventar a linguagem e todo o mundo. Juliana queria fazer o caminho de volta. Transpor de volta a muralha interior, profunda, anterior a qualquer traço de humanidade. Ser de novo aquela coisa fechada em si, em estado de semente, pura respiração, pura matéria concentrada, consciência em estado bruto. Ser ou não ser em silêncio absoluto. Pois todo ser humano quando nasce é um grão, uma pequena semente – mudo. Sem nome, sem fala, quase não é ainda um ser humano, deste tendo apenas o instrumento imprescindível, sem o qual jamais seria nomeado homem ou mulher: um corpo. Mas este grão pulsa, o corpo pulsa e essa pulsação é a ânsia de vida. O corpo

humano começa a dizer coisas e logo essa necessidade de expressar-se toma conta de tudo, incendeia todos os cantos do corpo e do espírito – falar é preciso, desenvolver-se como ser falante, falar sempre e constantemente até que a morte nos cale. Ou nem mesmo a morte nos cala, pois inventou-se a escrita. Quando nasce, um ser humano ainda não é, e a vida toda é um constante esforço em direção ao ser, a transformar-se totalmente em linguagem. O coração de Juliana dói. É preciso perfurá-lo, como se fosse um poço de petróleo, encontrar lá no fundo, soterrada, a linguagem ainda contida. Ela está lá em algum lugar no fundo de si, ela sente, uma linguagem enterrada pulsa e berra um grito amordaçado. Uma linguagem está blindada e é preciso fazê-la jorrar. Juliana está emocionada. Essa dor, essa calma-ria, essa languidez é quase uma santidade. Mas prestes a virar loucura e delírio. Por causa dela, Juliana gira por aí, girassol, atrás das coisas em si, do sexo, do amor, da vida. Mas não é isso que ela quer: ela quer o mundo sublimado em imagens. Essa sua incapacidade dói. E essa dor, também, é quase uma santidade. Mas essa santidade é loucura. É preciso que um canal seja perfurado (deitada na cama, sem ação, ela imagina esse canal abrindo caminho, doendo, chegando à jazida de imagens, anteriores às palavras, sob as camadas de isolamento, fazendo jorrar enfim uma linguagem rica, espessa, profunda – um novo remédio), é preciso que essa dor cesse: *meu lugar humano é o abismo*, acredito ouvi-la pensando. Uma pessoa é a mente. É pela mente que sou o que sou. Eu agora sou Juliana; pensando *vivo à beira do abismo, fascinada por ele, apaixonada por ele. Mas não me joga. Espero a hora certa: o mundo, o universo, a vida, formam um grande abismo, um abismo iluminado, onde*



*nada se conecta a nada a não ser pelo nosso desejo de ordem e progresso. O abismo é o caos, mas não é escuro, embora avassalador. O abismo é um oceano de pulsações, pulsações de êxtase. Cada um de nós é o abismo – o único abismo, o buraco que nos sustenta. Ah, Heleno, o que eu procuro numa relação amorosa nunca vai se realizar. É o abismo. É preciso abrir mão das fantasias, encarar a ferida incurável e partir para outras formas criativas de lidar com ela, utilizá-la de alguma forma, redimi-la, esquecê-la. Em vez de ilusão: o casamento, o crescimento consciente a dois, numa intensa procura de autodescoberta. É preciso pôr fim a todas essas sensações estranhas que estão na minha cabeça e coração. Caminhando na rua, a sensação aguda de estar visitando um plano de existência que não é o meu. É uma esfera muito esquisita essa, quase inverossímil, onde o bem e o mal, o bom e o ruim, o melhor e o pior estão misturados, intrinsecamente misturados em tudo, nos corpos e nas almas das pessoas, e é impossível separar um do outro sem destruir o ser humano. Apesar disso, pensei, a luz celestial penetra de alguma forma, se embrenha, se embaralha, se espelha e se perde nos labirintos da raça e de cada um de nós. A Dor e o Prazer talvez não sejam sensações opostas, mas a mesma sensação, em diferentes graus de intensidade. Tudo dói; tudo dói, meu Deus. E essa dor é puro êxtase – a Sua própria presença em nós, Senhor – a prova cabal de que Deus de fato existe. Obrigada, meu Deus, por essa dor. Obrigada. É preciso aceitar cada um de nós como é, assim: essa mistura efêmera e improvável. É preciso amar isso. Eu preciso amar isso tudo. Eu, tantas vezes reles, tantas vezes porca, tantas vezes vil. Tantas vezes vil. O que fazer quando não há nada a fazer? Quando uma pessoa se sente desesperada, ela procura Deus. Mas e quem já crê e se*

*sente desesperado – o que essa pessoa pode fazer? Vou ficar aqui, calada no meu próprio canto, caladíssima. Não, não vou. Que Deus me ajude a apagar as falsas luzes. Isso Muri-lo me disse, meio chapado, uma noite dessas. Achei bonito. Pensei que todas essas pessoas e coisas que nos fazem sentir menos do que somos são brilhos curtos que obscurecem a verdadeira luz. No entanto, continuo com o desejo grande de ser percebida. Que Deus me ajude a apagar as falsas luzes. O desejo forte de ser percebida no amor e na arte, que são as duas coisas que me assentam no mundo. Dois aprendizados. Só que me pergunto às vezes se realmente quero me assentar no mundo, fazer parte da massa humana (da qual irremediavelmente faço parte). Na verdade, nada que é humano me interessa. E mesmo a arte. Melhor seria não pintar mais – o que tenho a dizer a toda essa gente? Não tenho nada a ver com ninguém. Além disso, percebo cada vez mais como minha pintura é precária, praticamente analfabeta: não sei nada sobre o mundo. Não sei nada sobre mim mesma. No entanto, ao entrar e sair de exposições, ao receber, comprar e ler os novos poetas, ao sair no meio das sessões de cinema, sinto que nada disso é arte de verdade, que nenhuma dessas obras chega aos meus pés. Sinto-me infinitamente superior enquanto os outros brincam de serem artistas. Essa convicção interior me surpreende, pois sei que não nasce de algum tipo de arrogância. É apenas uma convicção, uma certeza, como sei que vou morrer. O fato de ainda ser analfabeta é um detalhe. Mas aprendo rápido, agora que quero negociar com o mundo. Agora que me coloquei de frente para o futuro. Agora que caminho ereta. Ou que tento caminhar, se não totalmente reto, pelo menos numa única direção. Aprendo rápido e cultivo uma nova inesperada paixão: o amor*

*pelo pensamento. Não o pensamento qualquer, devaneio sem disciplina e sem fim – a maioria das pessoas não sabe pensar –, mas o investigar contemplativo, rico de possíveis descobertas sobre mim mesma e minha relação com o mundo. Pensar é estupendo. Murilo me ajuda muito nisso. Ele sabe pensar. Às vezes eu acho que ele é apenas uma grande cabeça, sem o corpo. Mas e eu, não sou um pouco assim também? No fundo não vejo as pessoas como meros objetos e não as manipulo, mesmo quando na verdade não quero fazer isso? Pois quanto mais eu sei que as pessoas existem, mais me sinto só. Por outro lado, quanto mais completa me sentia antes, menos eu sabia quem era. Pois eu vivia, mas era muito pouco articulada na linguagem dos homens. E por mais que eu tenha amado, ou acreditado amar, era sempre o meu próprio espelho o que eu buscava. Um espelho que revelasse não exatamente a minha imagem, mas os meus pontos cegos. Mantive todo o tempo um monólogo, um monólogo quase sem palavras. Meu corpo dançando no espelho do desejo do outro. Quase sem amor. Ou melhor: com amor, mas amor na forma de diamante. Amor máquina. E agora, o que ele propõe, que me atrai e me dá asco, é o amor negociado, o amor efêmero, ou eterno enquanto dure, o que acaba, ou pode acabar, o que é feio, o que é sujo. Impregnar de amor tudo isso que existe à minha volta, pois o humano tem duas caras. Mas como fazer que o amor por esse caminho nasça em mim, como uma seiva, das minhas profundezas? Como gerar tal entusiasmo? Eu era uma árvore alada, sem seiva, sem contato com a terra? O que me alimentava? O que me fazia sentir viva? Ajudai-me a apagar as falsas luzes. Eu, Juliana, sob o sol iluminado desta manhã no Arpoador, quando as ondas batendo na praia do Diabo produzem longos e lentos mantos sublimes de espuma branca,*

*destas pedras de onde vejo uma garça caçando mariscos, o mar aberto com um petroleiro ao largo, os banhistas, os surfistas e a cidade – o quarteirão mais belo da cidade –, carrego um tesouro no peito e faço planos maquiavélicos: esse tesouro de difícil conquista eu só revelo, só troco e negocio, por muito ouro, por muito, muito ouro, pois valho meu peso em ouro e, mais, trago uma tocha acesa nas mãos, de um fogo dos mais raros, e quero e preciso dar a volta olímpica. Os caminhos da salvação são misteriosos: vou dar a Volta Olímpica. Desde aqui berro e me aproprio de mim mesma. (Para que isso acontecesse – para que a árvore se verticalizasse, deitasse raízes e fosse ao mesmo tempo profunda e alta, alta com suas folhas vivas e luminosas – milhares de pássaros foram sacrificados.) Mas agora, nem pássaro nem serpente: tigre. Como se estivesse no topo do monte, olho no vale lá embaixo o percurso que devo tomar na vida. Mas, ao mesmo tempo, olho para cima. Abrir-se-á uma janela num canto superior do céu azul, uma janela iluminada, como se um sol de uma luz mais límpida, mais forte e benéfica, brilhasse do outro lado desta dimensão. Por alguma graça divina, na qual acredito e confio e espero, sou capaz de voar pelos ares e passar por ela – atravessar a janela do mundo. É preciso saber aspirar pelo mais elevado, é preciso manter o olhar no mais alto. As pessoas que eu conheço se descontentam quando se comparam com seus pares, não pela frustração de ambições extraordinárias. Um escritor inveja o outro, porque este ganhou um prêmio ou uma resenha no jornal enquanto para as outras pessoas isso é absolutamente irrelevante e ridículo. Um favelado inveja o vizinho, porque este comprou uma geladeira, mas não sente nada em relação ao milionário que passa de helicóptero sobre a cidade – um outro mundo. É preciso aprender a enxergar*

*outro mundo. Parte da liberdade a que me proponho é não mais olhar para o lado – para os valores e ambições daqueles ao meu lado – e definir sozinha o quão longe e quão alto eu quero e posso ir.*

Noites e dias. O marasmo, a pasmaceira, a doçura, as incessantes taças de chá. O medo. Um sentimento novo, como se estivesse me jogando num abismo escuro, sem saber o que há do outro lado, sem ao menos saber se há um outro lado. Imenso buraco negro. Infinito abismo escuro. Dias e noites. O dia que nasce e que morre. A aurora e o crepúsculo. A vida vista de minha janela. O vento suavemente balançando os coqueiros da praça em frente à minha casa. O mar, ao longe. A delicadeza da vida. A brutal delicadeza da vida. A imensa liberdade de não atender o telefone. Dias e dias sem ver ninguém, sem falar com ninguém. Mas era preciso fazer alguma coisa. A comida acabara, as contas se acumulavam em cima da mesa, para serem pagas. O dinheiro guardado no banco começava a sumir. Então enfim me vesti, fiz a barba e saí para o dia ensolarado. A primeira providência foi comprar o jornal e lê-lo com prazer num banco da praça. Era sexta-feira. Havia duas fotos do mar, na primeira página. Uma mostrava uma onda gigantesca, a mais de cem quilômetros da costa do Havaí, sendo surfada por “caçadores de ondas gigantes”. A outra mostrava uma lancha da polícia cortando o mar, com a praia ao fundo, em busca do corpo de uma modelo que desaparecera depois da queda de um helicóptero. O oceano. Sob a rua, o mar. Debaixo de tudo, a água. No fim, a morte. Mas aqui, na superfície, tudo é azul. E eu respirava com prazer minha enorme liberdade. Na seção de classificados,

nada. Nenhum emprego. Mas isso era esperado. Seria preciso comprar o jornal de domingo. A segunda providência foi puxar do bolso meu caderno de endereços e uma folha avulsa. Começando na letra A, fui seguindo todos os nomes, anotando aqueles que talvez pudessem ajudar-me em algo. Não queria emprego fixo, apenas uns bicos aqui ou ali, talvez traduções do francês ou do alemão, algumas matérias ou críticas para os jornais ou trabalhos de redação, enfim, qualquer coisa que pudesse dar-me uma grana para sustentar minha ainda incipiente vida nova. Deixei por último a providência mais prazerosa: fazer a feira. Respirei fundo. Levantei os olhos. A praça. Uma linda cena. A praça como um *site specific*, uma instalação. Seria possível levá-la inteira, como estava, para uma galeria de arte. Os brinquedos de cores fortes, descascando: vermelho, azul, amarelo. O trepa-trepa, o escorregador, as gangorras. Sozinhos. Ninguém por perto, nenhuma criança. A praça vazia. Apenas vozes ao longe, um rádio que toca ao longe, pássaros. Bandos de pássaros que voam num canto do céu azul pálido. Alguns bancos verdes, também gastos, onde o espectador poderia sentar-se. Uma luz de meio de tarde de início de primavera. O chão de areia batida. Não há brisa alguma, mas tem-se a impressão que venta.

A verdade é que se dissipa a paixão por Virgínia. O ciúme de vê-la colada a Júlio também perde sua força. Ontem estive no Santa Clara, pela última vez, para assinar alguns papéis e receber a última parcela do pagamento que me deviam. A última vez. Como é doce a última vez de tudo. Saber que tudo morre, mas que algo em nós, o que há de mais profundo em nós, sobrevive. Até que chegue a hora

disso também morrer. Mas não era o caso, ainda. Estou vivo, vivíssimo. Respiro com facilidade e caminho como se o mundo fosse meu jardim, uma festa, uma constante celebração. O sol banhando o canteiro de flores, por exemplo. Pela primeira vez, agora que era a última vez, percebia o canteiro de flores. Não havia pressa. Flores simples – marias-sem-vergonha, margaridas, cravos –, misturadas em jardineiras displicentes, ao rés do chão, contra a parede do prédio da administração. Sorri como eu nunca havia sorrido para a secretária que me estendeu o cheque. No corredor encontrei-me com Virgínia e Júlio, saindo para algum lugar. Não contava com isso, e vê-los não me alegrou muito, mas tudo bem, não ia perder meu bom humor. Sabia que era a última vez que nos víamos, pelo menos por um longo tempo. Tinha certeza disso. Eles manifestaram certa surpresa ao ver-me e me cumprimentaram com alegria sincera. Perguntaram como estava etc. A tudo respondi efusivamente, com um largo sorriso. Aquelas duas pessoas, sorrindo, falando e se mexendo na minha frente, davam a impressão de serem bonecos, personagens de pano, seres estranhos que não faziam parte da minha vida. Fitei pela última vez, bem fundo, os olhos cor de mel de Virgínia. Ao cruzar o portão da universidade não olhei para trás. Estava decidido: não pensaria mais nisso. A esfinge começava a ruir. A virar apenas o que é: uma imagem de mulher-leão, impassível devoradora de homens, que ri do próprio tempo. Retiro a esfinge de dentro de mim mesmo: eu não preciso compreendê-la. Ela é o outro e o outro que se entenda. Preciso compreender a mim mesmo e esse conhecimento me bastará para ser o esplendor que sou. Desato Virgínia e ela vira areia, que se dissolve no tempo. Perde a eternidade,

perde o fascínio. O mito acaba. Me solto, começo a andar, começa um novo tempo, e o tempo está a meu favor. Se essa relação fosse uma balança, Virgínia descia, afundava-se nas águas enquanto eu subia. Isso, claro, do meu ponto de vista. Traduzindo, eu me desfazia dela, me desamarrava – e *subia* para a consciência de mim mesmo. O peso morto descia e eu dava as caras comigo. Toda a minha vida foi um longo e doloroso parto. Eu nascia. E aprendia a falar: “uh”, “ah”, “gugu”, “dada”. A palavra de ordem agora é: aprender a falar definitivamente. Não estou ficando louco, é justamente o contrário que acontece: eu era louco e estou ficando são. Como todos os loucos, eu não sabia que o era. Mas era: no fundo era uma espécie de autista, um ser protegido por nuvens de emoção, um ser deslocado da terra, distante de tudo e de todos – um anjo. Mas um anjo não fala. Não tem voz própria. Não tem desejo, nem tem arbítrio. O anjo é um instrumento divino, apenas. Quando o instrumento está sendo usado, ele brilha. É um canal de Deus: brilha a luz de Deus que é transmitida por ele. Mas quando não está sendo usado, o anjo é nada, um adorno. Perde a função e a existência. Eu era um anjo e agora compreendo por que o homem é superior ao anjo: sendo a imagem e a semelhança de Deus, o homem carrega Deus dentro de si, é Deus: pode criar, amar, escolher. Eu me descubro homem e Deus ao mesmo tempo. Passo dias de felicidade quase insuportável, agonizo de êxtase, incapaz de me mover, observando o sol fazer toda sua curva no céu, desde a aurora até a noite, sem me mover da minha cama. Às vezes penso que estou ficando louco, mas não é loucura, é humanidade. Gasto dias deitado na rede, sem fazer nada. Apenas passo o tempo olhando para a janela vazia. Acreditamos que as



coisas estão presas umas nas outras, que estamos ligados uns aos outros e às coisas por laços inerentes, perenes e profundos. Mas nada está ligado a nada. Não nos ligamos a nada, a não ser em nossa frágil imaginação. O mundo é um abismo iluminado.

Quando vou parar de gastar tanta energia, tempo e planos em impulsos e desejos ambíguos, cujos resultados ao mesmo tempo quero e não quero, em relações que não podem dar em nada? Enfim, é preciso ter uma postura mais firme diante da vida, talvez tornar-me finalmente adulto. Caprichar na vida, construir uma coisa bonita. Realmente tomar as rédeas do meu futuro, ter uma intenção mais clara para mim mesmo? Apenas intenções claras podem gerar resultados claros. Estou cansado de viver nas trevas. Eu, querendo tudo, sofro; sofro na minha indecisão de ser. Ao andar na rua, no meio da multidão apressada, eu me pergunto, perplexo: como essas pessoas suportam ser quem são? Como se conformam? Como podem ser tão imperfeitas, tão evidentemente defeituosas, feias, mancadas, pobres, amarguradas e, ao mesmo tempo, seguir com suas vidas, sorrir com incrível frequência? Como podem ser tão santificadas? A infelicidade é o maior pecado, segundo Santo Agostinho. Que é a infelicidade senão justamente o descontentamento? Por que não aceito quem sou, a forma como fui criado? Por que não aceito a minha existência, como o meu pai, por exemplo, parece ter aceitado a dele? Sol estive aqui semana passada, passou alguns dias visitando a cidade, com o marido. Ficaram num hotel no Flamengo. Eu saí de casa e me hospedei no mesmo hotel. Deve ter sido a última vez que a vi. Mas aprendi algo com ela, com essa história – vou

me *recolocar*. A inserção na vida, o encaixamento, não é, como pensei, uma negociação com o mundo, um embate com a linguagem, uma piscadela sedutora, um reconhecimento do *outro*, mas sim uma conquista interior, no chão e na pedra. A pessoa consigo mesma. Eu. Mas uma pessoa diante de si mesma, uma pessoa sozinha, uma pessoa de olhos fechados, está ao mesmo tempo *próxima* e *distante* de si mesma e também distante e próxima de qualquer outra pessoa. Então esse jogo de existir, de vir a ser, esse jogo erótico, é realmente muito complicado e perigoso. Portanto, o que importa agora não é o nome ou a forma, mas sim a *propriedade*, o *peso*: quero agora todo o peso do Ser. Há de existir uma luz densa, pesada. Quero o cerne, o buraco negro, densíssimo âmago do meu universo vasto. Quero ser a coisa mais nuclear, pesada, imóvel do cosmos; quero a raiz da raiz, o fundo do fundo, o negro mais negro, o duro mais duro, o peso mais pesado, a matéria mais lenta, o suprasumo da fisicalidade, caroço. E que isso seja, ao mesmo tempo, leveza. Amor puro. Amor puro em inconcebível potência de coice.

Sol 25/II 11:25 fiquei pensando em algumas coisas que me disse da última vez

MM 25/II 11:27 ...também pensei em você...  
mas em que coisas que eu disse você pensou?

Sol 25/II 11:29 Você me pareceu meio rebelde...  
disse muita coisa a respeito de relações suas, suas novas expectativas... me assustou um pouco... mas

MM 25/II 11:30 sim sou meio rebelde

- mas...
- Sol 25/II 11:37 me jogou um balde de água gelada...
- MM 25/II 11:39 por quê?
- Sol 25/II 11:41 me disse pra curtirmos devagar, sem  
pressa... e no entanto me deu todas as  
coordenadas... tipo se  
“quiser tem que ser assim”...  
perdi até a vontade de ir pro Rio
- MM 25/II 11:43 falei um monte de bobagens...  
esquece, tá?
- Sol 25/II 11:49 me falou cada um no seu canto...  
qdo perde a novidade vc se cansa...  
tem que ficar longe, não  
se ver todos os dias... etc.
- MM 25/II 11:51 ah... mas você falou que gostaria assim  
também... na verdade, não tem regras,  
mas tudo tem que  
acontecer naturalmente, respeitando o  
que cada um gosta, quer
- Sol 25/II 11:52 é, falamos em deixar acontecer...
- MM 25/II 11:53 perdeu a vontade de vir?
- Sol 25/II 11:53 não, mas não tão precipitadamente.
- MM 25/II 11:54 por quê?
- Sol 25/II 11:56 também tenho projetos de vida... estava  
a ponto de fazer uma loucura e você  
me fez ver que talvez um gesto sem  
pensar soaria pra você como uma mulher  
inconsequente que pode te atormentar  
de algum modo...
- MM 25/II 12:00 a gente tem que se conhecer melhor  
primeiro...

- MM 25/11 12:00 queria que você viesse, para o curso, por alguns dias, a gente ficava juntos e daí por diante...
- Sol 25/11 12:01 o que pensaria de uma mulher casada que sai de onde mora, vai a um lugar desconhecido, encontrar com um homem que mal conhece influenciada pela paixão? seja sincero!
- MM 25/11 12:04 não pensaria mal de jeito nenhum... eu te conheço o suficiente para saber que você é sensata, mas seu espírito está sufocado e você está buscando maior felicidade, acho que tem o direito de fazer isso, mesmo sendo casada ainda
- Sol 25/11 12:04 é para acreditar?
- MM 25/11 12:07 deve ser...  
você é uma potrinha, não é?  
às vezes morde, está dando coices... rs  
eu adoro montar em você!
- Sol 25/11 12:07 filho da p. !
- MM 25/11 12:09 Sol querida  
o que está havendo?
- Sol 25/11 12:14 meus sentimentos estão um turbilhão...  
o feitiço virou contra o feiticeiro...
- MM 25/11 12:15 venha passar um tempo comigo
- Sol 25/11 12:15 NÃO
- MM 25/11 12:15 VEM!
- Sol 25/11 12:15 NÃO
- MM 25/11 12:16 rs  
vem, amorzinho, vem...

- Sol 25/11 12:16 não vou, não...
- MM 25/11 12:19 venha fazer uma dulcíssima loucura
- Sol 25/11 12:20 e se eu quiser mais e mais...?
- MM 25/11 12:21 é um risco que corremos
- Sol 25/11 12:21 não tem medo da psicopata que poderei  
me tornar?
- MM 25/11 12:23 TENHO
- Sol 25/11 12:25 está vendo que não pode reclamar... você  
é que deixa uma mulher assim!  
Não vai fazer isso comigo, comigo não!
- Sol 25/11 12:28 você nem sabe o que quer...
- MM 25/11 12:29 nisso você tem razão
- Sol 25/11 12:33 nas primeiras vezes que falamos você  
disse que seu vínculo com o mundo se dá  
através da mulher... mas...  
me disse também que não suporta rotina  
e qdo tudo está meio parado e previsível  
perde o interesse! Mas quando se  
apaixona, perde a cabeça, fica obcecado.  
Diz que assim como a mensagem de um  
livro é transcendente ao próprio livro,  
você nunca encontrará sentido na vida...
- MM 25/11 12:35 é, você é bem perceptiva
- Sol 25/11 12:36 você ainda será abandonado
- MM 25/11 12:36 por você?
- Sol 25/11 12:36 agora!
- MM 25/11 12:36 estamos nos despedindo?
- Sol 25/11 14:27 isso que quer?
- MM 25/11 14:28 claro que não  
você vai agir como os homens que têm  
medo de você e borram as calças?

- quero você, mas não dou garantia  
nenhuma que tal?
- Sol 25/II 14:29 não entendi
- MM 25/II 14:30 você está com medo de mim
- Sol 25/II 14:30 estou
- MM 25/II 14:30 e vai deixar o medo ser mais forte?
- Sol 25/II 14:31 não sei
- MM 25/II 14:35 a gente não sabe ainda, Sol, temos que  
experimentar...  
mas sei uma coisa: esse tesão todo que  
sinto por você chega a incomodar
- Sol 25/II 14:38 fale-me uma coisa... abertamente...  
lembra-se de mim todo o tempo,  
sente algo quando se lembra?
- MM 25/II 14:40 para falar a verdade evito pensar em  
você, mas às vezes não posso controlar
- Sol 25/II 14:42 também vou ser sincera,  
nas primeiras semanas  
que começamos, mexeu muito comigo,  
me lembrava e tremia por dentro, agora  
passou um pouco... me lembro de você  
em alguns momentos, sinto vontade de  
estar com você...  
e muito tesão
- MM 25/II 14:44 sim, acho que é parecido então... rs  
acho bom, essas sangrias desatadas  
nunca acabam muito bem eu acho...  
mas o tesão é incrível!
- Sol 25/II 14:49 mas... esses espaços de luta interior  
fazem as coisas ficarem mais profundas...  
emocionantes...

- MM 25/11 14:54 é muito estranho esse desejo. estou com  
ciúme do seu marido!
- Sol 25/11 14:56 eu sei, também me senti traindo você...
- MM 25/11 15:03 não sei o que fazer  
queria te devorar
- Sol 25/11 15:04 acho que minha imaginação em relação a  
você está perfeita...  
tudo que penso você me diz!
- MM 25/11 15:05 o que vamos fazer?  
qual nosso plano?

Chove – a cidade de Belém, o Rio de Janeiro, toda a Índia, é inundada, afunda – assim como eu sou, frequentemente, inundado, invadido, por mim mesmo, que facilmente venho à tona: sou permeado por mim, sem defesas. Amanda foi meu pântano vindo à tona, as águas subindo, tomando conta de tudo, molhando tudo, engolindo tudo, eu me afogando nas águas escuras que brotam de mim mesmo. Amanda, minha água escura. Água viva? Meu mais profundo rebento. Minha fonte de fogo negro. Meu sol ao avesso. Amanda, meu chicote. Meu cão. O inferno, o quinto dos infernos, em forma de pessoa. O demo. Exu. Realmente acabando comigo, me destruindo por dentro. Amanda. Eu querendo. Chove. Imagino o mendigo sob a chuva, se dissolvendo. Sou o mendigo negro sob a chuva, na cidade alagada, se dissolvendo. O mendigo negro com suas roupas dilaceradas, trapos desfeitos, seu saco de plástico negro rasgado. Sou o mendigo negro se dissolvendo, dissolvido. O ácido. Amanda, o ácido. Corrosivo, corroído. O plano era ser destruído por você. Não, o plano era me dedicar a você, completamente transferido, porque, desde o início, eu vi:

eu sou você. O plano era cuidar de você, das suas muitas infinitas feridas. Para que cuidando delas eu cuidasse das minhas. Por que eu não podia me olhar de frente, encarar meu próprio abismo? Não podia. Cuidando de você, eu cuidaria de mim. Aos poucos, paulatina, homeopaticamente. O ácido se transformando em mel, as águas escuras em néctar. Luz. Eu me sabia capaz. Alquimia. Eu acreditava. Eu sabia. Mas você não pôde. É evidente que você me abandonaria. Mais dia, menos dia. Mas não seria agora. Em trinta anos, talvez, eu acabado, você na flor da vida, feita, enfim, nascida, graças à minha seiva. Eu por você todo sorvido, bebida. Eu apenas a casca murcha da fruta. O lixo. Mas aí – essa a esperança, esse o risco, o perigo, a beleza do processo, que constituiria em toda uma vida; e isso, por si só, já seria uma vitória – aí, bem ou mal, teríamos, ambos, feito dessa queda um passo de dança, ou seja, uma vida, coisa que não tínhamos, e nem ainda temos agora; mas aí já seria tarde, eu também já seria enfim completo, ou seja, eu também já seria nascido, seria tarde para o abismo me triturar: vitória, vitória. Cuidaria do meu desamparo, através do seu corpo físico, minha filha e mãe, instrumento. Conseguiria me ver enfim graças a você – nós dois feitos, redimidos. Se isso não é amor, o que é? Amor: lanço minha fantasia sobre alguém – que não compartilha dela. Derrota, derrota. Amanda, você não estava pronta. Jamais estaria? O que seria aos poucos foi feito na hora. Agora. Angústia, oceanos de. Fui lançado ao meu abismo sem o recobrimento do seu amor. Faltou-me seu olhar. Seus braços, sua voz. Faltou-me você toda. Só abismo. Eu, no meio do sertão, sem sentido. O mundo. Destampado. O mundo destampado era apenas mundo, sem sentido. Sem rumo.



Poderia ter sido de outro jeito? O amor no seu impossível? Condenada a ser morta, para mim, desde o primeiro dia? Escolhida por morta ser? Impossível por ser amor por Mãe? Minha luz, meu motivo, vereda que corre para o rio, com receio do mundo. O mundo é muito grande. Grande e pequeno. O mundo só é bom na companhia dela; a perdida. A proibida. Era o destino? Tinha que ser assim: o destino? O mundo construído, sendo construído. O mundo do tempo e da conversa: eu, sem competência para querer viver, por fim vivendo. Passagem. Travessia. Atravessamos o rio, e damos no mundo dos homens, nisso: o oceano da linguagem; outros oceanos. Ou melhor, ao contrário, atravessamos o oceano, o mundo que queríamos sem fronteiras, sem tempo ou fala, pura terceira margem, e demos nisso: o rio. Resta-nos contar histórias, sobreviver no fluxo corrido da lorota. Não a poesia, mas a prosa, agora. Qual o sentido, então, que ela dá? Que Amanda dava? Que significante era esse – é esse – que, retirado, destampa o mundo, deixando-o sem sentido, escorrendo para o ralo? O sentido da entropia; no fundo, a morte. Não a quero, posso escolher não querê-la; é preciso. Mas o que há de positivo, nela, nesta fantasia? Há de haver algo de positivo. Para levar comigo, para costurar em algum outro amor, amor de outro tipo, brocado em outro vestido, como souvenir ou brinco, capricho ou riqueza. O que há em Amanda de bom, afinal? Como, mesmo sem ela, fazer da imagem dela, dessas águas sujas, um mel? Um fio de ouro, costurado pelas bordas; que seja, as bordas do abismo onde me demoro, onde bebo minhas palavras, só minhas, singulares, onde mergulho a alma, mas agora com escafandro e tubo de oxigênio. Fio de ouro costurando minha vida, costurando os trapos, os

retalhos, amarrando mais ou menos o boneco possível, a emília, o elefante. O que há de bom, neste grande defeito meu, coisa mais minha que eu, que é amá-la? Amá-la tão estonteantemente? Noiva no sacrifício do altar, rodopiando, rodopiando, no meio do redemoinho? Neste grande defeito meu, naquilo que sou mais eu, desentendido, do que em mim sou eu, minha marca mais funda, meu desejo, qual é o ganho positivo? Pois matuto dois tipos de dores, de cortes, de cicatrizes, de paixões, de perdas, de chagas. Há os que perdem o que têm; e os que perdem o que pensavam que teriam. As duas feridas são igualmente contundentes; as duas coroas de espinhos podem ser fatais. Os que perdem o que têm, ou que tinham, acham que o objeto ou o ser perdido são insubstituíveis, e o mundo perde a graça e o sentido. Mas para aqueles que perdem aquilo que aspiravam ter um dia (por mais distante e irreal que fosse esse sonho aos olhos dos outros), o mundo desde o princípio já não tinha graça ou sentido: agora são obrigados a viver uma vida duplamente desiludida. Claro, aqueles que tinham, e que agora perderam, não eram verdadeiramente senhores do seu objeto, ou de si mesmos, havia ali um grande grau de fantasia – caso contrário não haveria o martírio. Do mesmo modo, aqueles que perderam suas ilusões não viviam apenas em ilusão; o objeto amado não era apenas fantasia: para o corte se fazer era preciso algum grau de realidade, era necessário que o sonho parecesse prestes a ser realizado; caso contrário a paixão não seria completa – não haveria a queda. O homem é sua queda. Amanda, você é o que poderia ter sido, a vida inteira, mas não foi e jamais será e nunca seria. Mas o que é; então, o que fica? Há a doação; enfim: há o amor – amor humano. A capacidade

de amar, aprendida amando. Se uma mulher reveste seu desamparo sendo amada, quero dizer, sendo um objeto, um homem o reveste amando, sujeito. No oceano eu me dissolvia de amor, queria ser dissolvido em amor. No rio, neste rio da vida, cheio de olhares e palavras, eu amo: destino meu. Haverá aqui uma mulher para mim – nem pai, nem mãe, nem filha, nem irmã –, mulher companheira, Penélope-Otacília.

Abraçado a ela na cama, pela minha cabeça desfilou uma procissão de amantes; pessoas que, dessa maneira íntima, compartilharam minha vida. Detalhes dos ambientes, dos corpos, dos gestos de cada uma delas, desordenadamente, mas sem atropelos, uma por uma, aos poucos, surgindo na tela da minha mente – na sala escura do meu coração – como se fossem caminhos aleatórios, mas necessários, para desembocar ali, hoje, naquele momento, mais um momento após o outro, com Glória. Não que Glória fosse melhor, ou a culminação de uma jornada; mas eu estava consciente da própria jornada, da caminhada que se fazia ao ser feita, do próprio ato incessante de caminhar – como também dizem aqueles versos de Antonio Machado – e que, sim, de alguma forma apontam para um tipo de crescimento, uma lenta e penosa evolução. Glória não é melhor do que ninguém, nem sou melhor agora do que já fui; no entanto, há neste momento maior leveza, maior percepção de mim mesmo e do outro, maior capacidade de escolha. Glória não é o melhor dos mundos – não é muito culta, por exemplo, nem mesmo muito articulada –, mas já não há o melhor dos mundos. Glória é jovem, doce, bonita, disponível, batalhadora, esperta e boa de cama. Nem muito

melhor nem muito pior do que as outras, mas alguém que se encaixa em meu corpo, e naquilo que nele não é o corpo, mas sim algo percebido como um vulto disforme, ao mesmo tempo luminoso e obscuro, no qual eu me reconheço e conheço por mim mesmo – de uma forma aconchegante e fácil. Nem melhor nem pior, mas a escolhida; a colhida, como se fosse uma fruta modesta e madura, a acolhida. Pelo menos por ora, a colheita.

Mal consegui dormir, de tanta coceira no corpo – seria a água? Na meditação, das quatro às cinco da manhã, não senti nada, não aconteceu nada, embora o tempo tenha passado rapidamente. Depois da meditação, o *chai*, servido no refeitório, em silêncio: uma hora sagrada, ainda sob as estrelas da madrugada, a brisa fria das primeiras horas do dia, o aroma dos jardins, todos envoltos em xales, voltados para dentro. Ocorreu-me então ir ao templo de Shiva e, em vez de acompanhar a todos no longo canto da manhã, presenciar, sozinho, o *abhishek* no *lingam*, o banho ritualístico da deidade. Dois brâmanes, repetindo mantras sem cessar, lavaram o *lingam* negro sobre a *yoni* branca; e quando lançaram sobre ele uma mistura de leite, água de rosas e mel, parecia o sêmen de Shiva jorrando de seu falo, e o líquido escorrendo pela *yoni* parecia finalmente o gozo da deusa. Algumas folhas de marmelo, pétalas de jasmim e muita água, representando a purificação casta e austera de Shiva. Nesse momento, uma mulher entrou no templo e sentou-se ao meu lado. O homem e a mulher. Tive uma ereção e pensei em algumas das minhas parceiras sexuais durante a vida, em algumas das muitas mulheres que amei. Será que vou conseguir, se não um voto de castidade completa, pelo

menos um voto de continência, um foco justo e honesto? Recebi dos brâmanes, num determinado momento da cerimônia, uma belíssima flor rosa, com muitas pétalas, e também uma colherada do leite com mel oferecido ao *lingam*, que bebi. Mais tarde, depois de segurar a flor no colo, esfreguei-a contra o pau e deixei-a dentro da cueca – o dia inteiro. O dia inteiro a força desse ritual perfumando meu sexo, purificando meu corpo, rejuvenescendo meu espírito e meu coração. A vida inteira; pois o mistério dos momentos atemporais é que eles iluminam não apenas o futuro, mas também o passado. Depois de terminada a cerimônia, os brâmanes saíram, deixando as velas e os incensos acesos e o material todo diante da divindade, enquanto o sol nascia suavemente iluminando o rosto de Shiva esculpido em seu *lingam*. Eu e a moça entramos em meditação. De repente, por alguns minutos, visitei um vazio escuro, cósmico, onde não tive consciência de nada, nem da passagem do tempo, nem de estar vivo. No entanto, ao retornar, continuei sofrendo. E como poderia ser de outra maneira? Toda transformação implica dor, e eu vim até aqui para ser transformado: angústia. De vez em quando é preciso deixar a tranquilidade estável da rotina para remexer o fundo de si mesmo, para incomodar e crescer. É isso que estou fazendo, embora ainda receoso de estar tirando umas férias longas demais da minha própria vida. Mas não: é importante dar-se esse tempo fora do tempo, esse tempo em suspenso, no qual as coisas acontecem e maturam em silêncio. Tempo de casulo, entre lagarta e borboleta. Continuo pedindo clareza a Shiva – ele, o senhor da austeridade, o destruidor de Kamadeva, o deus do Amor. Ontem, durante o jantar, a conversa girou sobre as doçuras do casamento, a ternura do

amor comprometido, do sexo prolongado por anos e anos – algo que talvez eu não conheça, mas ao qual poderia me dedicar. Por que, afinal, este medo da intimidade? Toda escolha implica perdas, mas traz ganhos. Devo fechar meu coração, cair na tentação de fechar meu coração, ou exercitar o amor como se nunca tivesse sido ferido? Talvez nem uma coisa nem outra. Melhor evitar as soluções extremadas, os impulsos histéricos. Já tentei a castidade antes. Funcionou maravilhosamente bem por um tempo, mas eventualmente o desejo retornou, mais forte e transgressor do que nunca. Comecei então a considerar o sexo uma necessidade natural e, portanto, indomável, como comer e dormir. Fracassei? Sou sempre um fracasso, um arremedo? Não tenho vocação para santo; não sou obrigado a ter. Ou tenho? Além disso, o caminho da santidade abarca todos os paradoxos. Melhor desistir da santidade, porque não a compreendo, talvez nunca seja capaz de compreendê-la. Aceitar minha ignorância, minha infinidade de pontos cegos, minha opacidade. Por que me privar de um direito de todos, de todos os homens comuns como eu, dos prazeres do meu corpo? Deus, quanto gozo cabe no meu corpo! No meu corpo opaco e misterioso. Na minha existência misteriosa e opaca. Mas por que em mim também tanta falta de limites, meu Deus? No mundo humano, onde ora habito, habitante, tudo é construído. Quando nascemos, não nascemos do nada, do zero, já herdamos uma construção. Tudo já construído pelo esforço de gerações. Não há nada no mundo que venha ou se sustente no vazio; tudo é construído: trabalho, relacionamentos, felicidade, propósitos. A vida toda é construída. Também, nesse mundo, tudo é limitado. É no mundo que o infinito se limita; é aqui que a eternidade

pode se afeiçoar pelas construções do tempo. Como bois em seus pastos, rodeados por cercas, há interdições por todos os lados: tempo e espaço, gênero e idade, culturas, corpos. Esses limites nos condicionam, nos desafiam e nos instigam a crescer. Esses limites dizem quem somos. Responsabilidade, sim; discernimento, sim; disciplina, sim. O esforço vale a pena. Mesmo porque, caso contrário, seria melhor abandonar a minha vida. Onde mais eu seria capaz de encontrar sentido? Será que não sou capaz de cultivar virtudes? Oh, minha mente, resolva-se por aquilo que é nobre! Tornar-se uma pessoa, aprimorar-se, requer coragem. Talvez seja essa a santidade possível: a vida de uma identidade assumida, trabalhada, oferecida. Ser uma pessoa: dispor-se de si mesmo – e estar disponível. Doar-se ao mundo, compartilhar da criação divina. Pois a vida humana é e sempre será uma experiência mundana. O mundo é o caos organizado, aquilo que foi disposto em ordem, pelo amor dos homens. O que preciso fazer, na verdade, é descobrir o que é o amor e me estabelecer nesse conhecimento, nessa experiência. Se é difícil compreender o amor, pelo menos eu sei como ele se manifesta, onde ele mais aparece e fulgura: nas virtudes, no campo semântico das ações amorosas; gratidão, generosidade, compaixão, desapego. Por que tanto receio de misturar-me ao outro, de conspurcar-me com o outro? Por que, ao mesmo tempo, tanto desejo? Se não ousar ir mais fundo, além das interpretações corriqueiras, das fantasias açucaradas, das reações de mágoa; se não ousar renunciar a um desejo voraz disfarçado de doação, a um comportamento infantil travestido de bondade, a uma demanda fantasiada de oferta; se não me permitir mergulhar no âmago de mim mesmo, para talvez lá conquistar a fonte de um

amor pelo qual vale a pena dedicar a vida – como lá, no fundo de mim mesmo, criado por mim mesmo, visitei o fogo do inferno, a dor mais canalha –, nunca passarei da superfície de uma existência sem valor, eternamente entre mim e outro, entre uma coisa e outra, e mais uma terceira, e mais uma quarta, os mil tentáculos do polvo. O amor é algo difícil de ser apreendido, mas sua presença pode ser sentida abundantemente nas árvores, nas crianças, nos sorrisos e olhares sem segundas intenções, na amizade sincera, em milhares de outros detalhes e miudezas. Só o amor pode transformar o tempo em deleite. Só o amor salva. Só o amor pode dar sentido ao abismo e criar o contagiante estímulo, o entusiasmo da criação. Onde há uma pessoa de verdade, outras pessoas são feitas, florescem. Por que não receber inteiro aquilo que o mundo me oferece? Por que não me oferecer por inteiro? Que amor é esse; onde ele se torna manifesto? Solidariedade, gentileza, paciência. Cultivar um coração puro. Só um coração puro é forte; só o humilde pode ser corajoso. É preciso ser muito forte para amar. Amar a si mesmo e aos outros, num único movimento de poder e abundância. É um momento muito doce quando alguém desiste de seu egoísmo. Talvez esse dia nunca chegue completamente para mim, mas pelo menos posso tentar. Tentar de alguma forma produzir em mim o único item capaz de costurar todos os pedaços, de silenciar os meus gritos, de saciar as minhas fomes e sedes. Posso tentar dedicar a minha vida àquilo que a torna genuína: não o Amor, mas o amar, verbo transitivo. Amar apropriadamente cada uma das coisas que se apresentam, no gotejar das horas, cada pessoa, cada situação – essa a dádiva do tempo, essa a dádiva do mundo, essa a dádiva do humano. Vale a pena, tudo.



Essas flores que impregnaram o meu corpo durante todo o dia são as mesmas que eu despetalava sobre sua cabeça, Amanda, sobre seus cabelos de indiazinha, todas as vezes que você entrava em minha casa. Um dia você murmurou, sorrindo, sempre um pouco encabulada, “Não poderia ser mais amoroso”. Sim, não poderia ser mais amoroso, minha cara, minha querida. Um amor tão delicado, um desejo tão violento, uma história tão doída. Cada um de nós um caco de um espelho estilhaçado. Nenhum encaixa perfeitamente com outro; nenhum pode revelar o outro; refletir a verdade ao outro. Ninguém, nada coincide inteiramente. Mas podemos amar, dar liberdade. Só há passagens, atravessamentos. Renuncio à inércia para viver aqui. Adiante. A vida correndo no fluxo do tempo; os anos. Como um fio de gilete que me corta de leve. Às vezes, mais fundo. O dia, o mestre.

TIPOGRAFIA Garamond e DIN  
IMPRESSÃO Singular Digital